



Alain  
de Botton

O curso  
do amor

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

ALAIN DE BOTTON

# O curso do amor

TRADUÇÃO DE CLÓVIS MARQUES



Copyright © 2016 by Alain de Botton

TÍTULO ORIGINAL  
The Course of Love

PREPARAÇÃO  
Taissa Reis

REVISÃO  
Ulisses Teixeira  
Cristiane Pacanowski

ILUSTRAÇÕES DE CAPA  
Monica Ramos

REVISÃO DE E-BOOK  
Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE E-BOOK  
Intrínseca

E-ISBN  
978-85-510-0217-9

Edição digital: 2017

1ª edição

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



[intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)

*Para John Armstrong, mentor, colega e amigo.*

## SUMÁRIO

*Folha de rosto*  
*Créditos*  
*Mídias sociais*  
*Dedicatória*

*Romantismo*  
Paixões  
O início sagrado  
Apaixonados  
Sexo e amor  
O pedido

*Para sempre*  
Coisinhas bobas  
Emburrados  
Sexo e censura  
Transferência  
Culpa universal  
Ensinar e aprender

*Filhos*  
Lições de amor  
Doçura  
Os limites do amor  
Sexo e paternidade  
O prestígio de lavar a roupa

*Adultério*  
Conquistador barato  
Prós  
Contras  
Desejos irreconciliáveis

Segredos

*Além do romantismo*

A teoria do apego

Maturidade

Prontos para o casamento

O futuro

*Sobre o autor*

*Conheça outros títulos do autor*

*Leia também*



# ROMANTISMO

## Paixões

O hotel fica num afloramento rochoso, meia hora a leste de Málaga. Foi projetado para receber famílias e inadvertidamente revela, sobretudo durante as refeições, os desafios de fazer parte de uma. Rabih Khan tem quinze anos e está de férias com o pai e a madrasta. O clima entre eles é pesado, e a conversa, hesitante. Já se passaram três anos desde a morte da mãe de Rabih. As refeições são servidas diariamente numa varanda com vista para a piscina. De vez em quando, a madrasta faz um comentário sobre a *paella* ou o vento que sopra forte do sul. Ela é de Gloucestershire e gosta de jardinagem.

*Um casamento não começa com o pedido, nem no primeiro encontro. Começa muito antes, com o nascimento da ideia de amor, e, sendo mais exato, com o sonho de uma alma gêmea.*

Rabih vê a garota pela primeira vez no tobogã da piscina. Ela é cerca de um ano mais nova que ele, com cabelos castanho-avermelhados bem curtos, como os de um garoto, pele morena e braços e pernas esbeltos. Usa blusa listrada, short azul e chinelos amarelo-limão. No punho direito, há uma fina pulseira de couro. Ela olha para Rabih, esboça um sorriso pouco entusiasmado e se ajeita na espreguiçadeira. Passa algumas horas observando o mar, pensativa, ouvindo seu walkman, e, de vez em quando, rói as unhas. Os pais estão próximos a ela, a mãe de um lado folheando um exemplar da revista *Elle* e o pai do outro, lendo um romance de Len Deighton em francês. Como Rabih vai descobrir depois no livro de registro de hóspedes, ela é de Clermont-Ferrand e se chama Alice Saure.

Ele nunca sentiu nada nem mesmo parecido. A sensação o domina completamente desde o início. Não tem nada a ver com palavras — que eles nunca vão trocar. É como se, de certa forma, sempre a tivesse conhecido, como se ela detivesse a resposta para sua existência e, principalmente, para uma zona de dor e confusão dentro dele. Nos dias seguintes, Rabih a observa pelo hotel a distância: no café da manhã, usando um vestido branco de bainha florida, pegando um iogurte e uma

pera no bufê; na quadra de tênis, desculpando-se com o treinador por suas jogadas de fundo de quadra num inglês de sotaque bem marcado e com uma polidez comovente; e numa caminhada (aparentemente) solitária em volta do campo de golfe, fazendo uma pausa para contemplar cactos e hibiscos.

*Pode surgir muito rapidamente essa certeza de que outro ser humano é sua alma gêmea. Nem é necessário falar com a pessoa; talvez nem sequer saibamos o nome dela. O raciocínio lógico não entra em jogo. O que importa, na verdade, é a intuição; uma sensação espontânea que parece mais precisa e digna de respeito por ignorar os processos normais do raciocínio.*

A paixão se materializa em torno de uma série de elementos: um chinelo amarelo despreocupadamente pendendo do pé; uma edição de *Sidarta*, de Hermann Hesse, na toalha ao lado do protetor solar; sobrancelhas bem definidas; um jeito distraído de responder aos pais e uma maneira de pousar a bochecha na palma da mão enquanto leva à boca pequenas colheradas de musse de chocolate no jantar.

Instintivamente, Rabih deduz toda a sua personalidade a partir desses detalhes. Contemplando as pás de madeira do ventilador girando no teto do quarto, ele escreve na mente a história de sua vida ao lado dela. A garota será melancólica, mas do tipo que sabe se virar. Vai confiar nele e rir da hipocrisia das outras pessoas. Às vezes, poderá parecer ansiosa em relação a festas e à convivência com as demais meninas na escola, sintomas de uma personalidade sensível e profunda. Até esse momento, terá sido solitária e jamais terá confiado completamente em alguém. Os dois vão ficar sentados em sua cama, brincando de entrelaçar os dedos das mãos. Nem ela terá imaginado que seria possível uma ligação assim entre duas pessoas.

Então, certa manhã, sem aviso prévio, ela foi embora. Um casal holandês com dois meninos pequenos ocupa a mesa de Alice. A garota e os pais deixaram o hotel ao amanhecer para pegar o voo da Air France de volta para casa, explica o gerente.

O acontecimento é insignificante. Eles jamais voltarão a se ver. Rabih não conta a ninguém. Ela desconhece totalmente as intenções dele. Contudo, se a história tem início aqui — embora Rabih mude e amadureça muito ao longo dos anos — é porque sua compreensão de amor manterá por décadas a exata estrutura que assumiu pela primeira vez no hotel Casa Al Sur, no verão de seus quinze anos. Ele continuará acreditando na possibilidade de dois seres humanos se entenderem e

sentirem empatia de forma rápida e incondicional, e na chance de um fim definitivo para a solidão.

Rabih vai vivenciar anseios tão bons quanto amargos por outras almas gêmeas perdidas, avistadas em ônibus, entre prateleiras de supermercados e nas salas de leitura de bibliotecas. Terá exatamente o mesmo sentimento aos vinte anos, durante um semestre de estudos em Manhattan, por uma mulher sentada à sua esquerda no metrô da linha C, em direção ao norte da ilha; aos vinte e cinco, no escritório de arquitetura em Berlim onde será estagiário; e aos vinte e nove, em um voo de Paris a Londres, depois de uma breve conversa sobre o canal da Mancha com uma mulher chamada Chloe: o sentimento de enfim ter deparado com uma parte de seu próprio ser perdida há muito tempo.

*Para o romântico, há apenas um pequeno passo que separa ver um estranho de relance e formular uma conclusão majestosa e substancial: a de que a pessoa talvez possa representar uma resposta completa às questões implícitas à existência.*

*Essa intensidade pode parecer trivial, até cômica, mas tal respeito pelo instinto não é um planeta de menor importância na cosmologia dos relacionamentos. Ela é o sol, subjacente e central, em torno do qual orbitam os ideais contemporâneos de amor.*

*A fé romântica sempre deve ter existido, mas apenas nos últimos séculos vem sendo abordada para além de uma doença; só recentemente a busca por uma alma gêmea pôde alcançar o status de algo próximo ao objetivo de vida. Um idealismo que antes se voltava para deuses e espíritos foi redirecionado para figuras humanas — um gesto ostensivamente generoso, mas carregado de consequências hostis e instáveis, pois não é nada simples para qualquer ser humano honrar, pela vida inteira, perfeições que possa ter demonstrado para um observador de imaginação fértil, seja na rua, seja no trabalho, seja no assento ao seu lado no avião.*

Rabih levará muitos anos e vai precisar de várias experiências amorosas para chegar a algumas conclusões diferentes, para reconhecer que exatamente aquilo que um dia ele considerou romântico — intuições silenciosas, anseios instantâneos, a crença em almas gêmeas — é que o impede de aprender a fazer seus relacionamentos darem certo. Vai entender que o amor só dura quando não somos fiéis às suas sedutoras ambições iniciais e que, para ter um relacionamento duradouro, precisará abrir mão dos sentimentos que desde o início o levaram a amar. Precisar aprender que o amor é mais habilidade do que entusiasmo.

## O início sagrado

No começo do casamento, e ainda por muitos anos, Rabih e a mulher ouvem sempre a mesma pergunta, em geral acompanhada por um ar divertido de expectativa: “Como vocês se conheceram?” Normalmente os dois se entreolham (às vezes, um pouco tímidos, quando a mesa inteira decide ouvi-los) para decidir quem vai contar a história dessa vez. Dependendo do público, escolhem contar de forma cômica ou afetuosa. E tudo pode ser resumido em uma linha ou se estender por um capítulo inteiro.

*O começo recebe atenção tão desproporcional porque não é considerado apenas uma fase entre muitas outras; para o romântico, ele contém, de forma concentrada, tudo o que é importante no amor. É por isso que, em tantas histórias de amor, depois de o casal triunfar sobre uma série de obstáculos iniciais, o narrador simplesmente não tem mais nada a fazer senão destinar os dois a um vago futuro de felicidade — ou acabar com eles de vez. O que chamamos de amor, em geral, é apenas o início dele.*

É curioso, observam Rabih e sua mulher, que raramente lhes perguntem o que aconteceu com eles desde que se conheceram, como se a verdadeira história da relação não pertencesse a nenhuma esfera da curiosidade legítima ou útil. Nunca lhes foi feita a única pergunta que de fato os preocupa: “Como é estar casado há certo tempo?”

*As histórias de relacionamentos mantidos ao longo de décadas, sem calamidade nem ventura mais óbvias, constituem — de maneira fascinante e preocupante — as exceções entre as narrativas que temos coragem de contar a nós mesmos a respeito do progresso do amor.*

É assim que acontece quando o começo recebe atenção exagerada: Rabih tem trinta e um anos e mora numa cidade que mal conhece ou entende. Antes morava em Londres, mas mudou-se para Edimburgo

recentemente por causa do trabalho. O antigo escritório de arquitetura onde trabalhava demitiu metade da equipe após a inesperada perda de um contrato, e o desemprego o obrigou a lançar sua rede profissional mais longe do que desejava — o que o levou a aceitar um emprego em um escritório de urbanismo na Escócia, especializado em praças e cruzamentos rodoviários.

Ele está solteiro há alguns anos, desde o fim do fracassado relacionamento com uma designer gráfica. Entrou para uma academia perto de casa e se inscreveu em um site de relacionamentos. Foi à inauguração de uma galeria que exibia artefatos celtas. Compareceu a uma série de eventos vagamente ligados ao trabalho. Porém, tudo em vão. Algumas vezes chegou a sentir certa identificação intelectual com uma mulher, mas nada físico — ou vice-versa. Pior ainda era ter um vislumbre de esperança até ouvir a menção a um namorado, em geral a alguns metros deles e com uma expressão de guarda penitenciário.

Mesmo assim, Rabih não desiste. É um romântico. Até que, depois de muitos domingos em vão, enfim acontece, quase exatamente como foi ensinado — em grande medida, pelas artes — a esperar que aconteceria.

A rotatória fica na rodovia A720, que parte do centro de Edimburgo em direção ao sul, ligando a estrada principal a um beco sem saída de casas de luxo voltadas para um campo de golfe e um lago — uma visita profissional realizada por Rabih não por vontade própria, mas por conta das obrigações que sua modesta posição na hierarquia da empresa exigem.

Da parte do cliente, o trabalho de supervisão é inicialmente atribuído a um membro sênior da equipe de inspeção da prefeitura; no entanto, na véspera do dia marcado para o início do projeto, o sujeito sofre uma perda na família e uma colega menos experiente é designada para assumir seu lugar.

Eles se cumprimentam no canteiro de obras em uma manhã nublada do início de junho, pouco depois das onze. Kirsten McLelland usa um colete fluorescente, capacete de proteção e botas com sola de borracha. Rabih Khan não consegue ouvir muito bem o que ela diz — não só pelo constante ronco de um compressor hidráulico, mas também porque, como ele acabará descobrindo, Kirsten costuma falar bem baixo, em seu tom nativo de Inverness, cujo hábito é baixar a voz antes de completar as frases, como se no meio do caminho ela descobrisse alguma objeção ao que estava dizendo ou apenas tivesse outras prioridades.

Apesar da indumentária (ou, na verdade, em parte por causa dela), Rabih logo percebe em Kirsten uma série de características, psicológicas e físicas, a cujos atrativos ele é suscetível. Rabih observa a maneira calma e divertida dela de reagir às atitudes condescendentes dos doze homens grandalhões da equipe de construção; o empenho com que verifica os diferentes itens do cronograma; a indiferença confiante em relação às

regras da moda e a personalidade implícita ao fato de manter os dentes incisivos superiores desiguais.

Terminada a reunião com toda a equipe, cliente e fornecedor sentam-se em um banco próximo para organizar os contratos. Mas em questão de minutos começa a chover, e, como não há espaço para trabalharem no escritório do canteiro de obras, Kirsten propõe que tentem encontrar um café na rua principal.

No caminho, protegidos pelo guarda-chuva dela, começam a falar sobre caminhadas. Kirsten conta a Rabih que tenta sair da cidade sempre que possível. Não faz muito tempo, foi até o lago Carriagean, montou sua barraca em uma floresta de pinheiros isolada e teve uma sensação de paz e perspectiva extraordinárias por estar tão distante de todo mundo, das distrações e da agitação da vida urbana. Sim, ela responde, foi sozinha; ele a imagina debaixo da lona, desamarrando as botas. Ao chegarem à rua principal, não encontram nenhum café e se refugiam no Taj Mahal, um restaurante indiano escuro e vazio onde pedem chá e (por insistência do dono) um prato de *papadum*, um pão típico. Recompostos, os dois analisam os documentos, chegando à conclusão de que é melhor pedir o misturador de cimento só para a terceira semana e mandar entregar as pedras do calçamento na semana seguinte.

Rabih analisa Kirsten com um olhar clínico, ao mesmo tempo que tenta ser discreto. Nota algumas sardas nas bochechas; uma curiosa mistura de discrição e assertividade em sua expressão; a espessa cabeleira castanho-avermelhada na altura dos ombros toda para um lado só, e o hábito de começar as frases com um enérgico: “Veja bem...”

No meio dessa conversa profissional, contudo, ele eventualmente consegue capturar o vislumbre de um lado mais pessoal. Kirsten responde à pergunta sobre seus pais com certo constrangimento ao dizer que foi criada em Inverness apenas pela mãe, pois o pai logo tinha perdido o interesse pela família.

— Não foi o começo ideal para que eu confiasse nas pessoas — diz, com um sorriso irônico (e Rabih percebe que é o incisivo central esquerdo que é meio torto). — Talvez seja por isso que nunca acreditei muito nessa história de “felizes para sempre”.

O comentário não chega a soar desagradável para Rabih, que se lembra da máxima segundo a qual os cétricos são apenas idealistas com padrões altos demais.

Pelas amplas janelas do Taj Mahal, ele vê as nuvens se moverem com rapidez e, bem ao longe, um sol relutante lançando seus raios pelos negros cumes vulcânicos das montanhas Pentland.

Ele podia se limitar a pensar que Kirsten é agradável, uma boa pessoa para passar a manhã resolvendo problemas complicados da administração municipal. Podia restringir sua avaliação ao tipo de temperamento que era

provável que estivesse por trás de suas reflexões sobre o trabalho e a política escocesa. Podia aceitar que dificilmente seria possível entender sua alma através da palidez de seu rosto e da curva de seu pescoço. Podia limitar-se a dizer que ela parece bem interessante e que ele precisaria de mais vinte e cinco anos para descobrir mais coisas.

Em vez disso, Rabih está convencido de que encontrou alguém dotado da mais extraordinária combinação de qualidades, tanto internas quanto externas — inteligência e bondade, humor e beleza, sinceridade e coragem; alguém de quem sentiria falta se ela fosse embora daquele restaurante, mesmo que, duas horas antes, fosse apenas uma desconhecida; alguém cujos dedos — que no momento traçam linhas suaves com um palito na toalha de mesa — ele gostaria muito de acariciar, segurar e apertar; alguém com quem ele quer passar o resto da vida.

Apavorado com a possibilidade de ofendê-la, sem conhecer suas preferências e consciente do risco de interpretar mal algum sinal, ele se mostra extremamente solícito e atencioso.

— Desculpe, você não prefere segurar o guarda-chuva? — pergunta, enquanto caminham de volta ao canteiro.

— Ah, não faz diferença — responde ela.

— Posso segurá-lo com prazer, ou não, se você preferir — insiste ele.

— Sério, tanto faz!

Ele altera completamente a própria personalidade. Quaisquer que sejam os prazeres de expor a si mesmo, esforça-se para poupar Kirsten de quase todos os traços de seu caráter. A essa altura, mostrar seu verdadeiro eu não é, de modo algum, uma prioridade.

Eles voltam a se encontrar na semana seguinte. Caminham mais uma vez em direção ao Taj Mahal para uma avaliação do orçamento e do andamento do trabalho, então Rabih pergunta se pode ajudá-la com a bolsa cheia de pastas que está carregando, e ela responde com um riso, dizendo para ele não ser tão machista. Não parece o melhor momento para revelar que ele realmente ficaria feliz em ajudá-la a se mudar — ou em permanecer à sua cabeceira, caso ela contraísse malária. Por outro lado, o interesse de Rabih só aumenta com o fato de Kirsten aparentemente não precisar de muita ajuda para nada — já que, no fim das contas, a fragilidade é uma perspectiva interessante, sobretudo nos fortes.

— O problema é que metade do meu departamento foi demitido; então, na prática, estou fazendo o trabalho de três pessoas — explica ela, quando se sentam. — Só consegui acabar ontem às dez da noite, embora isso tenha acontecido sobretudo porque, como você talvez já tenha notado, sou do tipo bastante controladora.

Rabih está com tanto medo de dizer algo errado que não consegue encontrar um assunto para continuar a conversa — mas, como silêncio é



prova de falta de interesse, também não pode permitir que as pausas se prolonguem. Acaba optando por uma longa explicação sobre como funciona a distribuição do peso sobre os pilares das pontes, seguida de uma análise das velocidades de freada dos pneus em superfícies molhadas e secas. A falta de jeito dele pelo menos é um sinal accidental de sua sinceridade: em geral, não ficamos muito ansiosos quando tentamos seduzir pessoas com quem não nos importamos.

A cada instante, ele percebe como é pequena sua capacidade de prender a atenção de Kirsten. A impressão de liberdade e autonomia que ela transmite o atrai, mas também o assusta. Entende que não haveria bons motivos para que ela demonstrasse afeto por ele. Compreende perfeitamente que tem muito pouco direito de pedir-lhe que o encare com a benevolência exigida por suas muitas limitações. Dentre tudo o que orbita a vida de Kirsten, ele está no apogeu da modéstia.

Chega então o momento decisivo de saber se o sentimento é recíproco, uma questão de simplicidade quase infantil, mas capaz de justificar infundáveis análises semióticas e conjecturas psicológicas minuciosas. Ela elogiou sua capa de chuva cinza. Deixou que pagasse pelo chá e pelos *papadums*. Encorajou-o quando mencionou seu projeto de voltar à arquitetura. Por outro lado, pareceu pouco à vontade, e até um tanto irritada, nas três vezes que ele tentou falar sobre os relacionamentos anteriores dela. E não pareceu perceber a deixa quando ele falou sobre ir ao cinema.

Esse tipo de dúvida serve apenas para insuflar o desejo. Na opinião de Rabih, as pessoas mais atraentes não são as que o aceitam de imediato (ele duvida da capacidade de avaliação delas) nem as que nunca lhe dão uma chance (ele fica ressentido com a indiferença), mas aquelas que, por razões incompreensíveis — talvez outro envolvimento romântico ou um temperamento cauteloso demais, um problema físico ou uma inibição psicológica, uma religião fervorosa ou uma objeção política —, o deixam falando sozinho por alguns momentos.

À sua maneira, o desejo se mostra delicioso.

Por fim, Rabih procura o número de telefone dela na papelada da prefeitura e, em uma manhã de sábado, manda uma mensagem de texto sugerindo que é possível que faça sol mais tarde. “Eu sei”, vem a resposta quase imediata. “Que tal uma volta no Jardim Botânico? Bjs.”

E é assim que, três horas depois, eles acabam passeando em meio a algumas das árvores e espécies mais exóticas do mundo no Jardim Botânico de Edimburgo. Observam uma orquídea chilena, ficam impressionados com a complexidade de um rododendro e param entre um abeto da Suíça e uma imensa sequoia do Canadá, cujos galhos e folhas se agitam ao vento suave que vem do mar.

Rabih já não tem energia para os comentários insignificantes que costumam anteceder esse tipo de acontecimento. Então, é mais por um desespero impaciente do que por arrogância ou por se sentir em tal direito que ele interrompe Kirsten na leitura de uma placa — “As árvores alpinas não devem ser confundidas com...” —, toma seu rosto nas mãos e suavemente leva os lábios aos dela, e Kirsten reage fechando os olhos e abraçando-o com firmeza.

Um carrinho de sorvete em Inverleith Terrace toca um jingle meio assustador, uma gralha grasna no ramo de uma árvore transplantada da Nova Zelândia e ninguém presta atenção naquelas duas pessoas em parte encobertas por árvores exóticas em um dos momentos mais ternos e importantes de suas vidas.

*E, no entanto, cabe insistir que até agora nada disso tem a ver com uma história de amor. As histórias de amor não começam quando receamos que alguém não queira nos encontrar de novo, mas quando essa pessoa decide que não teria nada contra o fato de estar ao nosso lado o tempo todo; não acontecem quando a pessoa pode sair correndo a qualquer momento, mas quando faz a promessa solene de nos amparar e ser nosso cativo pelo resto da vida.*

*Nossa compreensão do amor foi sequestrada e iludida por esses primeiros momentos de confusa emotividade do sentimento. Permitimos que as histórias de amor que vivemos acabem cedo demais. Aparentamos saber muito sobre como começa o amor e quase nada acerca de como ele pode durar.*

No portão do Jardim Botânico, Kirsten pede que Rabih lhe telefone e confessa, com um sorriso que faz com que ele de repente consiga ver como ela devia ser aos dez anos, que vai estar livre em qualquer noite da semana seguinte.

Ao caminhar de volta para casa em Quartermile, abrindo caminho pela multidão de sábado, Rabih está tão empolgado que seria capaz de parar estranhos na rua para contar sobre sua sorte incrível. Sem saber como, ele se saiu magnificamente bem nos três grandes desafios que estão por trás da ideia de amor romântico: encontrou a pessoa certa, abriu seu coração para ela e foi aceito.

Mesmo assim, é claro, ainda não chegou a lugar nenhum. Rabih e Kirsten vão se casar, sofrer, se preocupar muitas vezes com dinheiro, primeiro terão uma menina, depois um menino, um deles trairá o outro, haverá períodos de tédio, às vezes vão querer matar um ao outro e, em algumas oportunidades, se matar. *Essa será a verdadeira história de amor.*

## *Apaixonados*

Kirsten propõe uma ida à praia de Portobello, a meia hora de bicicleta do estuário do rio Forth. Rabih não sente firmeza em sua bicicleta, alugada em uma loja perto da Princes Street, que Kirsten conhecia. Ela está com a própria bicicleta, um modelo cor de cereja com doze marchas e pinças de freio bem modernas. Rabih faz o possível para acompanhá-la. Na metade da descida, passa a marcha, mas a corrente emperra, salta e gira impotente contra o eixo. A frustração e uma raiva bem conhecida tomam conta dele. Será uma longa caminhada de volta até a loja. Com Kirsten, no entanto, não é assim.

— Olha só o que você fez, seu desajeitado — diz ela, virando a bicicleta de cabeça para baixo, revertendo a marcha e ajustando o câmbio traseiro.

As mãos estão sujas de graxa, deixando uma mancha no rosto.

*O amor é a admiração pelas qualidades do ser amado que prometem corrigir nossas fraquezas e nossos desequilíbrios; o amor é a tentativa de se completar.*

Ele se apaixonou por sua calma; sua convicção de que tudo vai dar certo; sua ausência de qualquer sentimento de perseguição ou fatalismo — são essas as virtudes de sua nova e incomum amiga escocesa, que fala com um sotaque tão carregado e difícil de entender que ele precisa pedir que ela repita três vezes a palavra *temporário*. O amor de Rabih é uma reação lógica à descoberta de habilidades complementares e todo um leque de atributos aos quais aspira. Ele ama a partir de uma sensação de incompletude — e de um desejo de se tornar completo.

Rabih não está sozinho nessa. Embora em áreas diferentes, Kirsten também busca compensar as próprias deficiências. Ela só deixou a Escócia pela primeira vez depois de terminar a faculdade. Toda a família dela é do mesmo pequeno recanto do país. Nele, as mentalidades são um pouco limitadas; as cores, cinzentas; o clima, provinciano; os valores, abnegados. Em virtude disso, ela se sente bastante atraída por tudo que associe ao sul.

Quer luz, esperança, pessoas que se expressem com seus corpos e vivam de acordo com suas paixões e emoções. Ama o sol, ao mesmo tempo que detesta a própria palidez e o desconforto que sente no contato com seus raios. Tem um pôster da Medina em Fez pendurado na parede.

Ficou entusiasmada com o que aprendeu sobre as origens de Rabih. Acha curioso que seja filho de um engenheiro civil libanês e uma comissária de bordo alemã. Ele lhe conta histórias sobre a infância em Beirute, Atenas e Barcelona, na qual houve momentos de encantamento e beleza e, de vez em quando, extremo perigo. Fala árabe, francês, alemão e espanhol; suas carícias, sempre descontraídas, têm muitos sabores. A pele olivácea dele contrasta com o branco rosado dela. Ele cruza as longas pernas ao se sentar, e suas mãos surpreendentemente delicadas sabem preparar para ela *makdous*, *tabule* e *kartoffelsalat*. Ele a deleita com seu mundo.

Da mesma forma, Kirsten está em busca de um amor que a reequilibre e a complete.

*O amor também é, na mesma medida, uma questão de fraqueza, de se deixar tocar pelas fragilidades e mágoas do outro, especialmente (como acontece nos primeiros momentos) quando não corremos o risco de ser responsabilizados por elas. Ver quem amamos desanimado e em crise, aos prantos e se sentindo incapaz, pode nos tranquilizar no sentido de que, apesar de todas as virtudes, ele também não é detestavelmente invencível. Muitas vezes também se sente confuso e desorientado, constatação que nos confere uma função de apoio, reduz a vergonha de nossas próprias inadequações e nos aproxima dele com base em uma experiência comum de dor.*

Os dois pegam o trem para visitar a mãe de Kirsten em Inverness. Ela insiste em ir esperá-los na estação, apesar de isso exigir uma viagem de ônibus até o outro lado da cidade. Ela chama Kirsten de sua “Cordeirinha” e a abraça com força na plataforma, os olhos fechados de emoção. Estende a mão para Rabih em um gesto formal e se desculpa pelas condições climáticas da época do ano: ainda são duas e meia da tarde e já está quase escuro. Tem os mesmos olhos vívidos da filha, embora os da mãe mostrem certa firmeza, o que o faz se sentir desconfortável quando seu olhar pousa nele — e ela voltará a fazer isso repetidas vezes, sem motivo aparente, durante a estada do casal.

A residência da família é uma estreita casa cinza, de um andar e com varanda, bem em frente à escola primária onde a mãe leciona há três décadas. Há adultos por toda Inverness — cuidando de lojas, redigindo contratos ou coletando amostras de sangue — que se lembram de ter dado

os primeiros passos em aritmética básica e nas histórias bíblicas no colo da Sra. McLelland. Mais especificamente, a maioria recorda sua maneira bastante peculiar de fazê-los saber não só o quanto gostava deles, mas também como podiam decepcioná-la facilmente.

Os três jantam na sala de estar, assistindo a um programa de perguntas e respostas na TV. Desenhos feitos por Kirsten no jardim de infância ocupam a parede da escada em impecáveis molduras douradas. No corredor, há uma fotografia de seu batizado; na cozinha, um retrato seu aos sete anos vestindo uniforme escolar, parecendo ajuizada, os dentes afastados; e, na estante, uma polaroide da menina aos onze, de short e camiseta na praia, magrela, desgredada e intrépida.

Em seu quarto, mais ou menos intocado desde que ela se mudou para Aberdeen a fim de cursar direito e contabilidade, há roupas pretas no armário e prateleiras cheias de livros escolares amassados. Nas páginas da edição de *Mansfield Park* publicada pela Penguin, a versão adolescente de Kirsten escreveu: “Fanny Price: a virtude do comum excepcional.” Um álbum de fotos debaixo da cama mostra uma imagem inocente dela ao lado do pai, em frente a uma carrocinha de sorvete na baía Cruden. Ela tem seis anos e o terá em sua vida por mais um ano.

Diz a lenda familiar que o pai de Kirsten se levantou certa manhã e foi embora, depois de arrumar uma pequena mala enquanto a mulher, com quem estava casado havia dez anos, dava aula na escola. A única explicação deixada foi um pedaço de papel no aparador do corredor com um “Desculpa” escrito às pressas. Desde então, ele vagou pela Escócia, arrumando empregos estranhos em fazendas, e manteve contato com Kirsten apenas no aniversário dela; todo ano, enviava um cartão e um presente. Quando ela completou doze anos, recebeu um pacote com um cardigã cujo tamanho era adequado para uma menina de nove. Kirsten mandou o presente de volta para um endereço em Cammachmore, junto com um bilhete comunicando ao remetente que esperava que ele morresse em breve. Desde então, não teve mais notícias do pai.

Se tivesse fugido com outra mulher, ele teria apenas traído votos matrimoniais. Contudo, abandonar a mulher e a filha simplesmente para ficar sozinho, para desfrutar mais da própria companhia, sem nunca apresentar nem mesmo uma explicação satisfatória de sua motivação, era uma rejeição de proporções muito mais profundas, abstratas e devastadoras.

Kirsten se aconchega nos braços de Rabih enquanto explica. Seus olhos estão vermelhos. Essa é outra coisa nela que ele ama: a fragilidade de uma pessoa muito capaz e competente.

Ela, por sua vez, sente exatamente a mesma coisa por ele — e na história de Rabih não faltam circunstâncias dolorosas a serem contadas. Quando tinha doze anos, depois de uma infância marcada por violência

sectária, bloqueios nas estradas e noites passadas em abrigos antiaéreos, Rabih e os pais deixaram Beirute e se mudaram para Barcelona. Porém, apenas um ano e meio depois da chegada, quando a família já havia se instalado em um apartamento perto do antigo cais, sua mãe começou a se queixar de uma dor perto do abdome. Procurou um médico e, de uma maneira que ninguém esperava, que desferiu um golpe irremediável na confiança do filho sobre a certeza de quase tudo, recebeu um diagnóstico de câncer avançado no fígado. Morreu três meses depois. Em um ano, seu pai já havia se casado de novo, com uma inglesa um tanto fria com quem vive até hoje, aposentado em um apartamento em Cádiz.

Com uma intensidade que a surpreende, Kirsten sente que quer reconfortar o menino de doze anos de décadas atrás. A mente dela volta a uma foto de Rabih ao lado da mãe, tirada dois anos antes de sua morte, na pista do aeroporto de Beirute com um jato da Lufthansa atrás deles. A mãe de Rabih trabalhava em voos para a Ásia e os Estados Unidos, servindo refeições para empresários ricos na parte dianteira do avião, certificando-se de que os cintos de segurança estavam afivelados, vertendo bebidas e sorrindo para estranhos enquanto o filho esperava por ela em casa. Rabih lembra-se da grande agitação, que beirava o enjoo, que se apoderava dele nos dias em que ela devia voltar. Certa vez, ela lhe trouxe do Japão cadernos de anotações feitos com fibra de amoreira, e, do México, uma estatueta pintada representando um chefe guerreiro asteca. Ela se parecia com uma atriz de cinema — Romy Schneider, diziam.

No cerne do amor de Kirsten está o desejo de curar a ferida da perda, enterrada havia muito tempo e quase nunca mencionada por Rabih.

*O amor chega a seu ápice nos momentos em que o ser amado se revela capaz de entender, com mais clareza do que os outros foram capazes — e talvez até melhor do que nós mesmos —, nossas partes caóticas, embaraçosas e vergonhosas. O fato de alguém entender quem somos e, ao mesmo tempo, demonstrar empatia e perdoar o que vê está por trás de toda a nossa capacidade de confiar e nos doar. O amor é um dividendo da gratidão que sentimos pelo que a pessoa amada é capaz de perceber de nossa própria psique confusa e perturbada.*

— Você está de novo no modo “furioso-e-humilhado-mas-estranhamente-calmo” — diz ela certa noite, quando o site de locação de carros usado por Rabih para contratar um micro-ônibus para ele e quatro colegas congela logo na última etapa, sem que ele saiba se a compra foi registrada e o cartão, debitado. — Você devia gritar, dizer alguma grosseria e vir para a cama. Eu não me importaria. Poderia até ligar para a loja de locação amanhã de manhã no seu lugar.

Ela enxerga perfeitamente sua incapacidade de expressar raiva; identifica o processo pelo qual transforma as dificuldades em entorpecimento e desprezo por si mesmo. Sem envergonhá-lo, é capaz de identificar e dar nome às formas que, às vezes, sua loucura assume.

Com igual precisão, ela percebe o medo de Rabih de não parecer à altura das expectativas do pai e, portanto, das expectativas de outras figuras masculinas de autoridade. A caminho do primeiro encontro com o pai dele no George Hotel, Kirsten sussurra sem qualquer preâmbulo:

— Imagine só se não tivesse a menor importância o que ele achasse de mim, ou, pensando bem, de você.

Para Rabih, é como se estivesse voltando com um amigo, à luz do dia, a uma floresta na qual só estivera sozinho à noite, e então conseguisse constatar que as figuras malignas que tanto o aterrorizaram não passavam de pedregulhos projetando sombras em um ângulo errado.

*No período inicial do amor, em certa medida há apenas um alívio por ser capaz, afinal, de revelar tanta coisa que precisava ser mantida em segredo em prol da dignidade. Podemos reconhecer que não somos tão respeitáveis ou sérios, tão equilibrados ou “normais” quanto a sociedade acredita. Podemos ser infantis, criativos, desvairados, otimistas, cínicos, frágeis e várias outras coisas — a pessoa que amamos é capaz de entender e aceitar tudo isso em nós.*

Às onze da noite, depois do jantar, eles saem para outra refeição; compram costelas assadas no restaurante Los Argentinos, na Preston Street, e comem ao luar, sentados num banco no parque The Meadows. Conversam entre si com sotaques engraçados: ela é uma turista de Hamburgo perdida, à procura do Museu de Arte Moderna; ele não consegue ajudá-la, pois, como é um pescador de lagostas de Aberdeen, não entende sua pronúncia esquisita.

Retomam o clima brincalhão da infância. Pulam na cama. Alternam-se fazendo cavalinho um no outro. Fofocam. Depois de uma festa, inevitavelmente acabam encontrando defeitos em todos os outros convidados, a lealdade recíproca se intensificando pela crescente deslealdade em relação ao resto do mundo.

Revoltam-se contra as hipocrisias da vida cotidiana. Liberam um ao outro de quaisquer compromissos. Ficam com a sensação de não haver mais nenhum segredo entre eles.

Normalmente, os dois precisam responder por nomes que lhes foram impostos por terceiros, usados em documentos oficiais e burocracias governamentais, mas o amor os inspira a sair em busca de apelidos que reflitam com mais precisão as origens de sua ternura. Kirsten então se

torna “Teckle”, termo escocês coloquial para designar “ótimo”, o que para Rabih parece ousado e inocente, sagaz e decidido. Ele, por sua vez, passa a ser “Sfouf”, o bolo libanês seco com sabor de anis e cúrcuma — apresentado por ele numa delicatessen na praça Nicolson — e que, para ela, captura à perfeição a delicadeza reservada e o exotismo levantino do menino de olhos tristes de Beirute.



## Sexo e amor

Para o segundo encontro, depois do beijo no Jardim Botânico, Rabih propôs um jantar num restaurante tailandês na Howe Street. Ele chega primeiro e é levado a uma mesa no subsolo, ao lado de um aquário assustadoramente cheio de lagostas. Ela chega alguns minutos atrasada, vestida de modo bastante casual, uma calça jeans velha e tênis, sem maquiagem e de óculos, em vez das habituais lentes de contato. A conversa começa desajeitada. Para Rabih não parece possível estabelecer de novo aquela intimidade que compartilharam da última vez que estiveram juntos. É como se voltassem a ser apenas conhecidos. Falam sobre a mãe dele e o pai dela, sobre alguns livros e filmes que os dois conhecem. Mas ele não tem coragem de tocar as mãos dela, que, de todo jeito, Kirsten mantém quase o tempo todo no colo. Parece natural ele pensar que ela tenha mudado de ideia.

No entanto, assim que deixam o lugar e voltam para a rua, a tensão entre os dois se dissipa.

— Gostaria de tomar um chá lá em casa, um chá de ervas? — pergunta ela. — É perto daqui.

Os dois percorrem algumas ruas até um prédio residencial e sobem até o último andar, onde ela tem um quarto e sala minúsculo mas muito bonito, com vista para o mar; nas paredes, há fotografias que tirou de diferentes partes das Highlands. Rabih tem um vislumbre do quarto, onde uma enorme pilha desordenada de roupas está jogada na cama.

— Experimentei praticamente todas as roupas, até que pensei “Ah, que se dane” — brada ela —, como as pessoas dizem!

Ela está na cozinha, fazendo chá. Ele vai entrando, pega a caixinha e comenta que a palavra *camomila* é muito estranha.

— Você nota todas as coisas que são realmente importantes — brinca ela.

De certa maneira, aquilo parece um convite, então ele se aproxima e a beija com ternura. O beijo se prolonga por um bom tempo. Enquanto isso, eles ouvem a chaleira ferver e depois se calar. Rabih pergunta-se até onde deve ir. Acaricia a parte de trás do pescoço de Kirsten, seus ombros. Arrisca uma tentativa de carícia no seio e espera em vão uma reação. A

mão direita faz uma incursão pela calça jeans dela, bem de leve, traçando uma linha por ambas as coxas. Ele sabe que já pode ter ultrapassado os limites do que seria adequado para um segundo encontro. Ainda assim, arrisca-se a descer a mão de novo, desta vez movendo-a com mais objetividade pela calça, pressionando de forma rítmica entre as pernas dela.

Tem início então um dos momentos mais eróticos da vida de Rabih, pois quando sente a mão pressionando-a sobre o tecido, Kirsten projeta o corpo em um movimento suave para acolhê-la, e depois um pouco mais. Abre os olhos e sorri para Rabih, que retribui.

— Bem aqui — indica ela, pressionando a mão dele em uma área muito específica ao lado da parte inferior do zíper.

Isso ainda dura mais ou menos um minuto, e então ela segura o punho dele, leva sua mão um pouco mais acima e o induz a desabotoar a calça. Os dois abrem os botões da calça dela juntos, e Kirsten segura a mão de Rabih e a convida ao interior do elástico preto de sua calcinha. Ele sente seu calor e, segundos depois, uma umidade que simboliza explícitas boas-vindas e excitação.

*A princípio, a sensualidade poderia parecer apenas um fenômeno fisiológico, resultado do despertar hormonal e da estimulação de terminações nervosas. Mas na verdade não se trata mais de sensações do que de ideias — destacando-se entre elas a ideia de aceitação e a promessa do fim da solidão e da vergonha.*

Agora, o jeans de Kirsten está completamente aberto, e os dois estão com o rosto avermelhado. Do ponto de vista de Rabih, a excitação decorre em parte do fato de Kirsten ter dado tão poucos sinais de que realmente tinha esse tipo de coisa em mente.

Ela o leva para o quarto e joga a pilha de roupas no chão. Na mesa de cabeceira encontra-se o romance que está lendo no momento, de Georges Sand, de quem Rabih nunca ouviu falar. Há também alguns brincos e uma foto de Kirsten de uniforme, em pé em frente à escola primária, segurando a mão da mãe.

— Nem deu tempo de esconder meus segredos — diz ela. — Mas pode bisbilhotar.

Lá fora, a lua está quase cheia, e eles deixam as cortinas abertas. Entrelaçados na cama, ele acaricia seus cabelos e aperta sua mão. Os sorrisos dão a entender que ainda não superaram toda a timidez. Ele interrompe uma carícia e pergunta quando foi que ela chegou à conclusão de que queria aquilo, movido não por vaidade, mas por uma mistura de gratidão e libertação, agora que desejos que antes poderiam parecer

simplesmente obscenos, predatórios ou dignos de pena — quando não expressados — se revelaram redentoramente recíprocos.

— Bem rápido, na verdade, Sr. Khan — responde ela. — Algo mais que precise saber?

— Na verdade, sim.

— Diga.

— Muito bem, quando foi então que sentiu pela primeira vez, sabe como é, que talvez... como posso dizer... bem, que talvez estivesse interessada em...?

— Trepar com você?

— Algo assim.

— Agora entendi o que quis dizer — provoca ela. — Para dizer a verdade, começou naquela primeira vez que fomos ao restaurante. Gostei da sua bunda e fiquei pensando nela o tempo todo, enquanto você continuava com aquela lenga-lenga sobre o trabalho que tínhamos que fazer. Mais tarde naquela noite, imaginei, nesta cama onde estamos agora, como seria agarrar você... bem, tudo bem, agora vou ficar meio tímida também, então é melhor parar por aqui.

A ideia de que pessoas de aparência respeitável possam alimentar em suas mentes lindas fantasias carnavais e explícitas, enquanto, para o mundo exterior, parecem voltadas apenas para uma conversa amigável, é algo que Rabih ainda acha bastante surpreendente e um perfeito deleite, algo com o poder de aplacar na mesma hora toda uma série de sentimentos de culpa a respeito da própria sexualidade. O fato de aquelas fantasias de Kirsten, tarde da noite, o terem como objeto de desejo enquanto ela parecera tão reservada e correta, e agora se mostrava tão voraz e direta — tais revelações assinalam este momento como um dos melhores na vida de Rabih.

*Apesar de toda a conversa sobre libertação sexual, a verdade é que ainda existem um segredo e certo grau de vergonha em torno do sexo, como sempre existiram. De modo geral, ainda não podemos dizer o que queremos fazer, nem com quem. Vergonha e repressão dos impulsos não são apenas coisas que nossos antepassados e religiosos conservadores inventaram por motivos obscuros e desnecessários: elas estão fadadas a serem constantes em todas as épocas — o que confere imensa força aos raros momentos (que podem ser apenas alguns poucos numa vida inteira) em que um estranho nos convida a baixar a guarda e reconhece que quer exatamente aquilo que um dia desejamos estando imersos na culpa de um segredo.*

São duas da manhã quando eles acabam. Uma coruja pia em algum lugar na escuridão.

Kirsten adormece nos braços de Rabih. Parece confiante e relaxada, deslizando com suavidade para a corrente de sono enquanto ele se mantém de pé na margem, protestando contra o fim daquele dia milagroso, repassando seus momentos cruciais. Ele observa os lábios dela tremarem um pouco, como se estivesse lendo um livro para si mesma em alguma língua estrangeira noturna. Volta e meia, ela parece acordar por um momento e, com ar espantado e assustado, pede ajuda: “O trem!”, exclama, ou então, ainda mais alarmada, “É amanhã, eles adiaram!”. Rabih tenta tranquilizá-la (há tempo suficiente para chegar à estação; já estudou o suficiente para a prova) e segura a mão dela, como um pai preparando-se para atravessar uma rua movimentada com uma criança.

Não é apenas uma questão de pudor referir-se ao ato praticado por eles como “fazer amor”. Eles não fizeram apenas sexo; traduziram seus sentimentos — apreço, ternura, gratidão e entrega — em um ato físico.

*Dizemos que alguma coisa é excitante, mas, na verdade, podemos estar nos referindo ao prazer de enfim poder revelar nosso eu secreto — e de descobrir que, em vez de ficar horrorizada com quem somos, a pessoa que amamos decidiu reagir apenas com incentivo e aprovação.*

Rabih começou a sentir certo grau de vergonha e ter o hábito de manter assuntos relacionados a sexo em segredo quando tinha doze anos. Antes, é claro, havia contado algumas mentirinhas e cometido algumas transgressões: ele roubou moedas da carteira do pai, fingiu gostar da tia Otilie e, certa tarde, em seu apertado e sufocante apartamento perto da Corniche, copiou um capítulo inteiro do dever de álgebra de Michel, seu brilhante colega de turma. No entanto, nenhuma dessas infrações o levou de fato a sentir vergonha de si mesmo.

Para sua mãe, ele sempre fora o menino meigo e comportado que ela chamava por um apelido, “Maus”. Maus gostava de se aconchegar com ela na sala, debaixo do grande cobertor de caxemira, enquanto ela suavemente afastava os cabelos dele da testa. Até que, num determinado período, de uma hora para outra, a única coisa em que Maus conseguia pensar era um grupo de meninas dois anos acima dele na escola, muito mais altas, espanholas bem-articuladas que circulavam pelo recreio em uma gangue conspiratória e davam risadinhas com um ar cruel, confiante e sedutor. Nos fins de semana, volta e meia ele escapava para o pequeno banheiro azul de casa e imaginava cenas que se forçava a esquecer de novo no instante em que tudo acabava. Abriu-se um abismo entre o Rabih que precisava ser para a família e quem ele era de verdade em seu íntimo. Essa

separação era talvez mais dolorosa em relação à mãe. E não ajudou nada o fato de o início da puberdade ter coincidido quase exatamente com o diagnóstico do câncer dela. Bem lá no fundo de seu inconsciente, em algum recanto escuro imune à lógica, ele tinha a impressão de que seu desabrochar sexual podia ter contribuído para a morte dela.

As coisas tampouco eram simples para Kirsten na mesma idade. No caso dela, também estavam em ação ideias opressivas sobre o que representava ser uma boa pessoa. Aos quatorze anos, ela gostava de passear com o cachorro, fazer trabalho voluntário em casas de repouso e deveres de casa de geografia extras sobre rios — mas também gostava de se deitar no chão com a saia levantada, sozinha no quarto, contemplando-se no espelho e imaginando que estava se exibindo para um garoto mais velho da escola. Exatamente como Rabih, queria certas coisas que pareciam não combinar com os conceitos dominantes e socialmente aceitos de normalidade.

Essas histórias do passado sobre a divisão do eu contribuem para tornar o início do relacionamento dos dois tão satisfatório. Não há mais necessidade de subterfúgios e segredos entre eles. Embora tenham tido alguns parceiros ao longo de suas vidas, consideram um ao outro bastante abertos e confiáveis. O quarto de Kirsten transforma-se no quartel-general de explorações noturnas nas quais enfim podem revelar, sem medo de ser julgados, as muitas coisas inusitadas e improváveis que sua sexualidade os leva a desejar.

*Os detalhes do que nos excita podem parecer estranhos e sem lógica, mas, quando observados mais de perto, contêm ecos de qualidades pelas quais ansiamos em outras pessoas, áreas supostamente mais sadias da existência: compreensão, simpatia, confiança, unidade, generosidade e bondade. Por trás de muitos gatilhos eróticos estão soluções simbólicas para alguns de nossos maiores medos e pungentes alusões aos nossos anseios de amizade e compreensão.*

Já se passaram três semanas desde a primeira vez deles. Rabih desliza os dedos sem o menor cuidado pelos cabelos de Kirsten. Com um movimento da cabeça e um leve suspiro, ela dá a entender que ele deve continuar — e com mais força, por favor. Ela quer que ele junte e segure seus cabelos com as mãos e os puxe com certa violência. Para Rabih, é complicado. Ele aprendeu a tratar as mulheres com muito respeito, a considerar que os dois sexos são iguais e a acreditar que, em uma relação, ninguém deve exercer poder sobre o outro. Contudo, neste exato momento, sua parceira não parece muito interessada em igualdade, nem está muito preocupada com as habituais regras de equiparar gêneros.

E ela mostra entusiasmo com toda uma série de palavras problemáticas. Pede que ele se dirija a ela como se não tivesse a menor consideração, e os dois acham a situação excitante exatamente porque a verdade é o extremo oposto disso. Os epítetos “filha da puta”, “piranha” e “vadia” passam a fazer parte do instrumental de suas expressões de lealdade e confiança.

Na cama, a violência — em geral um perigo tão grande — não precisa mais representar um risco; certo grau de força pode ser empregado com segurança e não deixa nenhum deles infeliz. A fúria momentânea de Rabih permanece perfeitamente sob controle, ao mesmo tempo que Kirsten extrai dela uma estimulante sensação da própria capacidade de resistência.

Na infância, os dois muitas vezes davam vazão à força física com os amigos. Bater podia ser algo divertido. Kirsten golpeava os primos com força, usando almofadas do sofá, enquanto Rabih lutava com os amigos no gramado do clube de natação. Na idade adulta, contudo, qualquer tipo de comportamento violento é proibido: nenhum adulto pode tratar outra pessoa com violência. Todavia, dentro dos limites dos jogos de casal, pode ser muito prazeroso levar uma pancada, bater um pouco e revidar; eles podem ser brutos e insistentes; pode haver certa margem de selvageria. Dentro do círculo protetor do amor, nenhum dos dois precisa se sentir em risco de ser machucado ou abandonado.

Kirsten é uma mulher de considerável resistência e autoridade. Gerencia um departamento no trabalho, ganha mais que seu amado, é confiante e acostumada a liderar. Sabe desde muito jovem que precisa cuidar de si mesma.

Na cama com Rabih, contudo, descobre que gostaria de assumir um papel diferente, como uma forma de escapar das cansativas exigências do restante de sua vida. O fato de se sujeitar a ele significa permitir que uma pessoa amorosa lhe diga exatamente o que fazer, assumindo a responsabilidade e a escolha no lugar dela.

O pensamento nunca a atraía antes, mas apenas porque achava que a maioria das pessoas mandonas não merece confiança: ao contrário de Rabih, não pareciam boas de verdade e não violentas por natureza (de brincadeira, ela gosta de chamá-lo de “Sultão Khan”). Foi em parte por costume que ela sempre buscou a independência, pois não havia por perto potentados otomanos legais o bastante para merecer a fragilidade do seu eu.

Rabih, por sua vez, teve que manter seu lado mandão sob estrito controle durante toda a vida adulta, mas o fato é que, bem lá no fundo, tem consciência de uma parte mais dura e severa da própria natureza. Às vezes, tem certeza de que sabe o que é melhor para outras pessoas e o que vão acabar atraindo na vida. No mundo real, ele pode ser o sócio

minoritário e sem poder de uma empresa provinciana de design urbano, com fortes inibições para expressar o que pensa de verdade, mas na cama com Kirsten sente o impulso de deixar de lado a habitual reserva e impor obediência absoluta, exatamente como Solimão, o Magnífico, devia fazer em seu harém no palácio de mármore e jade à margem do Bósforo.

*Os jogos de submissão e dominação, a hipótese de quebrar as regras, o interesse fetichista em determinadas palavras ou partes do corpo — tudo isso oferece oportunidades de investigar desejos que estão longe de ser estranhos, sem sentido ou ligeiramente insanos. Representam breves interlúdios utópicos nos quais podemos, com um amigo raro e verdadeiro, liberar com segurança nossas defesas normais para compartilhar e satisfazer os anseios de extrema intimidade e aceitação recíproca; e são estas as verdadeiras razões de fundo psicológico pelas quais os jogos são, no fim das contas, tão excitantes.*

Eles viajam de avião até Amsterdã para passar um fim de semana e, durante o voo, sobre o mar do Norte, fogem para o banheiro. Descobriram um entusiasmo comum por experiências em lugares semipúblicos, o que parece alinhar, de maneira repentina e arriscada mas eletrizante, suas tendências sexuais com as personas públicas mais formais que, em geral, são obrigados a demonstrar. Sentem como se estivessem desafiando a responsabilidade, o anonimato e o comedimento com esses momentos de desinibição e paixão. De certa forma, o prazer se torna mais intenso pela presença dos duzentos e quarenta passageiros totalmente alheios, separados deles apenas por uma fina porta.

O banheiro é muito apertado, mas Kirsten consegue abrir o zíper de Rabih e colocá-lo na boca. No passado, quase sempre resistia a fazer isso com outros homens, mas, com ele, o ato se tornou uma constante e irresistível extensão de seu amor. Acolher a parte aparentemente mais suja, íntima e culpada do amado em sua própria parte mais pública e respeitável é como libertá-los simbolicamente da repressiva dicotomia entre sujo e limpo, mau e bom — e nesse embalo, enquanto voam pelo clima glacial em direção a Scheveningen, a quatrocentos quilômetros por hora, integram suas individualidades até então divididas e envergonhadas.

## O pedido

No Natal, o primeiro que passaram juntos, eles voltaram à casa da mãe de Kirsten em Inverness. A Sra. McLelland demonstra um carinho maternal em relação a ele (meias novas, um livro sobre pássaros escoceses, uma garrafa térmica para sua mesinha de cabeceira), mas, apesar de disfarçar muito bem, está constantemente curiosa. Suas perguntas, ao lado da pia da cozinha após uma refeição ou numa caminhada pelas ruínas da Catedral de St. Andrew, parecem superficiais e casuais, mas Rabih não se ilude. Está sendo interrogado. Ela quer entender sua família, seus relacionamentos anteriores, como foi que perdeu o emprego em Londres e quais são suas responsabilidades em Edimburgo. Ele está sendo avaliado ao máximo em uma época que já não permite um veto por parte dos pais, na convicção de que os relacionamentos correm melhor se não for conferida autoridade a nenhum árbitro externo, pois as uniões românticas devem ser prerrogativa exclusiva dos indivíduos envolvidos, à exclusão até mesmo daqueles que — não faz muitos anos — podem ter dado banho em um dos dois toda noite ou os levado nos fins de semana ao parque Bught em um carrinho de bebê, para jogar pão aos pombos.

Entretanto, o fato de não poder opinar não significa que a Sra. McLelland não tenha dúvidas a esclarecer. Ela se pergunta se Rabih não vai se revelar mulherengo ou gastador, fracote ou bêbado, um chato ou o tipo que resolve uma discussão usando certa força — e está curiosa porque sabe, melhor que muita gente, que a pessoa com maior probabilidade de nos destruir é exatamente aquela com quem nos casamos.

No último dia juntos, quando a Sra. McLelland comenta com Rabih durante o almoço que é mesmo uma pena que Kirsten não tenha mais cantado desde que o pai se foi, pois tinha uma voz bastante promissora e uma vaga no naipe de sopranos do coro, não está apenas compartilhando um detalhe das atividades extracurriculares da filha; está — até onde permitem as regras da etiqueta — pedindo a Rabih que não arruíne a vida de Kirsten.

Eles pegam o trem de volta para Edimburgo na noite anterior à véspera de Ano-Novo, uma viagem de quatro horas pelas Highlands em uma velha composição movida a diesel. Veterana do percurso, Kirsten se lembrou de



levar um cobertor, no qual os dois se enroscam no último vagão, vazio. Visto das fazendas distantes, o trem deve parecer uma linha iluminada, do tamanho de um milípede, abrindo caminho numa tela de escuridão.

Kirsten parece preocupada.

— Não, não é nada — responde ao ser perguntada.

Mal acabou de responder e uma lágrima escorre pelo rosto, logo seguida por uma segunda e uma terceira.

Ainda assim, não é nada mesmo, insiste. Pura bobagem. Está sendo uma boba. Não queria deixá-lo envergonhado, os homens detestam esse tipo de coisa, e ela não pretende fazer disso um hábito. E, sobretudo, não tem nada a ver com ele. É a mãe dela. Está chorando porque, pela primeira vez em sua vida adulta, sente-se feliz de verdade — uma felicidade que a mãe dela, com quem tem uma relação quase simbiótica, sentiu tão pouco. A Sra. McLelland receia que Rabih a faça infeliz; Kirsten chora de culpa pela felicidade intensa que o amado a ajudou a encontrar.

Ele a abraça forte. Os dois se calam. Conhecem-se há pouco mais de seis meses. Ele não pretendia falar disso agora. Contudo, pouco depois do povoado de Killiecrankie, assim que o inspetor passou para verificar as passagens, Rabih se vira para Kirsten e, sem qualquer preâmbulo, pergunta se ela quer se casar com ele. Não necessariamente logo, acrescenta, mas quando achar que é o momento, nem necessariamente com muito alarde, podia ser uma comemoração bem íntima, só eles, a mãe dela e alguns amigos, mas é claro que também poderia ser uma festa, se ela preferisse. O principal é que ele a ama sem reservas e quer, mais do que qualquer coisa que já quis na vida, estar ao seu lado para sempre.

Ela vira para o outro lado e fica calada por alguns instantes. Confessa que não é muito boa nesses momentos, não que aconteçam tanto, ou que já tenham acontecido alguma vez. Não tem um discurso pronto — tudo surgiu como um raio, do nada —, e isso é tão diferente do que costuma acontecer com ela; é generoso, doido e corajoso da parte dele vir com uma dessas agora. E, no entanto, apesar de seu temperamento cético e da firme convicção de que não se importa com essas coisas, desde que ele tenha mesmo entendido o que quer e se dado conta do monstro que ela é, Kirsten não vê motivo para não dizer, de todo coração e com enorme medo e gratidão, “sim, sim, sim”.

*Não deixa de ser instrutivo sobre a importância relativa de uma análise rigorosa no processo nupcial o fato de que seria considerado muito pouco romântico, e até mesmo perverso, pedir a um casal de noivos que explicasse em detalhes, com paciência e autoconsciência, o que os havia levado a fazer e aceitar um pedido de casamento. E, no entanto, como se*

*sabe, estamos sempre ansiosos por perguntar onde e como ocorreu o pedido.*

Não seria falta de respeito com Rabih ponderar que, na verdade, ele não sabe por que a pediu em casamento — *saber* no sentido de estar no controle de uma série de motivos coerentes e racionais que pudessem ser compartilhados com uma terceira parte cética e questionadora. O que ele tem no lugar de uma fundamentação lógica são sentimentos, muitos mesmo; o sentimento de nunca querer deixá-la partir, por causa de sua testa larga e mente aberta, e a maneira como o lábio superior se projeta ligeiramente sobre o inferior; o sentimento de que a ama por causa de seu ar de inteligência furtivo e um tanto surpreso, que o leva a chamá-la de seu “Rato” ou sua “Toupeira” (e por outro lado, como ela tem uma aparência nada convencional, isso o faz se sentir inteligente por achá-la atraente); o sentimento de que precisa se casar com ela por causa da concentração diligente em seu rosto quando ela prepara uma torta de bacalhau com espinafre, de seu ar delicado quando abotoa o casaco felpudo de lã e por causa da sagacidade que demonstra quando desvenda a mente de pessoas conhecidas.

Não há praticamente nenhum pensamento sério por trás de sua certeza em relação ao casamento. Ele nunca leu livros sobre a instituição, nunca passou mais de dez minutos com uma criança na última década, jamais questionou de forma séria um casal, muito menos conversou mais detalhadamente com divorciados, e não saberia explicar por que a maioria dos casamentos fracassa, a não ser por conta da invariável tolice ou da falta de imaginação dos envolvidos.

*Ao longo de quase toda a história, as pessoas se casavam por motivos lógicos: porque o lote de terra dela ficava ao lado do seu, a família dele tinha um próspero negócio de cereais, o pai dela era o magistrado da cidade, era necessário manter um castelo ou, então, os pais do casal compartilhavam a mesma interpretação de um texto sagrado. E desses casamentos de conveniência decorriam solidão, estupro, infidelidade, espancamentos, um coração endurecido e gritos ouvidos por trás da porta do quarto das crianças.*

*O casamento racional não era em absoluto razoável, sob qualquer perspectiva legítima; era muitas vezes calculista, limitado, esnobe, explorador e abusivo. É por isso que o que veio assumir seu lugar — o casamento sentimental — foi em grande medida poupado da necessidade de se justificar. O que importa é que duas pessoas queiram muito que ele aconteça, sintam-se mutuamente atraídas por um instinto avassalador e saibam de coração que aquilo é o certo. A era moderna aparentemente se*

*fartou de “motivos”, os catalisadores de sofrimento, exigências de burocratas. Na verdade, quanto mais imprudente parecer um casamento (talvez tenham se conhecido há apenas seis semanas; um deles não tenha emprego ou os dois mal tenham saído da adolescência), provavelmente mais seguro será considerado, pois a aparente “imprudência” é vista como um contrapeso a todos os erros e tragédias generosamente distribuídos pelas uniões supostamente sensatas de outrora. O prestígio do instinto é o legado de uma reação coletiva de trauma frente a muitos séculos de excessivo “bom senso”.*

Ele a pede em casamento por causa da sensação de que é algo bastante perigoso de se fazer: se a união fracassar, arruinará a vida de ambos. Aqueles que dão a entender que o casamento não é mais necessário, que é muito mais seguro simplesmente morar junto, estão certos do ponto de vista prático, reconhece Rabih; mas ignoram o valor emocional do perigo, de colocar a si mesmo e ao ser amado em uma situação que poderia, com pequenas reviravoltas no enredo, resultar na destruição mútua. Rabih considera sua disposição a se deixar arruinar em nome do amor uma prova de seu comprometimento. O fato de não ser “necessário” casar, do ponto de vista prático, serve apenas para tornar a ideia ainda mais sedutora do ponto de vista emocional. *Estar* casado é algo que pode ser associado a cautela, conservadorismo e timidez, mas *se casar* é algo muito diferente, mais temerário e, portanto, mais romântico e atraente.

Para Rabih, a união matrimonial é o ponto alto de um caminho de coragem na direção da intimidade total; o pedido de casamento tem toda a fascinação passional de fechar os olhos e pular de um precipício, desejando e confiando que o outro vai estar lá para ampará-lo.

Ele a pede em casamento porque quer preservar, “congelar” o que ele e Kirsten sentem um pelo outro. Através do ato do matrimônio, espera perpetuar uma sensação de êxtase.

Ele sempre voltará a uma lembrança específica ao relembrar o fervor que quer perpetuar. Os dois estão em uma boate com vista panorâmica na George Street. É uma noite de sábado. Estão na pista de dança, imersos em rápidas órbitas de luzes roxas e amarelas, com uma batida de hip-hop alternando com o coro irresistível de hinos cantados nos estádios. Kirsten está de tênis, short de veludo e blusa de chiffon pretos. Rabih quer lambe o suor de suas têmporas e dançar com ela em seus braços. A música e a camaradagem entre os dançarinos prometem o fim definitivo de toda dor e divisão.

Eles saem para o terraço, iluminado apenas por uma série de grandes velas distribuídas pelos corrimões. A noite está clara e o universo veio ao encontro deles. Ela aponta para Andrômeda. Um avião se inclina ao passar

sobre o Castelo de Edimburgo e então se prepara para aterrissar no aeroporto. Naquele momento, Rabih sente, com toda a certeza do mundo, que aquela é a mulher ao lado de quem quer envelhecer.

Existem, claro, vários aspectos dessa ocasião que não poderiam ser “congelados” ou preservados pelo casamento: a serenidade da vasta noite estrelada; o generoso hedonismo da boate dionisíaca; a ausência de responsabilidades; o domingo indolente que têm pela frente (vão dormir até o meio-dia); a alegria dela e a gratidão dele. Rabih não se casa com — e por isso fixa para sempre — um sentimento. Ele se casa com uma pessoa por quem, num conjunto muito especial, privilegiado e fugidio de circunstâncias, teve a sorte de ter um sentimento.

Em certo nível, o pedido diz respeito a algo para o qual ele se direciona, e talvez, na mesma medida, a algo de que foge. Meses antes de conhecer Kirsten, ele jantou com um casal — velhos amigos da época da universidade em Salamanca. Foi um jantar animado, colocaram as novidades em dia. No momento que os três deixavam o restaurante na Victoria Street, Marta abaixou o colarinho do casaco cor de camelo de Juan e ajeitou cuidadosamente o cachecol vinho no pescoço dele, num gesto de atenção tão carinhoso e natural que fez Rabih se dar conta — como se tivesse levado um soco no estômago — de quanto estava sozinho em um mundo totalmente indiferente à sua existência e ao seu destino.

Sentiu então que a vida sozinho se tornara insustentável. Não havia mais lugar para caminhadas solitárias de volta para casa depois de festas sem sentido; domingos inteiros sem dirigir a palavra a um ser humano; feriados na cola de casais estressados e sem energia para conversar por causa dos filhos; e a certeza de que não ocupava um lugar importante no coração de ninguém.

Rabih ama Kirsten profundamente, mas detesta com quase a mesma força a ideia de ficar sozinho.

*Por mais vergonhoso que pareça, o encanto do casamento resume-se, em grande medida, em quão desagradável é estar sozinho, o que não é necessariamente culpa nossa como indivíduos. A sociedade como um todo parece decidida a tornar a condição de solteiro tão incômoda e depressiva quanto possível: passada a época desregrada do colégio e da universidade, torna-se tão difícil encontrar companhia e calor humano que se perde o ânimo; a vida social começa a girar de maneira opressiva em torno de casais; não resta mais ninguém para dar um telefonema ou bater papo. Não surpreende, assim, que quando encontramos uma pessoa no mínimo decente, tenhamos vontade de nos agarrarmos a ela.*

*Antigamente, quando (em teoria) as pessoas só podiam fazer sexo depois do casamento, os observadores mais sensatos sabiam que haveria quem se*

*sentisse tentado a se casar pelos motivos errados — argumentando, assim, que os tabus em torno do sexo pré-conjugal deviam ser descartados para ajudar os jovens a fazerem escolhas mais calmas e menos impulsivas.*

*Porém, se esse empecilho específico ao bom julgamento deixou de existir, outro tipo de ânsia parece ter tomado seu lugar. O desejo de companhia não é menos poderoso ou irresponsável, em seus efeitos, do que a motivação sexual foi um dia. Passar cinquenta e dois domingos seguidos sozinho pode acabar com a prudência de uma pessoa. A solidão também pode provocar uma repressão e um surto nada desejável de dúvida e ambivalência a respeito de um cônjuge em potencial. O êxito de qualquer relacionamento deve ser determinado não apenas pelo grau de felicidade de um casal quando juntos, mas pelo grau de preocupação de cada um dos parceiros com a eventualidade de não estar em nenhum relacionamento.*

Ele a pede em casamento com tanta confiança e certeza porque acredita ser uma pessoa fácil de conviver — outra decorrência circunstancial e arriscada de ter vivido tanto tempo sozinho. A condição de solteiro costuma suscitar uma autoimagem enganosa de normalidade. A tendência de Rabih à arrumação obsessiva quando se sente caótico por dentro, o hábito de usar o trabalho para disfarçar a ansiedade, a dificuldade de articular o que passa por sua cabeça quando está preocupado, a fúria quando não consegue encontrar uma camiseta favorita — todas essas excentricidades são devidamente encobertas quando não há ninguém por perto para vê-las, muito menos criar caso, exigir que venha jantar, fazer comentários críticos sobre seu hábito de limpar o controle remoto da televisão ou pedir que explique o que o atormenta. Sem testemunhas, ele pode agir de acordo com a benigna ilusão de que, com a pessoa certa, talvez ele seja bastante tranquilo de se ter por perto.

*Daqui a alguns séculos, o nível de autoconhecimento considerado necessário pela nossa época para se casar poderá parecer intrigante, senão completamente bárbaro. A essa altura, uma linha de investigação habitual e isenta de julgamento (e adequada mesmo em um primeiro encontro), que vai requerer de todos uma resposta tolerante, bem-humorada e nada defensiva, será apenas: “Então, a respeito de que você poderia ser considerado louco?”*

Kirsten conta a Rabih que, na adolescência, era infeliz, não se sentia capaz de se conectar com os outros e passou por uma fase de autoflagelação. Arranhar os braços até sangrarem, explica, era o único

alívio que conseguia encontrar. Rabih fica comovido com aquela confissão, mas não é apenas isso: ele decerto se sente atraído por Kirsten por causa de seus problemas. Vê nela uma boa candidata ao casamento porque, instintivamente, desconfia de pessoas para as quais as coisas sempre deram certo. Ele se sente isolado e estranho em volta de gente alegre e sociável. Desgosta militantemente de tipos despreocupados. Costumava referir-se a certas mulheres com quem saía como “chatas”, quando qualquer um poderia qualificá-las, de maneira mais generosa e exata, como “saudáveis”. Encarando o trauma como um caminho privilegiado para o crescimento e a seriedade, Rabih quer que sua tristeza encontre eco no temperamento da parceira. Desse modo, não se importa muito, ao menos de início, que Kirsten às vezes se mostre reservada e pouco transparente, ou que tenda a parecer distante e defensiva ao extremo depois que discutem. Ele nutre um confuso desejo de ajudá-la, sem entender que aceitar ajuda pode ser desafiador para os que mais precisam dela. Interpreta os aspectos problemáticos dela da maneira mais óbvia e lírica possível: como uma oportunidade para que ele próprio desempenhe um papel útil.

*Acreditamos estar buscando a felicidade no amor, mas o que queremos mesmo é familiaridade. Tentamos recriar em nossos relacionamentos adultos aqueles exatos sentimentos que conhecíamos tão bem na infância — e que raras vezes se limitavam a ternura e afeto. O amor que a maioria de nós experimentou bem cedo vinha misturado a outras dinâmicas mais destrutivas: o sentimento de querer ajudar um adulto fora de controle, de privação do afeto de um dos pais ou medo de sua raiva, ou de não ter segurança suficiente para comunicar nossos desejos mais complicados. Como parece lógico, então, que na idade adulta rejeitemos certos candidatos não por serem errados, mas por serem um pouco certos demais — no sentido de parecerem, de alguma maneira, excessivamente equilibrados, maduros, compreensivos e confiáveis —, já que, em nosso coração, essa adequação parece estranha e imerecida. Saímos em busca de pessoas mais interessantes, não por causa da crença de que a vida com elas será mais harmoniosa, mas pela sensação inconsciente de que, de uma forma tranquilizadora, elas vão parecer familiares em seus padrões de frustração.*

Ele a pede em casamento para romper o exaustivo domínio que a ideia de um relacionamento exerce há tanto tempo sobre sua psique. Está exaurido pelos dezessete anos de melodrama e emoções que não levaram a lugar algum. Tem trinta e dois anos e está impaciente por novos desafios. Não é cínico nem insensível da parte de Rabih sentir um enorme amor

por Kirsten e, ao mesmo tempo, esperar que o casamento ponha fim de uma vez por todas ao controle incrivelmente doloroso que o amor exerce em sua vida.

Quanto a Kirsten, basta dizer (já que viajaremos sobretudo pela mente dele) que não devemos subestimar os atrativos, para alguém que tantas vezes e de forma tão dolorosa duvidou de tantas coisas, em especial de si mesma, de um pedido de casamento vindo de um homem com toda a certeza bom e interessante que parece inequívoca e enfaticamente convencido de que ela é a mulher certa para ele.

Um juiz realiza o casamento no salão rosa-salmão do cartório de Inverness em uma manhã chuvosa de novembro, na presença da mãe de Kirsten, do pai e da madrasta de Rabih, e de oito amigos.

Eles leem os votos matrimoniais concebidos pelo governo da Escócia, prometendo que vão amar e cuidar um do outro, que vão ser pacientes e demonstrar compaixão, e que vão confiar e perdoar um ao outro, permanecendo amigos e companheiros leais até a morte.

Não querendo parecer muito didático (ou talvez apenas não sabendo muito bem como sê-lo), o governo nada mais sugere sobre as maneiras de concretizar esses votos — embora ofereça ao casal algumas informações sobre isenções fiscais disponíveis para aqueles que adquirirem materiais para providenciar o isolamento térmico em suas primeiras residências.

Depois da cerimônia, os convidados dirigem-se a um restaurante próximo para o almoço e, no fim desse mesmo dia, marido e mulher se retiram para um pequeno hotel perto de Saint-Germain, em Paris.

*Casamento: aposta promissora, generosa e infinitamente agradável feita por duas pessoas que ainda não sabem quem são ou quem poderia ser a outra parte, comprometendo-se com um futuro que não são capazes de conceber e que, com muito cuidado, se eximiram de investigar.*

PARA SEMPRE



## Coisinhas bobas

Na Cidade do Amor, a esposa escocesa e o marido do Oriente Médio visitam os mortos no cemitério do Père Lachaise. Procuram em vão pelos restos mortais de Jean de Brunhoff e acabam dividindo um *croque-monsieur* em cima do túmulo de Édith Piaf. De volta ao quarto, tiram da cama o que Kirsten chama de “colcha cheia de esperma”, estendem uma toalha e comem, em pratos de papel e com talheres de plástico, uma lagosta típica da Bretanha que atraiu a atenção deles na vitrine de uma delicatessen na rue du Cherche-Midi.

Em frente ao hotel, uma boutique infantil pretensiosíssima vende cardigãs e macacões a preços exorbitantes. Enquanto Rabih se deleita na banheira durante uma tarde, Kirsten dá um pulo na loja e volta com Dobbie, um monstrinho de pelúcia com um chifre e três olhos tortos de propósito — e que, em seis anos, será o brinquedo favorito de sua filha.

De volta à Escócia, eles começam a procurar apartamento. Rabih brinca que se casou com uma mulher rica, o que só é verdade em comparação à própria condição financeira. Ela já tem um pequeno apartamento, começou a trabalhar quatro anos antes que ele e não ficou oito meses desempregada nesse período. Ela comenta (de maneira amigável) que o dinheiro dele dá para pagar por um armário de vassouras. Eles acham um lugar bom no primeiro andar de um prédio na Merchiston Avenue. A proprietária é uma viúva idosa e frágil, que perdeu o marido há um ano e cujos dois filhos moram no Canadá. Tampouco parece estar bem de saúde. Fotos da família de quando os filhos eram pequenos estão enfileiradas nas prateleiras de madeira escura que Rabih logo começa a medir, pensando em uma TV. Ele também vai retirar o papel de parede e pintar os armários da cozinha com um laranja forte, uma cor mais adequada.

— Vocês me lembram um pouco de como Ernie e eu éramos na nossa época de recém-casados — diz a senhora.

— Que bom — responde Kirsten, passando o braço sobre o ombro da viúva por um breve momento.

A proprietária havia trabalhado como juíza, mas hoje tem um tumor impossível de operar crescendo na coluna e está se mudando para uma

casa de repouso do outro lado da cidade. Eles concordam com um preço razoável; a proprietária não pressiona o jovem casal como poderia. No dia da assinatura do contrato, enquanto Kirsten se aventura pelo quarto para tirar medidas, a senhora detém Rabih por um instante com a mão ossuda mas incrivelmente forte.

— Seja bom para a sua esposa, meu filho — aconselha. — Mesmo que às vezes ache que ela esteja errada.

Meio ano depois, eles ficam sabendo que a proprietária morreu.

Chegaram ao ponto em que, pela lógica, sua história — sempre modesta — deveria chegar ao fim. O desafio romântico já ficou para trás. A partir de agora, a vida vai assumir um ritmo constante e repetitivo, de tal maneira que muitas vezes eles vão ter dificuldade de situar algum acontecimento específico no tempo, tendo em vista que os anos vão ser tão semelhantes em suas manifestações externas. No entanto, a história deles está longe de ter acabado: de agora em diante, é apenas uma questão de resistir por mais tempo na correnteza e usar uma peneira de malha mais fina, no intuito de capturar os grãos que são de fato interessantes.

Numa manhã de sábado, semanas depois da mudança para o novo apartamento, Rabih e Kirsten vão à grande loja da Ikea nas imediações da cidade para comprar copos. As possibilidades se estendem por dois corredores, em uma infinidade de estilos. No fim de semana anterior, visitando uma loja recém-inaugurada perto da Queen Street, em pouco tempo encontraram uma luminária que agradou aos dois, com base de madeira e cúpula de porcelana. Agora também seria fácil.

Pouco depois de entrarem na cavernosa seção de utensílios domésticos, Kirsten decide que o melhor é comprar um conjunto da linha Fabulös, de copinhos que se estreitam na base, com duas bolas nas laterais, uma azul e outra roxa, e voltar para casa. Uma das qualidades que o marido mais admira nela é a determinação. Contudo, logo fica evidente para Rabih que os copos maiores, sem enfeites e retos da linha Godis são os únicos que combinariam com a mesa da cozinha.

*O romantismo é uma filosofia de concordância intuitiva. No amor verdadeiro, não há necessidade de explicitar ou explicar exhaustivamente as coisas. Quando duas pessoas estão juntas, simplesmente — e finalmente — existe um maravilhoso sentimento recíproco de que encaram o mundo da mesma maneira.*

— Você vai gostar deles quando chegarmos em casa, desembulharmos e os colocarmos junto aos pratos, juro. Eles são... mais bonitos — diz Kirsten, que sabe ser firme quando necessário. Para ela, os copos lisos parecem coisa de refeitórios e de prisões.

— Entendo o que quer dizer, mas, para mim, esses aqui têm uma aparência mais limpa e refrescante — rebate Rabihi, avesso a qualquer coisa decorada demais.

— Bom, não vamos ficar aqui discutindo o dia inteiro — argumenta Kirsten, puxando as mangas do casaco para baixo, cobrindo as mãos.

— Claro que não — concorda Rabihi.

— Então vamos ficar com os Fabulös e acabar logo com isso — insiste ela.

— Parece loucura ficar discordando, mas acho que seria quase desastroso.

— O negócio é que preciso seguir a minha intuição.

— Eu também — reage ele.

Ambos sabem perfeitamente que seria uma verdadeira perda de tempo ficar nos corredores da Ikea tendo uma extensa discussão por algo tão insignificante quanto a escolha dos copos (quando a vida é tão curta e seus verdadeiros imperativos, tão gigantescos), com um crescente mau humor, atraindo cada vez mais a atenção dos outros clientes, e, no entanto, permanecem ali, nos corredores da loja, tendo uma extensa discussão sobre quais copos deveriam comprar. Passados vinte minutos, cada um acusando o outro de ser um pouco tapado, desistem da compra e voltam para o estacionamento, com Kirsten declarando, no caminho, que pretende passar o resto da vida bebendo das mãos em concha. Ao longo de todo o percurso para casa, eles olham para fora do carro sem falar, o silêncio é interrompido apenas pelo eventual ruído das setas. Dobbie, que passou a viajar com eles, está intimidado no banco traseiro.

Eles são pessoas sérias. Kirsten está trabalhando em uma palestra intitulada “Formas de aquisição nos serviços municipais”, que vai ministrar mês que vem em Dundee para um público de funcionários do governo local. Rabihi, por sua vez, é autor de uma tese sobre “A tectônica do espaço na obra de Christopher Alexander”. Mas o fato é que uma quantidade incrível de “coisinhas bobas” surge entre eles. Qual é, por exemplo, a temperatura ideal do quarto? Kirsten está convencida de que precisa de muito ar fresco à noite para manter as ideias claras e um alto nível de energia no dia seguinte. Prefere que o quarto fique meio frio (se necessário, coloca mais um casaco ou o pijama térmico) a abafado e contaminado. A janela tem que ficar aberta. No entanto, os invernos eram muito intensos em Beirute na infância de Rabihi, e o combate às rajadas de vento sempre foi levado a sério. (Mesmo numa guerra, sua família sustentava opiniões muito firmes sobre as correntes de vento.) De certa forma, ele se sente seguro, acolhido e confortável com as persianas baixadas, as cortinas bem fechadas e alguma condensação aparecendo no vidro das janelas.

Ou então, para mencionar outro motivo de disputa, a que horas devem sair de casa para jantar juntos (uma recompensa muito especial) num dia de semana? Kirsten pensa: a reserva é para as oito. O Origano fica a cerca de cinco quilômetros, o trajeto geralmente é rápido, mas e se houver retenção na rotatória principal, lembra ela a Rabih, como da última vez (quando foram visitar James e Mairi)? De qualquer maneira, não faz mal chegar um pouco mais cedo. Podem tomar um drinque no bar ao lado ou até dar uma caminhada pelo parque; há muitos assuntos para pôr em dia. O melhor seria pedir o táxi para as sete horas. E Rabih pensa: reserva para as oito significa que podemos chegar ao restaurante às oito e quinze ou oito e vinte. Ainda preciso responder a cinco longos e-mails antes de sair do escritório, e não consigo ser afetuoso quando estou com várias coisas na cabeça para resolver. De qualquer maneira, o trânsito vai estar livre a essa hora. E os táxis sempre chegam cedo. É melhor marcar o táxi para as oito.

Ou ainda: qual é a melhor estratégia para contar uma história em uma festa, digamos, bem pretensiosa no Museu da Escócia, para a qual foram convidados por um cliente que Rabih precisa impressionar? Ele considera que as regras num caso assim são muito claras: primeiro, definir onde transcorre a ação; depois, introduzir os principais participantes e expor os dilemas para, em seguida, entrar em uma narrativa rápida e direta até uma conclusão (depois do que seria de bom gosto ceder a vez a alguém, de preferência o CEO, que espera pacientemente). Kirsten, pelo contrário, argumenta que é mais interessante começar a história pelo meio para então voltar ao início. Assim, pensa ela, o público tem uma ideia mais concreta do que está em jogo para os personagens. Os detalhes dão vivacidade. Nem todo mundo gosta de ir direto ao ponto. E se a primeira anedota der certo, por que não contar uma segunda?

Se consultassem a opinião de seus ouvintes (de pé junto à exibição de um gigantesco estegossauro cujos ossos foram encontrados em uma pedreira perto de Glasgow no fim do século XIX), eles provavelmente não fariam grandes objeções a nenhum dos estilos; os dois seriam bons, diriam. Entretanto, para Kirsten e Rabih, recapitulando a performance com obstinação a caminho da chapelaria, a divergência parece muito mais crítica e pessoal: como é que os outros, pergunta-se cada um deles, podem entender alguma coisa — o mundo, a si mesmos, o parceiro — se eles se mostram sempre tão aleatórios ou, no extremo oposto, tão regrados? Porém, o que realmente torna tudo mais intenso é uma nova ideia que surge sempre que algum motivo de tensão se manifesta: como suportar isso pelo resto da vida?

*Nós aceitamos a complexidade — e assim damos espaço às discordâncias e à paciente resolução delas — em quase todas as áreas importantes da*

*vida: comércio internacional, imigração, oncologia... No entanto, quando se trata da vida doméstica, tendemos a presumir fatidicamente que ela será fácil, o que nos incute uma tensa aversão a negociações prolongadas. Acharíamos um absurdo completo dedicar uma reunião de cúpula de dois dias à gestão do banheiro, e decididamente fora de cogitação contratar um mediador profissional para nos ajudar a identificar o momento certo de sair de casa para jantar.*

Casei com uma doida, pensa ele, com medo e autocompaixão ao mesmo tempo, enquanto o táxi percorre em alta velocidade as ruas vazias do subúrbio. Não menos furiosa, sua parceira senta-se a maior distância possível dele no banco traseiro do táxi. Não há, na imaginação de Rabih, espaço para o tipo de desavença conjugal na qual se vê envolvido. Em teoria, ele está mais que preparado para a discordância, o diálogo e para ceder, mas não sobre uma besteira tão grande. Nunca leu nem ouviu falar de uma disputa tão feia por causa de um detalhe tão pequeno. Saber que Kirsten provavelmente vai ficar distante e dura com ele até o segundo prato serve apenas para deixá-lo ainda mais agitado. Ele olha para o imperturbável motorista — um afegão, a julgar pela bandeirola de plástico presa ao painel. O que ele não deve estar pensando sobre um bate-boca assim, entre duas pessoas que não precisam enfrentar pobreza nem genocídio tribal? Rabih se acredita um bom sujeito, a quem infelizmente não são oferecidas as oportunidades certas para exercer sua bondade. Seria bem mais fácil doar sangue a uma criança ferida em Badakhshan ou carregar água para uma família em Candaar do que se inclinar para pedir desculpas à mulher.

*Nem todas as preocupações de ordem doméstica têm o mesmo peso. Qualquer um pareceria um tolo por se preocupar muito com o nível de ruído produzido pela outra pessoa quando come cereal ou o tempo pelo qual as revistas devem ser mantidas na sala de estar depois da data de publicação. Não é difícil humilhar alguém que se aferra a um regime rigoroso de empilhamento dos utensílios no lava-louça ou da rapidez da devolução da manteiga à geladeira após o uso. Quando as tensões que nos incomodam carecem de glamour, ficamos à mercê daqueles que possam considerar nossas preocupações mesquinhas ou esdrúxulas. Podemos nos sentir frustrados e, ao mesmo tempo, bastante incertos da dignidade de nossas frustrações para ter a confiança de expô-las com tranquilidade à nossa plateia suspeita ou impaciente.*

Na realidade, essas brigas “por nada” são raras no casamento de Rabih e Kirsten. As pequenas questões, de fato, são apenas grandes questões que ainda não receberam a devida atenção. As brigas cotidianas são os fios soltos que se agarram a contrastes fundamentais da personalidade deles.

Se fosse um observador mais perspicaz dos próprios compromissos e decepções, talvez Rabih pudesse (em relação à temperatura do ambiente) ter explicado, de baixo do edredom: “Quando você diz que quer a janela aberta em pleno inverno, fico assustado e preocupado — é algo mais emocional do que físico. Fico antevendo um futuro em que coisas importantes serão ignoradas. Lembra-me de certa resignação sádica e uma alegre valentia que você tem e que, geralmente, prefiro evitar. Em algum nível subconsciente, receio que não seja de ar fresco que você precise, mas que gostaria de me jogar pela janela com esse seu jeito encantador, mas ao mesmo tempo bruto, sensível e intimidador.”

E se Kirsten se dispusesse da mesma forma a examinar sua posição na questão da pontualidade, também poderia ter feito seu tocante discurso a Rabih (e ao motorista afegão) a caminho do restaurante: “Minha insistência em sair tão cedo é, no fim das contas, um sintoma de medo. Num mundo de aleatoriedades e surpresas, é uma técnica que desenvolvi para me livrar da ansiedade e de um horrível e inominável sentimento de pavor. Quero chegar na hora exatamente como outras pessoas ambicionam pelo poder, partindo de uma mesma necessidade de segurança; o que não deixa de fazer sentido, mas só um pouco, considerando-se que passei a infância esperando por um pai que nunca apareceu. É o meu jeito maluco de tentar manter a sanidade.”

Com suas respectivas necessidades contextualizadas, com cada um dos lados entendendo as origens das crenças do outro, poderia se seguir uma nova flexibilidade. Rabih poderia ter proposto que saíssem para o Origano não muito depois de seis e meia; e Kirsten compraria, quem sabe, um ar-condicionado para o quarto.

*Sem paciência para a negociação, o resultado é a rispidez: a raiva que se esqueceu de onde veio. Temos um chato que quer tudo do seu jeito, sem se dar ao trabalho de explicar o motivo. E outro sem mais paciência para explicar que sua resistência decorre de contra-argumentos sensatos, ou então de falhas de caráter que no fundo são tocantes e talvez até perdoáveis.*

*Os dois lados só querem que os problemas — tão insuportáveis para ambos — desapareçam.*

Por acaso, é bem no meio de outro impasse em torno da janela e da temperatura do cômodo que uma amiga de Kirsten, Hannah, telefona da

Polônia, onde mora com o companheiro, para perguntar como “aquilo” está indo, referindo-se ao casamento (que já tem um ano).

O marido de Kirsten colocou um sobretudo e enfiou um chapéu de lã na cabeça para maximizar a força de sua objeção às exigências de ar fresco da mulher, e se aconchega sentado em uma autocomiseração infantil num canto do quarto, embaixo do edredom. Ela acaba de se referir a ele, não pela primeira vez, como um grande maricas.

— Ótimo — responde Kirsten.

Por mais na moda que esteja se mostrar aberto sobre relacionamentos, não deixa de ser meio vergonhoso ter que reconhecer que é bem possível — apesar de tantas oportunidades de reflexão e experimentação — ter se casado com a pessoa errada.

— Estou aqui em casa com Rabih, tendo uma noite tranquila e botando a leitura em dia.

Na realidade, nem Rabih nem Kirsten consideram deter a suprema verdade sobre em que pé as coisas andam entre eles. A alternância de humor é uma constante em suas vidas. No mesmo fim de semana, podem variar vertiginosamente da claustrofobia à admiração, do desejo ao tédio, da indiferença ao êxtase, da irritação à ternura. Deter a roda do tempo em qualquer ponto para compartilhar um veredito honesto com uma terceira pessoa seria como assumir o risco de ser eternamente cobrado por uma confissão que, no futuro, poderia se revelar mero reflexo de um estado de espírito momentâneo — declarações negativas sempre têm um peso que as mais felizes não alcançam.

Enquanto não houver testemunhas para as brigas, Kirsten e Rabih estão livres para não precisar decidir até que ponto as coisas entre os dois vão bem ou mal.

*Os desafios comuns de uma relação são uma questão estranhamente ignorada — o que não ajuda em nada. São os extremos que quase sempre atraem a atenção — as parcerias absolutamente bem-aventuradas ou as catástrofes homicidas —, e assim fica difícil saber o que fazer — e quanto devemos nos sentir solitários — em casos de fúrias infantis, ameaças de divórcio tarde da noite, silêncios emburrados, portas que se batem e atos cotidianos de falta de consideração e crueldade.*

*Em teoria, a arte deveria nos dar as respostas que os outros não dão. Esse poderia até ser um dos principais pontos da literatura: nos dizer o que a sociedade em geral se sente pudica demais para investigar. Os livros importantes deveriam ser aqueles que nos fazem imaginar, com alívio e gratidão, como o autor pode saber tanto de nossa vida.*

*Porém, com demasiada frequência, certo senso realista do que vem a ser um relacionamento duradouro acaba sendo debilitado pelo silêncio, seja*

*da sociedade seja das artes. Ficamos então imaginando que as coisas estão muito piores para nós do que para outros casais. Não é que estejamos apenas infelizes: desenvolvemos uma visão equivocada do grau de raridade e excentricidade que nossa tristeza pode assumir. Acabamos acreditando que as brigas são sinais de algum erro inusitado e fundamental, e não provas de que o casamento basicamente corre de acordo com os planos.*

Eles são poupados do ressentimento constante através de dois remédios perfeitamente confiáveis. O primeiro é a falta de memória. Às quatro da tarde de uma quinta-feira fica difícil lembrar qual era o motivo de toda aquela fúria no táxi na noite anterior. Rabih sabe que tinha algo a ver com o tom um pouco desdenhoso de Kirsten, misturado à maneira impertinente e ingrata como reagira ao seu comentário sobre ter que sair cedo do trabalho sem um bom motivo. No entanto, os contornos exatos da ofensa perderam o foco, graças aos raios solares que entraram pelas cortinas às seis da manhã, à conversa no rádio sobre estações de esqui, à caixa de entrada cheia de e-mails, às piadas no almoço, aos preparativos para a conferência e às duas horas de reunião sobre o design do site, o que, juntos, quase chegaram a consertar as coisas entre eles tanto quanto uma conversa madura e direta.

O segundo remédio é mais abstrato: pode ser difícil continuar irritado por muito tempo quando se considera toda a imensidão do universo. Horas depois do incidente na Ikea, lá pelo meio da tarde, Rabih e Kirsten deram uma caminhada há muito planejada pelas montanhas Lammermuir, a sudeste de Edimburgo. Começam calados e contrariados, mas, aos poucos, a natureza os liberta das garras da indignação recíproca, não por empatia, mas por sublime indiferença. Estendendo-se interminavelmente ao longe, geradas pela compressão de rochas sedimentares nos períodos ordoviciano e siluriano (cerca de quatrocentos e cinquenta milhões de anos antes da fundação da Ikea), as colinas dão a entender de forma enfática, que as brigas que nos últimos tempos ocupam tanto espaço em suas mentes não têm um lugar tão significativo assim na ordem cósmica, sendo um perfeito nada em comparação às eras que a paisagem parece testemunhar. Nuvens passeiam pelo horizonte sem se dar conta do orgulho ferido dos dois. Nada, nem ninguém, parece dar a menor importância: nem a família de maçaricos voando em círculos no alto, nem a narceja, a tarambola-dourada ou a petinha-dos-prados. Tampouco a madressilva, as dedaleiras e as campânulas ou as três ovelhas perto do bosque de Fellcleugh, pastando com sério intento um tipo raro de trevo. Depois de se sentirem diminuídos um pelo outro durante a maior parte do dia, Rabih e Kirsten estão aliviados por se considerarem pequenos diante



da imensidão em que suas vidas se desenrolam. Estão mais dispostos a achar graça da própria insignificância, destacada ali por forças indiscutivelmente mais poderosas e impressionantes que eles.

O horizonte sem limites e as velhas colinas são de tão grande ajuda que, ao chegarem a um café na aldeia de Duns, eles já esqueceram por que deveriam estar furiosos um com o outro. Duas xícaras de chá depois, decidiram voltar à Ikea, onde afinal conseguem escolher copos que os dois serão capazes de tolerar pelo resto da vida: uma dúzia da linha Svalka.

## *Emburrados*

Durante um bom tempo, todo mundo parece supérfluo para eles. Não querem mais estar com os amigos de quem dependiam nos longos anos antes de se conhecerem. Contudo, acabam sendo vencidos pela culpa e por uma renovada curiosidade. Na prática, isso significa se encontrar mais com os amigos de Kirsten, pois os de Rabih estão espalhados pelo mundo. A turma dela da Universidade de Aberdeen se reúne às sextas-feiras no Bow Bar. Fica bem longe de casa, mas oferece uma enorme seleção de uísques e cervejas artesanais — muito embora, na noite em que Kirsten convence Rabih a ir até lá, ele acabe optando por água com gás. Não é por causa de sua religião, como precisa explicar (cinco vezes); apenas não está com vontade de beber.

— “Marido e mulher.” Caramba! — diz Catherine, com um toque de ironia.

Ela é contra o casamento e se entende melhor com pessoas que corroboram sua opinião. Naturalmente, a expressão “marido e mulher” ainda soa meio estranha para Rabih e Kirsten. Eles também costumam usar os títulos entre aspas irônicas, para diminuir seu peso e sua falta de sentido, pois nem de longe se sentem como o tipo de pessoa que tendem a associar a tais palavras, que evocam personagens muito mais velhos, estabelecidos e infelizes do que os dois se consideram. “A Sra. Khan chegou”, Kirsten gosta de gritar ao entrar em casa, brincando com um conceito que muito remotamente parece digno de crédito para eles.

— E então, Rabih, onde você trabalha? — pergunta Murray, um homem rude, barbudo, empregado da indústria do petróleo e antigo admirador de Kirsten durante a graduação.

— Numa empresa de urbanismo — responde, sem dúvida se sentindo como uma menina, algo que às vezes acontece na presença de homens mais másculos. — Fazemos espaços cívicos e zoneamento.

— Espera aí, cara — interrompe Murray —, já me perdi.

— Ele é arquiteto — esclarece Kirsten. — Projeta casas e escritórios. E esperamos que faça ainda mais quando a economia se recuperar.

— Já sei, estão aqui na nossa área sombria do reino esperando a recessão passar, não é? Para então voltar aos holofotes construindo a

próxima grande Pirâmide de Quéops?

Murray ri um pouco alto demais da própria zombaria sem graça, mas não é isso que incomoda Rabih, e sim a maneira como Kirsten entra na brincadeira, segurando o que resta de sua cerveja, inclinando a cabeça na direção do velho colega de universidade e rindo muito com ele, como se alguma coisa de fato divertida tivesse sido dita.

Rabih fica calado no caminho de volta, então alega estar cansado, responde com o clássico “nada” quando ela pergunta se há algo errado e, depois de chegarem ao apartamento, ainda cheirando a tinta fresca, vai para o escritório onde fica o sofá-cama, e bate a porta.

— Ah, para com isso! — diz ela, elevando a voz para ser ouvida. — Pelo menos me diz o que está acontecendo.

Ao que ele responde:

— Vai se foder, me deixa em paz!

O que às vezes pode ser o som do medo.

Kirsten faz um chá e segue para o quarto, pensando — não com muita sinceridade — que não tem a menor ideia do motivo pelo qual o marido (que de fato parecera bem estranho no Bow Bar) possa estar tão contrariado.

*No cerne de estar emburrado existe uma confusa mistura de raiva intensa e um desejo não menos intenso de não deixar transparecer o motivo da raiva. O emburrado, ao mesmo tempo, está desesperado para que a outra pessoa entenda seus motivos e, no entanto, se empenha até o fim para não ajudar nesse sentido. A raiz da ofensa está na própria necessidade de se explicar: se o parceiro precisa de uma explicação, é evidente que não é digno de uma. E podemos acrescentar: é um privilégio ser objeto do amuo de alguém, pois significa que a outra pessoa nos respeita e confia em nós o suficiente para achar que deveríamos entender sua mágoa silenciosa. É um dos mais estranhos dons do amor.*

Enfim ela levanta da cama e bate à porta do escritório. Sua mãe sempre dizia que não se deve ir dormir brigado. Kirsten ainda está dizendo a si mesma que não entende o que está acontecendo.

— Querido, você está se comportando como se tivesse dois anos. Estou do seu lado, lembra? Pelo menos explique o que há de errado.

Dentro do cômodo apertado cheio de livros sobre arquitetura, o bebezão se vira no sofá-cama e só consegue pensar que não vai ceder — e também, de forma irrelevante, que as palavras estampadas em letras prateadas na lombada de um livro numa prateleira próxima parecem muito estranhas: MIES VAN DER ROHE.

Para ele, é uma situação inusitada. Nos relacionamentos anteriores, Rabih sempre se esforçou muito por ser aquele que se importava um pouco menos com as coisas, mas a vitalidade e a determinação de Kirsten o colocaram no papel oposto. Agora é a vez dele de perder horas de sono e se inquietar. Por que todos os amigos dela o detestam? O que ela vê neles? Por que sua esposa não se deu ao trabalho de ajudá-lo e de defendê-lo?

*O ato de ficar emburrado é uma homenagem a um lindo e perigoso ideal que remonta à primeira infância: a promessa da compreensão implícita. No útero, não tínhamos que explicar nada. Cada uma de nossas necessidades era atendida. Todo o conforto necessário simplesmente existia. Em certa medida, esse panorama idílico continuou prevalecendo pelos primeiros anos de vida. Não precisávamos comunicar cada carência nossa: pessoas grandes e bondosas tratavam de adivinhá-las. Elas enxergavam através de nossas lágrimas, de nossa incapacidade de comunicação, de nossas confusões: encontravam explicações para as dificuldades que não sabíamos verbalizar.*

*Talvez seja por isso que, nos relacionamentos, até mesmo o mais eloquente de nós pode, por instinto, preferir não explicar as coisas em detalhes quando existe o risco de que o parceiro não seja capaz de nos entender de forma adequada. Só uma leitura silenciosa e precisa dos pensamentos pode indicar verdadeiramente que o parceiro é alguém que merece confiança; só quando não precisamos nos explicar é que podemos ter certeza de que somos de fato entendidos.*

Quando já não aguenta mais, ele volta pé ante pé para o quarto e se senta ao lado dela na cama. Estava pensando em acordá-la, mas muda de ideia ao ver seu rosto inteligente e amável em repouso. A boca está um pouquinho aberta, e ele ouve, fraquinho, o som de sua respiração; os pelos do braço podem ser vistos sob a luz que vem da rua.

Na manhã seguinte, está frio mas faz sol. Kirsten se levanta antes de Rabih e prepara dois ovos cozidos, um para cada um, além de uma cesta de pãezinhos fatiados. Olha para o salgueiro lá embaixo no jardim e sente gratidão pelas coisas simples e confiáveis do cotidiano. Quando ele entra na cozinha, desganhado e sem graça, prevalece, a princípio, o silêncio, até que os dois acabam sorrindo um para o outro. Na hora do almoço, ele lhe manda um e-mail: “Ando meio nervoso, desculpe.” Embora esteja prestes a entrar numa reunião, ela rapidamente responde: “Seria mto chato se não estivesse. E solitário.” O fato de ter ficado emburrado é esquecido.

*De preferência, deveríamos permanecer capazes de achar graça, de um jeito bem gentil, quando nos tornamos o alvo especial da fúria de um emburrado. Reconheceríamos o tocante paradoxo da situação. O emburrado pode ter um metro e oitenta de altura e um emprego de gente grande, mas a verdadeira mensagem é retroativa e comovente: “Bem lá no fundo, ainda sou uma criança e, neste momento, preciso que você seja meu pai ou minha mãe. Preciso que adivinhe (e acerte) o que de fato me magoa, como as pessoas faziam quando eu era bebê, na época em que minhas ideias sobre o amor se formaram.”*

*Estamos fazendo o maior favor possível aos nossos amados emburrados quando somos capazes de encarar seus ataques como faríamos se fossem crianças. Estamos sempre conscientes do fato de que seria condescendência tratar alguém como se fosse mais jovem do que realmente é; esquecemos que, de vez em quando, também pode ser um privilégio que alguém enxergue além da nossa individualidade adulta para lidar com a criança decepcionada, furiosa e incapaz que está por trás dela — e perdoá-la.*

## *Sexo e censura*

Eles estão em um café onde às vezes vão aos sábados, pedem ovos mexidos, conversam sobre a semana e leem o jornal. Hoje, Kirsten conta a Rabih sobre o dilema enfrentado por sua amiga Shona, cujo namorado, Alasdair, foi transferido de repente para trabalhar em Cingapura. Shona se questiona se deve ir com ele (estão juntos há dois anos) ou permanecer na clínica de cirurgia dentária em Inverness, onde acaba de ser promovida. É uma decisão bem difícil. Porém, a exegese de Kirsten avança muito devagar, nem sempre de maneira linear, de modo que Rabih também continua de olho nos acontecimentos relatados no *Daily Record*. Situações um pouco estranhas e até macabras têm ocorrido nos últimos tempos em lugares com nomes bastante líricos: um professor de história decapitou a mulher com uma espada antiga numa casa nas imediações de Lochgelly, enquanto em Auchtermuchty a polícia procura um homem de cinquenta e quatro anos que engravidou a própria filha de dezesseis.

— Sr. Khan, se continuar achando que tudo o que eu digo não passa de um som ambiente que pode ignorar a seu bel-prazer, juro que o que aconteceu com a pobre mulher de Lochgelly vai parecer um passeio na Disney para você — ameaça Kirsten, dando-lhe uma violenta cutucada nas costelas com uma faca (sem fio de corte).

Contudo, não são apenas o caso de incesto em Fife e os problemas de Shona que preocupam Rabih. Sua atenção também é atraída por um terceiro elemento. Angelo e Maria são donos do café há trinta anos. O pai de Angelo, nascido na Sicília, ficou detido nas ilhas Orkney durante a Segunda Guerra Mundial. O casal tem uma filha de vinte e um anos, Antonella, que acaba de se formar (com louvor) no curso de bufê e hotelaria do North East Scotland College, em Aberdeen. Até que apareça algo mais concreto, ela ajuda no café, se dividindo entre as idas à cozinha e os clientes, providenciando até quatro pedidos ao mesmo tempo e sempre avisando que os pratos estão muito quentes enquanto manobra com muita elegância entre as mesas. Ela é alta, forte, bem-humorada — e muito linda. Conversa gentilmente com os clientes sobre o tempo, e, com aqueles que a conhecem desde menina, sobre as mais recentes novidades de sua vida. No momento está solteira, informa a duas senhoras idosas na

mesa em frente, acrescentando que não se importa e explicando que, não, nunca experimentou um desses sites de encontros, não faz seu tipo. Usa no pescoço um crucifixo surpreendentemente grande preso a uma corrente.

Enquanto a observa, Rabih permite, quase sem querer, que uma parte de sua mente deixe para trás as responsabilidades habituais e comece a imaginar uma sequência de imagens extravagantes: a estreita escada atrás da máquina de café expresso, que leva ao apartamento do primeiro andar; o quartinho de Antonella, com um amontoado de caixas que ainda não foram abertas trazidas da universidade; um feixe de luz da manhã fazendo brilhar seus cabelos negros e realçando sua palidez; suas roupas jogadas numa cadeira e a própria Antonella deitada na cama, com as longas pernas musculosas estiradas e abertas, completamente nua, a não ser pelo crucifixo.

*No Ocidente, devemos ao cristianismo a ideia de que só pode haver sexo quando houver amor. A religião insiste que duas pessoas que se gostam devem reservar seus corpos e seu olhar apenas uma para a outra. Pensar em estranhos em termos sexuais significa descartar o verdadeiro espírito do amor, traindo Deus e a própria humanidade.*

*Tais preceitos, ao mesmo tempo comoventes e ameaçadores, não evaporaram por completo com o declínio da fé em que outrora se escoravam. Mesmo afastados de suas justificativas explicitamente teístas, parecem ter sido absorvidos pela ideologia do romantismo, que confere papel de prestígio similar ao conceito de fidelidade sexual no ideal de amor. Também no mundo secular, a monogamia passou a ser considerada uma expressão suprema e necessária do comprometimento emocional e da virtude. Nossa época preservou de forma impressionante a essência de uma posição religiosa de outros tempos: a crença de que o verdadeiro amor não pode deixar de acarretar inequívoca fidelidade sexual.*

Rabih e Kirsten voltam para casa de mãos dadas, caminhando devagar, de vez em quando fazendo uma pausa para dar uma olhada numa loja. O dia será muito quente, e o mar está com um tom turquesa, quase tropical. É a vez de Kirsten tomar banho primeiro, e depois que os dois acabam, vão para a cama com o sentimento de que, após uma semana longa e difícil, merecem se entregar ao prazer.

Eles adoram inventar histórias durante o sexo. Um deles começa, o outro leva adiante e a devolve para novos desdobramentos. Os roteiros podem ser intensos.

— A aula acabou e a sala está vazia — começa Kirsten. — Você pediu que eu esperasse, para podermos repassar o meu trabalho. Eu sou tímida e

fico ruborizada muito fácil, uma herança da minha educação católica rigorosa...

Rabih acrescenta mais detalhes:

— Eu sou professor de geografia, especializado em geleiras. Minhas mãos tremem. Toco seu joelho esquerdo, mal conseguindo acreditar que...

Até agora, eles já inventaram histórias com um montanhista perdido e uma médica habilidosa, seus amigos Mike e Bel, e um piloto e sua passageira tímida mas curiosa. Então, não há nada estruturalmente inusitado no impulso de Rabih em iniciar, naquela manhã, uma narrativa envolvendo uma garçonete, um crucifixo e um cinto de couro.

*Embora sempre lute para se impor nos círculos respeitáveis, o princípio cristão-romântico de que sexo e amor são inseparáveis tem uma alternativa. O ponto de vista libertino nega qualquer vínculo inerente ou lógico entre amar uma pessoa e precisar ser sexualmente leal a ela de maneira infalível. Considera que pode ser natural, e até saudável, que os parceiros de um casal eventualmente transem com estranhos pelos quais não nutrem particular afeição, mas por quem se sentem atraídos. O sexo nem sempre precisa estar atrelado ao amor. Às vezes — sustenta essa filosofia —, pode ser uma atividade puramente física e aeróbica, cultivada sem real significado emocional. Segundo seus adeptos, seria tão absurdo supor que alguém só possa fazer sexo com a pessoa que ama quanto exigir que apenas casais comprometidos possam jogar pingue-pongue ou correr juntos.*

*Em nossa época, isso continua sendo um ponto de vista minoritário.*

Rabih monta a cena.

— Estamos então nessa cidadezinha do litoral da Itália, talvez Rimini, e acabamos de tomar sorvete, pode ser de pistache, quando você presta atenção na garçonete, meio tímida mas espontaneamente muito simpática, ao mesmo tempo maternal e virginal de forma fascinante.

— Você está falando de Antonella.

— Não necessariamente.

— Rabih Khan, por favor! — zomba Kirsten.

— Tudo bem: Antonella, então. Nós perguntamos a Antonella se não gostaria de aparecer no nosso hotel depois do expediente para tomar uma *grappa*. Ela fica lisonjeada, mas meio envergonhada. É que ela tem um namorado, Marco, mecânico na oficina local, que é muito ciumento, mas também bastante incompetente na cama. Ela quer experimentar certas coisas há séculos, mas ele se recusa a tentar. Coisas que não saem da cabeça dela, e é em parte por isso que acaba aceitando o nosso convite inusitado.



Kirsten está calada.

— Agora estamos no hotel, no quarto, que tem uma cama enorme com uma antiquada cabeceira metálica. A pele dela é muito macia. O lábio superior está um pouco umedecido. Você passa a língua por ele e suas mãos começam a descer com delicadeza pelo corpo dela.

Rabih prossegue:

— Ela ainda está de avental, e você a ajuda a tirá-lo. Você acha que ela é um amor, mas também quer usá-la de um jeito bem mercenário. É onde entra o cinto. Você tira o sutiã dela, que é preto, ou quem sabe não, talvez cinza, puxando-o por cima da cabeça e se inclina para abocanhar um dos seios. Os mamilos estão enrijecidos.

Kirsten continua calada.

— Você vai descendo e introduz a mão na calcinha italiana de muitas rendas — prossegue ele. — De repente, tem vontade de lambê-la entre as pernas, então a põe de quatro e começa a explorá-la por trás.

A essa altura, o silêncio da parceira de Rabih, em geral grande adepta da brincadeira de inventar histórias, já se tornou opressivo.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Tudo bem, é só que... não sei... é meio estranho você pensar em Antonella desse jeito. Um tanto pervertido, na verdade. Ela é uma pessoa tão adorável, eu a conheço desde o ensino médio, e agora os pais dela estão tão orgulhosos do que conquistou. Não gosto dessa história manjada do sujeito batendo uma enquanto olha duas mulheres se chupando. Ai, para ser franca, é meio idiota e pornô. Já o lance anal, sinceramente...

— Desculpe, tem razão, é ridículo — interrompe Rabih, de repente se sentindo um perfeito bobão. — Vamos fingir que eu não falei nada. Não devemos permitir que uma coisa assim fique entre nós e o Brioschi Café.

*O romantismo não apenas aumentou o prestígio do sexo monogâmico; também contribuiu para fazer com que qualquer interesse sexual por estranhos pareça insensato e cruel. Redefiniu, de maneira poderosa, o significado do desejo de dormir com uma pessoa que não seja nosso parceiro habitual. Transformou todo interesse extraconjugal em uma ameaça e, não raro, em algo próximo de uma catástrofe emocional.*

Na fantasia de Rabih, a negociação poderia ter sido muito afetuosa e simples. Ele e Kirsten teriam conversado com Antonella no café, os três teriam sentido a tensão e a atração, e, em pouco tempo, acabariam na Merchiston Avenue. Antonella e Kirsten se divertiriam por um tempo enquanto ele observava de uma poltrona, e depois tomaria o lugar de Kirsten para transar com Antonella. Seria tudo muito gostoso, excitante e perfeitamente sem importância em relação ao casamento e ao amor de

Rabih por Kirsten. Depois, ele acompanharia Antonella de volta ao café e nenhum deles jamais voltaria a mencionar esse interlúdio. Nada de melodrama nem sentimento de posse ou culpa. No Natal, eles poderiam comprar um panetone para ela e mandar um cartão em agradecimento pela orgia.

*Apesar do clima liberal de nossa época, seria ingênuo presumir que a diferença entre “esquisito” e “normal” desapareceu. Continua firme como sempre, pronta para intimidar e botar na linha os que por acaso questionem os limites normativos do amor e do sexo. Hoje em dia, pode ser considerado “normal” usar short cortado, mostrar o umbigo, casar-se com uma pessoa de qualquer gênero e ver um pouco de pornografia para se divertir, mas também continua sendo “normal” acreditar que o amor verdadeiro só pode ser monogâmico e que nosso desejo deve estar voltado apenas para uma pessoa. Contestar esse princípio básico é correr o risco de receber, em público ou na esfera privada, este epíteto bastante desanimador, cáustico e vergonhoso: perverso.*

Rabih decididamente não pertence à categoria dos bons comunicadores. Por mais que tenha alguns pontos de vista muito firmes, há um bom tempo considera o caminho para expressá-los cheio de obstáculos e inibições. Quando seu chefe, Ewen, anuncia uma nova estratégia corporativa de maior atenção ao setor petrolífero em detrimento dos contratos do governo local, Rabih exime-se — como qualquer outra pessoa — de propor uma reunião com ele por meia hora, na sala do último andar com vista para Calton Hill, para explicar que essa mudança poderia revelar-se não só equivocada como também perigosa. Pelo contrário, mantém-se calado, limitando-se a alguns comentários misteriosos, na fantasia de que, de alguma maneira, os outros haverão de deduzir, como num passe de mágica, sua opinião. Da mesma forma, quando se dá conta de que Gemma, uma colega novata incumbida de aliviar um pouco sua carga de trabalho, tem errado muitas medições, ele fica frustrado, mas não toca no assunto com ela e simplesmente refaz todo o trabalho, deixando a jovem impressionada com as poucas tarefas que lhe são atribuídas no novo emprego. Ele não é reservado, controlador nem fechado por motivos mal-intencionados; simplesmente desiste dos outros — e da própria capacidade de convencê-los de alguma coisa — com incrível facilidade.

Durante o resto do dia, depois da visita ao Brioschi Café e da humilhante história envolvendo Antonella, instaura-se entre Rabih e Kirsten aquele tipo de tensão que muitas vezes se segue ao sexo interrompido. De alguma forma, Rabih sente uma decepção e uma

irritação com as quais não sabe como lidar. Afinal, não dá para criar caso só porque a parceira não fica tão entusiasmada com a ideia de uma transa a três com uma universitária recém-formada e que sabe passar com muita graciosidade entre as mesas com um prato de ovos mexidos e fica tão linda em um avental.

*O que faz com que as pessoas se comuniquem bem é, basicamente, a capacidade de não se intimidar com os aspectos mais problemáticos ou incomuns do próprio temperamento. Elas conseguem encarar sem problema algum sua raiva, sua sexualidade e suas opiniões impopulares, estranhas ou fora de moda sem perder a autoconfiança ou desmoronar de vergonha. São capazes de falar com clareza porque desenvolveram uma percepção inigualável do que é aceitável nelas. Gostam o suficiente de si mesmas para acreditar que são dignas da boa vontade dos outros e que podem conquistá-los, se forem capazes de se apresentar com o devido grau de paciência e imaginação.*

*Na infância, esses bons comunicadores devem ter tido a sorte de contar com responsáveis que sabiam amá-los sem exigir que tudo neles fosse apropriado e perfeito. Esses pais eram capazes de conviver com a ideia de que seus rebentos poderiam às vezes — por algum tempo, pelo menos — parecer estranhos, violentos, raivosos, maus, exóticos ou tristes, e ainda assim merecer um lugar no círculo do amor familiar. Dessa forma, os pais criavam um inestimável manancial de coragem ao qual essas crianças poderiam um dia recorrer, em busca de apoio às confissões e conversas diretas da vida adulta.*

O pai de Rabih era taciturno e severo. A geração antes da dele levou uma vida de extrema pobreza, cultivando a terra em uma pequena aldeia perto de Baalbek, e ele fora o primeiro da família a escapar daquele meio para frequentar a universidade, embora mantivesse consigo um longo legado ancestral de extremo cuidado frente a autoridades. Manifestar-se e dar opiniões não eram práticas comuns entre os Khan.

O cenário estabelecido pela mãe de Rabih em matéria de comunicação não era mais encorajador. Ela o amava muito, mas precisava que ele fosse e agisse de certa maneira. Sempre que voltava de suas viagens como comissária de bordo para o clima de ansiedade que dominava Beirute e seu casamento, o filho percebia a tensão em torno de seus olhos e sentia que não devia aumentar os problemas dela. Mais que qualquer outra coisa, ele queria deixá-la à vontade e fazê-la rir. Tinha o reflexo condicionado de esconder qualquer angústia que sentisse. Sua missão era ajudar a manter a mãe intacta. Não podia se dar ao luxo de lhe contar muitas coisas complicadas, mas verdadeiras, a seu respeito.

Foi assim que, com o tempo, Rabih passou a encarar o amor dos outros como uma recompensa por se comportar bem, e não por ser transparente. Como adulto e marido, não tem a menor ideia de como transformar as partes não normativas de si mesmo em algo coerente. Não é por arrogância nem por achar que a mulher não tem direito de saber quem ele realmente é que se mostra reservado e hesitante, mas por puro e simples pavor de que sua tendência à autodepreciação se agrave de maneira insuportável com a presença de uma testemunha.

Se não tivesse tanto medo da própria mente, Rabih talvez pudesse se entender com Kirsten em relação aos seus desejos, como um cientista disponibilizando para a avaliação de uma colega uma estranha espécie recém-descoberta, para que ambos pudessem se esforçar para entendê-la e trazê-la ao próprio convívio. No entanto, ele sente, instintivamente, que seria mais sensato não compartilhar muitas coisas sobre si mesmo. Ele é dependente demais do amor de Kirsten para lhe contar até onde sua libido muitas vezes é capaz de levá-lo. Então ela jamais virá a saber da mulher do caixa da banca de jornal na estação Waverley que o marido admira todo dia, ou da curiosidade dele a respeito de sua amiga Rachel na noite do aniversário de Kirsten, ou do vestido numa vitrine da Hanover Street que o deixa excitado, nem de seus pensamentos sobre meias-calças ou dos rostos que às vezes passam de repente por sua mente quando está na cama com ela.

O primeiro e inebriante período de aventura sexual e completa sinceridade passa. Agora, é consideravelmente mais importante para Rabih continuar atraente para Kirsten do que comunicar de maneira fidedigna a realidade do que se passa em seu íntimo.

*Os bons ouvintes não são menos raros ou importantes do que os bons comunicadores. Neste caso, também é fundamental um grau incomum de confiança — uma capacidade de não se deixar desconcertar ou de não vergar ao peso de informações capazes de contestar certos pressupostos bem assentados. Os bons ouvintes não se preocupam com o caos que os outros possam criar por um tempo em suas mentes; já passaram por isso e sabem que no futuro tudo pode voltar ao seu devido lugar.*

A culpa não é toda de Rabih. Como Kirsten tem na ponta da língua palavras como “esquisito” e “pervertido”, ela não contribui muito para um clima propício a revelações. O fato é que não usa essas palavras por maldade nem desprezo, mas por medo de que, ao aceitar tacitamente as fantasias de Rabih, possa acabar abrindo mais espaço para elas e, dessa forma, minar o amor.

Em outro estado de espírito, se fosse uma pessoa diferente, ela poderia ter dito algo mais ou menos assim, em reação ao roteiro imaginado pelo marido: “A natureza dessa fantasia me é estranha, desconhecida e, para ser honesta, bastante desagradável, mas ainda estou interessada em ouvi-la, pois a minha capacidade de conviver com você, do jeito que é, é mais importante do que me sentir relativamente confortável. A pessoa que agora imagina Antonella é a mesma com quem casei em Inverness, e o mesmo garotinho de olhos arregalados naquela foto em cima da cômoda. É ele que eu amo e sobre quem me recuso a pensar algo de ruim, por mais que seus pensamentos possam me perturbar de vez em quando. Você é meu melhor amigo, e quero conhecer e lidar com os caminhos mais obscuros da sua mente. Eu jamais seria capaz de fazer ou ser tudo o que você quer, nem vice-versa, mas gostaria de imaginar que podemos ser pessoas capazes de ter a coragem de contar uma à outra quem somos de verdade. As alternativas são o silêncio e a mentira, que são os verdadeiros inimigos do amor.”

Ou então, em sentido inverso, ela poderia revelar a vulnerabilidade por trás de sua atitude irritada: “Eu gostaria de poder ser tudo para você. Gostaria que não tivesse esse tipo de necessidade além de mim. É claro que não acho suas fantasias com Antonella nojentas; apenas desejaria que não precisasse haver — sempre — esse alguém a mais imaginado. Sei que é loucura, mas o que mais quero é ser capaz de satisfazê-lo apenas por mim mesma.”

No fim das contas, Rabih não falou e Kirsten não ouviu. Em vez disso, foram ao cinema e tiveram um ótimo jantar juntos. Na casa de máquinas do relacionamento, contudo, uma luz de alerta se acendera.

*É exatamente quando pouco do que ouvimos do parceiro nos assusta, choca ou enoja que devemos começar a nos preocupar, pois pode ser o sinal mais seguro de que ele está nos contando uma leve mentira ou nos protegendo de sua imaginação, seja por bondade seja por um comovente medo de perder nosso amor. Pode significar que, mesmo sem saber, fechamos os ouvidos a informações que não se adequem às nossas expectativas — que, por esse motivo, serão ainda mais ameaçadas.*

Rabih se conforma em ser mal compreendido até certo ponto — e, sem ter consciência disso, culpa a mulher por não aceitar os aspectos de seu temperamento que não tem coragem de explicar a ela. Kirsten, por sua vez, aceita nunca ter a coragem de perguntar ao marido o que de fato se passa em sua sexualidade fora do papel que ela desempenha, optando por não analisar muito de perto por que sente tanto medo de descobrir.

Quanto ao objeto de cabelos negros das fantasias de Rabih, seu nome não torna a aparecer nas conversas do casal por um bom tempo, até que, certo dia, Kirsten volta do Brioschi Café com novidades. Antonella foi trabalhar como chefe das recepcionistas de um pequeno hotel de luxo em Argyll, no litoral leste, e se apaixonou profundamente por uma das camareiras, uma jovem holandesa, com quem — para enorme surpresa inicial dos pais, mas também um eventual encantamento — pretende se casar em alguns meses numa cerimônia na cidade de Apeldoorn. A informação é recebida por Rabih com uma demonstração quase convincente de perfeita indiferença. Ele escolheu o amor em detrimento da libido.

## *Transferência*

Após dois anos de casamento, o emprego de Rabih continua instável, sujeito a um fluxo inconstante de trabalho e a súbitas mudanças de ideia dos clientes. É por isso que ele fica satisfeito quando, no início de janeiro, a empresa conquista um grande contrato de longo prazo na Inglaterra, em South Shields, uma cidade a sudeste de Edimburgo que enfrenta dificuldades e fica a duas horas e meia de trem. O objetivo é transformar o cais e um amontoado de galpões industriais abandonados em um parque, com café e um museu para acolher uma relíquia marítima local, o *Tyne*, o segundo barco salva-vidas mais antigo da Grã-Bretanha. Ewen pergunta a Rabih se ele se dispõe a chefiar o projeto, uma evidente honra, mas que também significa que, durante seis meses, ele precisará passar três noites por mês longe de Kirsten. O orçamento é apertado, por isso ele se hospeda no Premier Inn de South Shields, um estabelecimento de preço modesto entre uma prisão feminina e um depósito ferroviário. À noite, janta sozinho no restaurante do hotel, o Taybarns, onde um corte de carne de carneiro brilha à luz das lâmpadas de uma oficina de escultura.

Em sua segunda visita à cidade, os funcionários locais mentiram sobre uma série de questões. Todo mundo está muito aterrorizado para tomar decisões importantes, botando a culpa pelos atrasos em uma série de normas incompreensíveis; é um milagre que tenham conseguido chegar até ali. Nesses momentos, uma veia salta no pescoço de Rabih. Um pouco antes das nove, andando de meias no carpete de plástico, ele telefona para Kirsten do seu quarto marrom e carmim.

— Teckle — diz ele. — Mais um dia de reuniões intermináveis e com os imbecis da prefeitura criando caso sem motivo algum. Sinto tanto a sua falta! O que eu não daria por um abraço seu agora.

Faz-se uma pausa (é como se ele pudesse ouvir os quilômetros que os separam), e Kirsten avisa, numa voz inexpressiva, que ele tem que incluir o nome dela no seguro do carro antes do dia 1º de fevereiro, e comenta que o senhorio também quer falar com eles sobre o ralo, o que fica do lado do jardim — e é nesse ponto que Rabih repete, gentilmente mas com firmeza, que sente falta dela e gostaria que estivessem juntos. Em Edimburgo, Kirsten está enroscada num dos cantos do sofá, o canto “dele”,

usando o moletom dele, com uma tigela de atum e uma torrada no colo. Volta a ficar em silêncio, e quando resolve responder a Rabih é com um seco e burocrático “sim”. Uma pena que ele não possa ver que ela se esforça para conter as lágrimas.

Não é a primeira vez que aquilo acontece. Uma situação não menos glacial ocorreu na última vez que ele esteve ali e quando foi à Dinamarca para uma conferência. Na ocasião, ele a acusou de se comportar de um jeito estranho ao telefone. Agora, só está magoado. Pediu apenas um pouco de carinho, e de repente os dois parecem estar num impasse. Ele olha para as janelas da prisão em frente. Sempre que se afasta, sente como se Kirsten tentasse estabelecer para eles uma distância maior do que a entre a terra e o mar. Gostaria de encontrar uma maneira de tocá-la e fica se perguntando o que a teria levado a se tornar tão distante e indisponível. A própria Kirsten não sabe muito bem. Está contemplando com olhos marejados a casca de uma velha árvore castigada pelo tempo bem perto da janela, pensando com especial concentração em um arquivo que precisa se lembrar de levar para o trabalho amanhã.

*A estrutura é mais ou menos assim: uma situação ou um comentário aparentemente banal provoca num dos integrantes do casal uma reação que não parece muito justificada, carregada de contrariedade ou ansiedade, irritabilidade ou frieza, pânico ou recriminação. A pessoa que é objeto da reação fica intrigada: afinal, foi um simples pedido de uma despedida amorosa, um ou dois pratos que ficaram por lavar na pia, uma piadinha zombando do outro ou um atraso de poucos minutos. Por que, então, a reação inusitada e, de certa forma, exagerada?*

*O comportamento não faz muito sentido se tentarmos entendê-lo em função dos fatos realmente ocorridos. É como se determinado aspecto da atual situação extraísse energia de outra fonte, como que acionando inadvertidamente um padrão de comportamento que foi desenvolvido pela outra pessoa há muito tempo para enfrentar uma ameaça específica, de alguma forma resgatada agora de forma inconsciente. Aquele que reage de forma desproporcional é responsável, nos termos utilizados pela psicanálise, pela “transferência” de uma emoção do passado para alguém do presente — e que talvez não a mereça por completo.*

*De maneira curiosa, nossa mente nem sempre é capaz de identificar em qual época se encontra. Agita-se com muita facilidade, como uma antiga vítima de assalto que mantém um revólver junto à cama e desperta assustada ao menor ruído.*

*O pior para os entes queridos que estão por perto é que as pessoas nas garras de uma transferência não têm facilidade de saber, muito menos de explicar com tranquilidade, o que está acontecendo; elas acham sua*



*reação perfeitamente adequada ao momento. Já seus parceiros podem chegar a uma conclusão bem diferente e menos lisonjeira: de que são com certeza estranhas — e talvez até meio malucas.*

Kirsten é abandonada pelo pai quando tem sete anos. Ele deixa a casa sem qualquer aviso ou explicação. Na véspera, brinca de cavalinho no chão da sala de estar e a carrega nas costas ao redor do sofá e das poltronas. Na hora de dormir, lê contos populares de um livro alemão, sobre crianças solitárias e madrastas más, sobre magia e perda. Diz-lhe que são apenas histórias. E então desaparece.

Seria possível reagir de muitas maneiras. A que ela escolhe é não sentir. Ela não aguentaria. Está indo tão bem, é o que todos dizem — os professores, as duas tias, o orientador que a acompanha por algum tempo. Na escola, ela até progride. Por dentro, no entanto, nem de longe poderia dizer que se sente capaz: é preciso alguma coragem para chorar, a confiança de que em algum momento será possível estancar as lágrimas. Ela não pode se dar ao luxo de sentir nem um pouco de tristeza. Haveria o risco de acabar desmoronando, sem saber como juntar os cacos outra vez. Para prevenir essa possibilidade, ela cauteriza as feridas, do jeito que pode, aos sete anos.

Kirsten agora pode amar (à sua maneira), mas o que não suporta mesmo é sentir muito a falta de alguém, nem se a pessoa estiver numa cidadezinha algumas horas a sudeste e que com toda a certeza voltará para casa em alguns dias à noite, no trem das seis e vinte e dois.

Contudo, é claro que ela não consegue explicar nem de fato entender esse seu hábito, que não a torna muito querida em casa. O ideal seria que tivesse ao seu serviço um anjo da guarda com poderes mágicos para interceptar a ação assim que Rabih começasse a ficar aborrecido, e então tirá-lo daquele hotel barato e levá-lo pelo ar, passando pelas densas nuvens da baixa atmosfera, até chegar à Inverness de um quarto de século antes, onde poderia espiar pela janela de uma casinha e ver o estreito quarto onde uma garotinha de pijama de urso está sentada à mesa, colorindo quadrados com metódica precisão numa grande folha de papel, tentando agarrar-se à sanidade, a mente embotada por uma tristeza insuportável demais para ser admitida.

Se Rabih fosse apresentado a essa imagem da resistência impassível de Kirsten, é óbvio que sentiria compaixão. Entenderia os comoventes motivos de sua reserva e na mesma hora reprimiria a própria mágoa para lhe oferecer compreensão e apoio cheio de afeto.

Entretanto, como não há nenhum anjo à espera de tal oportunidade, nem, portanto, nenhuma comovente narrativa pronta para esclarecer o passado de Kirsten, Rabih dispõe apenas de sua reação sem afeto para

tentar compreendê-la — desafio que, como se poderia esperar, inspira-lhe apenas a irresistível tentação de julgar e se sentir ofendido.

*Muitas vezes agimos com base em roteiros gerados por crises de muito tempo atrás, que o consciente já esqueceu. Comportamo-nos com base numa lógica arcaica que agora nos escapa, de acordo com um significado que não podemos expor de forma apropriada àqueles com quem mais contamos. Podemos ter dificuldade de saber em que período de nossa vida realmente estamos, com quem estamos lidando de fato e que tipo de comportamento a pessoa à nossa frente está no direito de esperar. Pode ser meio difícil conviver conosco.*

Rabih não é tão diferente assim da esposa. Diversas vezes também interpreta o presente pelas distorções do passado, sendo movido por impulsos obsoletos e excêntricos que não é capaz de explicar a si mesmo nem a Kirsten.

O que significa, por exemplo, chegar em casa do escritório em Edimburgo e encontrar no corredor uma enorme pilha de roupas que Kirsten pretendia levar para a lavanderia mas que acabou esquecendo e que agora diz que vai dar um jeito nos próximos dias?

A resposta para Rabih é rápida e incontornável: é o início do caos que ele tanto teme, e que Kirsten pode ter feito tudo aquilo de propósito para irritá-lo e feri-lo. Incapaz de seguir o conselho dela de deixar a pilha ali até o dia seguinte, ele mesmo leva as roupas (às sete da noite) e, ao voltar, passa meia hora limpando exageradamente o restante do apartamento, fazendo barulho e dedicando especial atenção à bagunça acumulada na gaveta de talheres.

O “caos” não é algo insignificante na mente de Rabih. Com extrema facilidade, seu inconsciente estabelece uma ligação entre pequenas coisas que estão fora do lugar no presente e coisas muito importantes que um dia estiveram fora do lugar no passado, como a carcaça semidestruída do InterContinental Phoenicia Beirut Hotel, que via do seu quarto; a embaixada americana bombardeada, pela qual passava toda manhã; as pichações sanguinárias que apareciam quase todo dia no muro de sua escola e a gritaria entre o pai e a mãe que ele ouvia tarde da noite. Ainda hoje, ele vê nitidamente os contornos escuros do navio cipriota de refugiados que enfim tirou seus pais e ele da cidade, em uma sombria noite de janeiro, assim como o apartamento que mais tarde viriam a saber que fora saqueado e agora abrigava uma família de guerrilheiros drusos (seu quarto supostamente passou a servir de depósito de munições). O que não falta em sua histeria é história.

No presente, Rabih pode estar vivendo num dos recantos mais tranquilos e seguros do planeta, com uma mulher boa e dedicada a ele, mas, em sua mente, Beirute, a guerra e os aspectos mais cruéis da natureza humana permanecem como ameaças pouco além de seu campo visual, sempre prontas para matizar sua interpretação do significado de um monte de roupas ou de uma falha organizacional na gaveta de talheres.

*Quando nossa mente está envolvida em uma transferência, perdemos a capacidade de conceder às pessoas e às coisas o benefício da dúvida; tomados pela ansiedade, logo passamos às piores conclusões um dia impostas pelo passado.*

*Infelizmente, reconhecer que talvez estejamos mergulhando nas confusões do passado para forçar uma interpretação do que acontece no presente pode parecer constrangedor e até humilhante: sabemos, com toda certeza, a diferença entre nosso parceiro e um pai ou uma mãe que nos desapontou; entre o pequeno atraso de um marido e o abandono do pai; entre a roupa suja e uma guerra civil?*

*A necessidade de repatriar as emoções vem a ser uma das tarefas mais delicadas e necessárias do amor. Aceitar os riscos da transferência significa dar prioridade à empatia e à compreensão em detrimento da irritação e do julgamento. Duas pessoas podem vir a entender que os súbitos acessos de ansiedade ou hostilidade podem nem sempre ter sido diretamente causados por elas — e, portanto, nem sempre deveriam suscitar fúria ou orgulho ferido. A exasperação e a condenação podem abrir caminho para a compaixão.*

Quando Rabih volta de sua viagem à Inglaterra, Kirsten já retomou certos hábitos que se permitia quando morava sozinha. Bebeu uma cerveja no banho e comeu cereais de uma caneca na cama. Porém, não demora para que o desejo mútuo e a capacidade de intimidade entre eles se reafirme. Como tantas vezes acontece, a reconciliação começa com uma piadinha que bota o dedo na ferida da ansiedade subjacente.

— Desculpe interrompê-la, Sra. Khan, mas acho que eu morava aqui — diz Rabih.

— Claro que não. Deve estar procurando o 34A, e aqui é o 34 do bloco B...

— Acho que nós nos casamos, lembra? Aquele é o nosso filho, Dobbie, ali no canto. Ele é muito calado. Parecido com a mãe.

— Foi mal, Rabih — diz Kirsten, de repente séria. — Fico meio má quando você se afasta. Parece que quero puni-lo por me deixar, o que é

ridículo, pois você só está tentando pagar a nossa hipoteca. Desculpe. As vezes sou meio pirada das ideias.

As palavras de Kirsten têm o poder de um bálsamo instantâneo. Rabih é inundado pelo amor que sente por sua mulher meio confusa e totalmente desprovida de presunção. Essa confissão é o melhor presente de boas-vindas que ela poderia lhe dar, e a maior garantia da solidez do amor deles. Nenhum dos dois precisa ser perfeito, pensa Rabih; precisam apenas sinalizar de vez em quando que sabem que às vezes podem ser bem difíceis de conviver.

*Não precisamos ser sempre razoáveis para ter bons relacionamentos; precisamos apenas ter aprendido a reconhecer com honestidade, ocasionalmente, que, em uma ou duas áreas, podemos ser um pouco malucos.*

## *Culpa universal*

No terceiro aniversário de casamento, Rabih surpreende Kirsten com um fim de semana em Praga. Hospedam-se num pequeno hotel perto da Igreja de São Cirilo e São Metódio, tiram fotos na Ponte Carlos, conversam sobre a vida que vêm levando, refletem sobre como os anos têm passado rápido e visitam o Palácio Sternberg para apreciar a arte europeia antiga. Ali, Kirsten para diante de uma pequena obra do início do século XVI da Virgem com o menino.

— Como é terrível o que aconteceu com seu adorável bebê no fim. Como alguém poderia superar algo assim? — pergunta ela, pensativa.

Rabih pensa que ela tem um jeito encantador e muito próprio de refletir até sobre as coisas mais básicas. Para ela, o quadro não é um objeto de análise acadêmica, mas a prefiguração da mais dolorosa tragédia de uma mãe, e, nesse sentido, merece uma empatia não menos vívida ou imediata do que a que poderia oferecer a alguém cujo filho tivesse acabado de morrer em um acidente de motocicleta na estrada para Fort William.

Kirsten está louca para conhecer o zoológico de Praga. Faz muito tempo desde que qualquer um deles passou algumas horas próximo a animais, exceto talvez um cão ou gato de vez em quando. A primeira coisa que lhes ocorre é que os ocupantes são muito estranhos — o camelo, por exemplo, com seu pescoço em forma de U, as duas pirâmides peludas no dorso, os cílios que parecem ter tomado um banho de rímel e aquela arcada amarelada e dentuça. Leem algumas informações em um panfleto: os camelos podem passar dez dias no deserto sem beber água; as corcovas não são cheias de água, como presume o senso comum, mas de gordura; os cílios têm a função de proteger os globos oculares em tempestades de areia, enquanto o fígado e os rins extraem cada gota de umidade possível dos alimentos que ingerem, tornando seu esterco seco e compacto.

Todos os animais são diferentes porque evoluíram no sentido de se desenvolver em ambientes muito específicos, prossegue o folheto. É por isso que o rato gigante de Madagascar tem orelhas imensas e membros posteriores fortes, enquanto a pirarara da Amazônia se camufla com uma faixa cor de areia na barriga.

— E claro! — exclama Kirsten. — Mas essas adaptações não têm grande utilidade quando o novo hábitat é o zoológico de Praga, onde o animal vive num quarto de hotel de concreto e recebe refeições três vezes por dia por uma janelinha, sem qualquer diversão, exceto os turistas. Só pode mesmo ficar gordo e irritadiço, como aquele pobre e melancólico orangotango, que devia estar vivendo nas florestas de Bornéu e não parece se sentir muito bem por aqui.

— Talvez os seres humanos não sejam tão diferentes — acrescenta Rabih, meio incomodado com o fato de um hominídeo merecer tanta simpatia de sua mulher. — E também carregamos o fardo de impulsos que provavelmente faziam sentido quando surgiram nas planícies da África, mas hoje só servem para nos criar problemas.

— Como o quê, por exemplo?

— Ficar superalerta aos barulhos da noite, o que hoje em dia só nos impede de dormir quando o alarme de um carro dispara. Ou estar sempre prontos para comer qualquer coisa doce, o que serve apenas para nos deixar gordos, considerando-se a quantidade de tentações disponíveis. Ou sentir quase uma compulsão por olhar para as pernas de estranhas nas ruas de Praga, o que chateia e magoa nossas parceiras...

— Sr. Khan! Usando Darwin para me fazer sentir pena porque você não tem sete mulheres e não pode tomar mais um sorvete...

Já é tarde da noite quando eles finalmente aterrissam, exaustos, no aeroporto de Edimburgo. A mala de Kirsten é a segunda a aparecer na esteira. Rabih não tem a mesma sorte e, assim, enquanto esperam, eles se sentam num banco perto de uma loja de sanduíches fechada. Está fazendo muito calor para aquela época do ano, e Kirsten pergunta, cheia de preguiça, como estará o tempo no dia seguinte. Rabih pega o celular para tentar descobrir. Temperatura máxima de dezenove graus e sol o dia inteiro: maravilha. Então logo vê sua mala aparecendo na esteira, vai buscá-la e também a põe no carrinho. Eles pegam o ônibus para o centro da cidade pouco antes da meia-noite. Ao redor, passageiros com aspecto tão exausto quanto o deles estão entregues a seus pensamentos ou cochilando. Lembrando-se de repente de que precisa enviar uma mensagem a um colega, Rabih leva a mão ao bolso direito da jaqueta para pegar o celular, confere no bolso esquerdo e endireita-se no assento para verificar nos bolsos das calças.

— Você ficou com o meu celular? — pergunta a Kirsten com voz agitada.

Ela está dormindo e desperta assustada.

— Claro que não, querido, por que estaria comigo?

Ele se enfia entre ela e a cadeira da frente para olhar no bagageiro superior, pega a mala e apalpa o bolso externo. Uma infeliz realidade aos

poucos vai se tornando clara: Rabih perdeu o celular, e, com ele, seu sistema de comunicação com o mundo.

— Deve ter sido roubado em algum momento quando fomos pegar as malas — observa Kirsten. — Ou então você o esqueceu em algum lugar. Coitadinho! Podemos ligar para o aeroporto amanhã bem cedo e perguntar se alguém o encontrou. De qualquer maneira, está coberto pelo seguro. É incrível que isso não tenha acontecido antes com um de nós.

No entanto, Rabih não acha nada incrível.

— Você pode usar o meu se precisar olhar alguma coisa — acrescenta Kirsten com vivacidade.

Ele está furioso. É o começo de um verdadeiro pesadelo burocrático. Terá que esperar horas a fio para ser atendido, juntar documentos e preencher formulários. Curiosamente, no entanto, sua fúria não está voltada apenas para a perda; uma parte também parece ter se voltado para sua mulher. Afinal, foi ela que começou a falar do tempo, o que o levou a checar a previsão, e se não fosse por isso, seu celular provavelmente ainda estaria em segurança com ele. É a atitude de calma empatia de Kirsten serve apenas para deixar claro como é despreocupada e sortuda em comparação a ele. Enquanto o ônibus se aproxima da Waverley Bridge, uma importante peça do quebra-cabeça fica evidente para Rabih: por algum motivo, todo esse incômodo, aborrecimento e chateação, tudo mesmo, é culpa dela. Cabe a Kirsten toda a culpa, inclusive pela dor de cabeça que agora mesmo pressiona suas têmporas como um torno. Ele se afasta um pouco e resmunga:

— Eu sabia o tempo todo que não deveríamos ter feito essa viagem doida e desnecessária. — Algo que parece um jeito triste e bastante injusto de resumir a comemoração de um aniversário importante.

Nem todo mundo entenderia ou aprovaria a ligação que Rabih acaba de fazer. Kirsten não assinou um contrato como guardiã do celular do marido e está longe de ser responsável por cada aspecto da vida desse primata crescido. Porém, para Rabih, a ligação faz sentido, por mais estranha que possa parecer. Não é a primeira vez que, de algum jeito, tudo é culpa dela.

*No amor, a suposição mais superficialmente irracional, imatura, lamentável e ainda assim comum é que a pessoa com quem nos comprometemos não é apenas o centro da nossa vida emocional, mas também — de uma forma muito estranha, objetivamente insana e profundamente injusta — por consequência responsável por tudo que nos acontece, para o bem e para o mal. Aí reside o peculiar e doentio privilégio do amor.*

Ao longo desses anos, também foi “culpa” dela que ele escorregasse na neve, perdesse as chaves, que o trem de Glasgow quebrasse, que ele recebesse uma multa por excesso de velocidade, que a etiqueta da camisa nova irritasse sua pele, que a máquina de lavar não esteja escoando a água direito, que ele não esteja exercendo a arquitetura nos padrões com que sonhava, que os novos vizinhos toquem música alto até tarde da noite e que os dois praticamente não consigam mais se divertir de verdade. Todavia, cabe lembrar que, nessa mesma categoria, a lista de Kirsten não é mais curta nem mais razoável: é totalmente culpa de Rabih que ela não visite a mãe o suficiente, que o fio de suas meias-calças esteja constantemente desfiando, que sua amiga Gina nunca telefone, que ela esteja cansada o tempo todo, que o cortador de unha tenha desaparecido e que os dois praticamente não consigam mais se divertir de verdade...

*O mundo nos perturba, decepciona, frustra e magoa de incontáveis maneiras a cada passo. Atrasa nossa vida, rechaça nosso empenho criativo, nos ignora na hora das promoções, recompensa idiotas, e destrói nossas ambições em seus desoladores e implacáveis bancos de areia. E, quase sempre, não temos como reclamar. É difícil demais descobrir quem de fato deve ser culpado, e perigoso demais se queixar, mesmo quando temos certeza (para não sermos demitidos nem transformados em motivo de piada).*

*Só existe uma pessoa a quem podemos apresentar o catálogo de nossas queixas, uma pessoa que pode ser o destinatário da raiva acumulada com as injustiças e imperfeições da vida. Claro que é o cúmulo do absurdo culpá-la por isso. Mas seria como entender mal as regras de funcionamento do amor. É por não podermos brigar com as forças de fato responsáveis que ficamos furiosos com aqueles que com certeza serão mais capazes de nos perdoar por culpá-los. Descontamos exatamente nas pessoas mais legais, simpáticas e leais à nossa volta, aquelas com menor probabilidade de ter nos prejudicado, mas que provavelmente vão ficar por perto enquanto reclamamos com elas sem piedade.*

*As acusações que dirigimos a quem amamos não fazem muito sentido. Não seríamos capazes de cometer tais injustiças com ninguém mais no mundo. Contudo, essas acusações descontroladas são uma prova especial de intimidade e confiança, um sintoma do próprio amor — e, à sua maneira, uma manifestação perversa de comprometimento. Se por um lado somos capazes de dizer algo sensível e gentil a qualquer estranho, apenas na presença do ser amado em quem confiamos de todo coração é que temos coragem de ser extravagantes e irracionais sem restrições.*



Semanas depois da volta de Praga, surge um novo problema, muito maior. O chefe de Rabih, Ewen, convoca uma reunião de equipe. Depois de oito meses bem razoáveis, o fluxo de encomendas voltou a minguar, reconhece ele. Nem todos os funcionários da empresa poderão continuar nela, a menos que surja logo um projeto incrível. No corredor, depois da reunião, Ewen chama Rabih para um canto.

— Claro que você entende, não é? — começa. — Não é nada pessoal. Você é um bom sujeito, Rabih!

“As pessoas que estão planejando a sua demissão deviam ter a decência e a coragem de não querer que você ainda goste delas”, pensa Rabih.

A ameaça de desemprego o mergulha em melancolia e ansiedade. Ele sabe que seria um inferno tentar encontrar outro trabalho naquela cidade. Provavelmente teria que se mudar, e o que Kirsten faria? Ele corre o risco de fracassar em suas responsabilidades mais básicas como marido. Que loucura não foi, tantos anos atrás, imaginar que poderia ter uma carreira que unisse estabilidade financeira e satisfação criativa. Foi uma mistura de infantilidade e petulância, como sempre disse seu pai.

Enquanto caminha de volta para casa, ele passa pela Catedral de Santa Maria. Nunca entrou lá antes — a fachada sempre lhe pareceu gótica, sombria e nada convidativa —, mas em sua atual inquietação, à beira do pânico, decide dar uma olhada e acaba num nicho ao lado da nave, em frente a uma grande pintura da Virgem Maria, que o contempla lá do alto com olhos meigos e cheios de pesar. Algo em sua expressão de empatia o sensibiliza, como se ela soubesse sobre Ewen Frank e a falta de encomendas, e quisesse assegurá-lo da fé que tem em Rabih. Ele sente lágrimas assomarem aos olhos ante o contraste entre os fatos desafiadores de sua vida adulta e a bondade e a ternura na expressão daquela mulher. Ela parece entender sem condenar. Ele se surpreende ao constatar, olhando o relógio, que já se passaram quinze minutos. Parece meio doido, reconhece, que um ateu de origem muçulmana se veja num ambiente iluminado por velas ao pé de um retrato de uma deidade estranha, à qual oferece suas lágrimas e sua perplexidade. Porém, não lhe restam muitas alternativas, pois já não são muitas as pessoas que acreditam nele. O peso da maior responsabilidade recaiu sobre sua mulher, o que significa pedir muito de um mero mortal não canonizado.

Em casa, Kirsten preparou uma salada de abobrinha com manjericão e queijo feta para o jantar, seguindo uma receita dele. Quer saber todos os detalhes sobre a crise no trabalho. Quando foi que Ewen lhe contou? Como se expressou? Como os outros reagiram? Haverá alguma outra reunião? Rabih começa a responder.

— Por que está preocupada com essas coisas? O que aconteceu, aconteceu: uma grande merda — diz ele, de repente.

Joga o guardanapo na mesa e começa a andar de um lado para o outro.

Kirsten quer um relato minucioso porque é assim que enfrenta a ansiedade: seu negócio é se agarrar aos fatos e organizá-los. Não quer revelar quanto está preocupada. Seu estilo é se manter reservada e focar a atenção em administrar tudo. Rabih tem vontade de gritar ou quebrar alguma coisa. Observa a mulher, linda, afetuosa — para a qual se tornou um permanente fardo. Pelo menos oito vezes por ano eles têm cenas mais ou menos como esta, quando o mundo é assolado por catástrofes e Rabih as traz para o lar, expondo-as para Kirsten em uma grande confusão.

Ela se aproxima dele junto à lareira, segura sua mão e diz, com ternura e sinceridade:

— Vai ficar tudo bem.

E os dois sabem que não é necessariamente verdade.

*Exigimos tanto de nossos parceiros e nos mostramos tão pouco razoáveis porque confiamos que uma pessoa que entende nossas partes obscuras, e cuja presença nos alivia tantas tristezas, de alguma maneira deve ser capaz de resolver tudo em nossa vida. Exageramos o poder dos outros numa curiosa homenagem — vindo à tona décadas depois, em plena vida adulta — ao espanto de uma criancinha diante das aptidões aparentemente milagrosas dos pais.*

Para o Rabih de seis anos, sua mãe parecia quase divina: encontrava seu ursinho de pelúcia desaparecido, não deixava faltar seu achocolatado favorito na geladeira, providenciava roupas limpas para ele toda manhã, deitava com ele na cama para explicar por que o pai tinha gritado, sabia como manter a Terra girando no eixo...

Tanto Rabih quanto Kirsten aprenderam a tranquilizar a criança ansiosa que existe escondida em seu parceiro. Por isso se amam. Nesse processo, entretanto, também herdaram, sem saber, um pouco daquela confiança perigosa, descabida e encantadoramente ingênua depositada pelas criancinhas nos pais. Alguma parte primitiva de Rabih e Kirsten adultos insiste que o ser amado deve ser capaz de controlar muito mais coisas no mundo do que qualquer ser humano seria capaz em um relacionamento, motivo que gera tanta raiva e frustração quando os problemas acabam surgindo.

Kirsten toma Rabih nos braços.

— Se eu pudesse fazer alguma coisa... — diz ela.

E Rabih a olha com tristeza e carinho, como se reconhecesse pela primeira vez a solidão essencial com a qual se depara e que se mantém impermeável ao amor.

Não está zangado com ela, apenas em pânico e se sentindo castigado pelos acontecimentos. Para ser um marido melhor, ele admite que vai ter

que aprender a depositar um pouco menos desse tipo errado e destrutivo de esperança na mulher que o ama. Precisa estar mais preparado para a eventualidade de ficar, nos pontos em que for importante, completamente sozinho.

## *Ensinar e aprender*

Rabih continua em seu emprego, apesar de a estabilidade permanecer ilusória. A maioria dos amigos dele e de Kirsten se casa e começa a ter filhos, e, cada vez mais, sua vida social gira em torno de outros casais. Convivem com cerca de meia dúzia deles, e em geral vão às casas uns dos outros para jantar ou para o almoço (com os bebês) de fim de semana.

Existe afeto e companheirismo entre eles, mas também, nas entrelinhas, uma boa dose de comparação e ostentação. São frequentes as alusões competitivas a empregos, férias, planos de reforma da casa e grandes conquistas do primogênito.

Rabih encarna uma atitude de desafiadora indiferença em relação a essa competição para ver quem marca mais pontos. Assume com sinceridade para Kirsten que eles não são o casal de status mais alto, mas logo trata de acrescentar que aquilo não tem a menor importância: devem ficar satisfeitos com o que têm. Não vivem num vilarejo dominado pelas fofocas; podem levar a vida da forma que quiserem.

Já é quase uma da manhã de sábado, e eles estão na cozinha, lavando pratos, quando Kirsten comenta que ficou sabendo durante a sobremesa que Clare e o marido, Christopher, vão alugar uma casa na Grécia para passar o verão: uma mansão com piscina e um jardim com o próprio olival. Ela vai ficar lá o tempo todo, enquanto ele fará algumas viagens. Parece coisa de outro mundo, diz Kirsten, e deve custar uma fortuna — impensável, realmente; é incrível como um cirurgião ganha bem hoje em dia.

Para Rabih, é um comentário implicante. Qual o interesse dela? Por que as férias deles (num chalé nas Ilhas Ocidentais) não parecem ser boas o bastante? Como poderiam, com seus salários, se dar ao luxo de alugar algo que chega perto do valor de uma mansão? Não é a primeira vez que ela faz um comentário assim. Há cerca de uma semana, disse algo sobre um casaco do qual teve que abrir mão contra a vontade dela, e depois houve um relato cheio de admiração sobre um fim de semana em que James convidou Mairi para ir a Roma, e ainda ontem a referência espantada a dois amigos que matricularam os filhos numa escola particular.

Rabih adoraria que ela superasse essa tendência. Quer que se orgulhe de si mesma sem se preocupar com uma hierarquia social que não tem a menor importância, e que seja capaz de apreciar a riqueza imaterial de sua vida a dois. Quer que dê valor ao que tem, em vez de sofrer pelo que não tem. Porém, como já passou muito da hora de dormir e o assunto é provocador e cria nele bastante ansiedade, sua fala acaba saindo de uma maneira menos nuançada e persuasiva do que ele gostaria.

— Bom, querida, lamento muito não ser um cirurgião rico com uma *villa* no Mediterrâneo. — Ele sente o sarcasmo na própria voz. Percebe na mesma hora o efeito que terá, mas não consegue se conter. — Pena que você esteja presa comigo aqui nesta favela.

— Por que está falando assim comigo? É a essa hora da noite! — rebate Kirsten. — Eu só comentei que eles vão sair de férias, seu babaca, e sem mais nem menos, no meio da noite, você resolve me atacar. É como se estivesse esperando uma oportunidade. Lembro-me de uma época em que você não era sempre tão crítico em relação ao que eu dizia.

— Eu não sou crítico. Apenas me preocupo com você.

*A simples ideia de tentar “ensinar” alguma coisa ao ser amado parece arrogante, inadequada e até mesmo sinistra. Quando de fato amamos alguém, não pode haver lugar para querer mudá-lo. Nesse aspecto, o romantismo é perfeitamente claro: o verdadeiro amor tem a ver com a aceitação do parceiro na integralidade de seu ser. É esse compromisso fundamental com a compaixão e a benevolência que torna tão envolventes os primeiros meses do amor. No novo relacionamento, nossas vulnerabilidades são tratadas com generosidade. Nossa timidez, falta de jeito e desorientação encantam (tal como na época em que éramos crianças), em vez de provocar sarcasmo ou queixas; nossos aspectos mais complicados são interpretados apenas sob a luz da compaixão.*

*Nesses momentos, desenvolve-se uma bela convicção, apesar de desafiadora e até imprudente: ser amado de verdade deve sempre significar ser apoiado em tudo o que se é.*

O casamento dá a Rabih e Kirsten a oportunidade de estudar os respectivos temperamentos de forma bastante detalhada. Na vida adulta, ninguém teve tanto tempo para examinar seus comportamentos num hábitat tão reduzido e sob tantas condições variáveis e exigentes: tarde da noite e ainda meio atordoados ao acordar; desanimados e em pânico no trabalho, frustrados com amigos, furiosos pela perda de algum objeto em casa.

A essa experiência, eles somam uma ambição no que diz respeito ao potencial do outro. São capazes, em determinados momentos, de apontar

a falta de qualidades importantes que, no entanto, consideram passíveis de serem desenvolvidas se forem destacadas. Sabem melhor do que ninguém o que está errado — e como pode ser mudado. De uma forma secreta mas recíproca, o relacionamento é marcado por um projeto de aperfeiçoamento.

Ao contrário do que indicam as aparências, depois da festa, Rabih tenta provocar uma evolução na personalidade da mulher que ama. No entanto, a técnica que escolhe é singular: chamar Kirsten de materialista, gritar com ela e depois bater duas portas.

— Você parece só se importar com quanto nossos amigos ganham e quão pouco temos! — exclama, amargo, enquanto Kirsten escova os dentes junto à pia. — Quem a ouvisse poderia pensar que você vive em uma cabana, vestida apenas com pele de urso. Não quero mais que tenha toda essa ansiedade com dinheiro. Você acabou se tornando irritantemente materialista.

Rabih dá o seu “ensinamento” de maneira tão exaltada (as portas são batidas com muita força mesmo) não por ser um monstro (embora não seria surpreendente se, a essa altura, uma testemunha neutra chegasse a essa conclusão), mas porque se sente ao mesmo tempo aterrorizado e inadequado: aterrorizado porque sua mulher e melhor amiga não parece ser capaz de entender uma questão central sobre dinheiro e a relação dele com a realização pessoal; e inadequado por não poder proporcionar a Kirsten algo que agora ela parece querer muito (e que ele acredita de coração ser uma coisa perfeitamente justificável).

Ele precisa que sua mulher enxergue as coisas de seu ponto de vista, e, no entanto, perdeu toda a capacidade de ajudá-la nesse sentido.

*Sabemos que, quando se trata de ensinar, só o cuidado e a paciência no mais alto grau funcionam: jamais devemos elevar a voz, fazendo uso de um tato extraordinário, deixando bastante tempo para que cada lição se assente bem e não podemos nos esquecer de fazer pelo menos dez elogios para cada observação negativa inserida com muito cuidado. Acima de tudo, devemos manter a calma.*

*Porém, a maior garantia de calma num professor é uma relativa indiferença em relação ao êxito ou fracasso da lição. É óbvio que o professor tranquilo quer que as coisas deem certo, mas se um aluno teimoso for reprovado, digamos, em trigonometria, o problema é basicamente do próprio aluno. Os ânimos não se exaltam porque os alunos não têm muita influência na vida do professor; eles não controlam sua integridade e não são o fator determinante de sua satisfação. A capacidade de não se importar demais é um aspecto fundamental de uma pedagogia serena e bem-sucedida.*

*Todavia, a calma é exatamente o que falta na sala de aula do amor. Simplesmente há muita coisa em jogo. O “aluno” não é apenas uma responsabilidade momentânea, mas um compromisso para a vida inteira. O fracasso acaba com uma vida. Não surpreende nossa tendência a perder o controle e a dizer coisas apressadas e impensadas, sem levar em consideração a legitimidade e mesmo a nobreza do aconselhamento. E também não é surpresa se acabamos obtendo o contrário do que pretendíamos, pois as doses cada vez maiores de humilhação, raiva e ameaças dificilmente vão ter contribuído para apressar o desenvolvimento de alguém. São poucos os que se tornam mais razoáveis ou mais perceptivos quanto ao próprio temperamento quando a autoestima é rebaixada, o orgulho, ferido, e o ego, submetido a uma sucessão de insultos deliberados. Nós apenas ficamos mais na defensiva e suscetíveis diante de comentários que mais parecem ataques absurdos e mal-intencionados ao nosso caráter e à nossa natureza, e não tentativas afetuosas de tratar aspectos problemáticos de nossa personalidade.*

Se Rabih tivesse adquirido hábitos mais razoáveis quanto à forma de ensinar, sua aula poderia ter sido encaminhada de maneira bem diferente. Para começo de conversa, ele só começaria a tratar de qualquer assunto depois que ambos tivessem ido para a cama e estivessem bem descansados. Na manhã seguinte, poderia sugerir uma caminhada, talvez pelo parque King George V, depois de comprarem café e um bolinho para saborear sentados em um banco. Contemplando os enormes carvalhos, ele poderia elogiar Kirsten pelo jantar e também mais uma ou duas coisas, quem sabe sua habilidade nas questões políticas do escritório e a gentileza de ter levado ao correio uma encomenda sua na véspera. Em seguida, trataria de culpar a si mesmo pelo comportamento que chamou sua atenção, em vez de acusá-la. “Teckle, fico com tanto ciúme desses caras”, começaria. “Se eu não fosse arquiteto, poderíamos ter uma casa de veraneio, e eu amaria muito isso. Ninguém gosta mais que eu de sol e do Mediterrâneo. Sonho com pisos de pedra calcária, perfume de jasmim e tomilho no jardim. Desculpe decepcionar a nós dois.” E, em seguida, como um médico confortando o paciente antes de inserir a agulha: “Mas o que também queria dizer, e que provavelmente é uma lição para nós, é que temos muita sorte sob vários outros aspectos que devemos pelo menos tentar não esquecer. Temos sorte de ter um ao outro, de gostar dos nossos empregos nos dias bons e de nos divertir à beça nos dias chuvosos das nossas férias de verão nas Hébridas, num chalé de agricultor com certo cheiro de estrume de carneiro. No meu caso, enquanto estiver com você, eu ficaria até bem feliz de viver neste banco.”

Não é só Rabih, contudo, que é um péssimo professor. Kirsten tampouco poderia ser considerada uma aluna brilhante. Ao longo de todo o relacionamento, ambos têm fracassado completamente nas duas tarefas: ensinar e aprender. Ao primeiro sinal de que um deles está assumindo certo tom pedagógico, o outro conclui que está sendo acusado, o que, por sua vez, os leva a ignorar qualquer instrução e a reagirem com sarcasmo e agressão a qualquer sugestão, causando, assim, ainda mais irritação e desgaste na mente da frágil parte “instrutora”.

— Rabih, ninguém nunca me acusou de ser *materialista* — responde Kirsten (na cama, cada vez mais exausta), profundamente ofendida pela insinuação de que está atenta ao padrão de vida dos amigos e que sente inveja. — Na verdade, outro dia mesmo, mamãe comentou ao telefone que nunca conheceu ninguém mais moderada e cautelosa com dinheiro do que eu.

— Mas isso é um pouco diferente, Teckle. A gente sabe que ela só diz isso porque ama você, e para ela você jamais faz algo errado.

— Você diz isso como se fosse um problema! Por que não consegue ser cego assim também, se me ama?

— Porque amo você de outra maneira.

— De que maneira?

— De um jeito que me faz querer ajudá-la a encarar certas questões.

— De um jeito desagradável, então.

Agora ele sabe que suas intenções perderam catastroficamente o rumo.

— Eu amo você de verdade. Te amo tanto! — diz ele.

— Tanto que está sempre querendo me mudar? Rabih, eu queria mesmo entender...

*As lições mais difíceis levam os alunos a se escorar na reconfortante ideia de que o professor é maluco ou perverso, e que logicamente, portanto, eles próprios devem estar acima de críticas. Quando nos confrontamos com um veredito extremo a ponto de ser absurdo, podemos ser levados a nos consolar com a ideia de que não é possível que nosso parceiro ao mesmo tempo tenha um comportamento cruel e, quem sabe, esteja com um pouquinho de razão.*

*No âmbito sentimental, comparamos a negatividade do cônjuge com o tom encorajador dos amigos e parentes, sobre os quais jamais recaíram exigências nem de longe comparáveis com as de um parceiro.*

*Há outras maneiras de tratar o amor. Na filosofia, os antigos gregos ofereciam uma perspectiva bastante útil, mas um pouco antiquada, sobre a relação entre amor e ensino. Para eles, o amor era, acima de tudo, um sentimento de admiração pelos melhores aspectos de outro ser humano. O*



*amor era a empolgação de estar frente a frente com características virtuosas.*

*Decorria daí que o aprofundamento do amor haveria sempre de envolver o desejo de ensinar e aprender maneiras de se tornar mais virtuoso; de ser menos reativo ou inflexível, mais curioso ou corajoso. Os amantes sinceros jamais se contentariam em aceitar um ao outro da forma como fossem, o que seria uma traição preguiçosa e covarde ao propósito dos relacionamentos. Sempre haveria algo a aperfeiçoar em nós mesmos e a educar nos outros.*

*Ao olhar dos antigos gregos, quando o ser amado chamasse a atenção para o que fosse lamentável ou incômodo no temperamento do parceiro, este não deveria considerar que o outro estaria abrindo mão do espírito do amor. Ele deveria ser cumprimentado por tentar fazer algo perfeitamente de acordo com a essência do sentimento: ajudar o parceiro a se tornar uma versão melhor de si mesmo.*

*Em um mundo mais evoluído, um pouco mais atento ao ideal grego do amor, talvez soubéssemos ser um pouco menos desajeitados, assustados e agressivos na hora de apontar alguma coisa, e bem menos combativos e sensíveis ao receber um feedback. O conceito de ensinamento em um relacionamento perderia, assim, uma parte de suas conotações desnecessariamente assustadoras e negativas. Entenderíamos que, em mãos responsáveis, ambos os projetos — ensinar e aprender, chamar a atenção para os erros do outro e aceitar críticas — estão de acordo com o verdadeiro propósito do amor.*

Rabih nunca consegue se controlar o suficiente para passar sua mensagem. Vai levar muito tempo, muitos anos de desenvolvimento da percepção, para que os dois dominem a difícil arte de ensinar e aprender.

Enquanto isso, contudo, a crítica de Rabih ao materialismo de Kirsten é deixada de lado por um mortificante abalo sísmico. Com cinco anos de casados, em um momento bastante favorável do mercado imobiliário, Kirsten consegue vender o apartamento deles, obter uma nova hipoteca e comprar, por um preço muito vantajoso, uma casa bem-iluminada e confortável a poucas ruas de distância, em Newbattle Terrace. A situação mobiliza toda a sua habilidade de negociadora financeira. Rabih a vê checando cotações até tarde da noite e já de manhã cedo sendo firme com corretores ao telefone, e conclui que tem muita sorte de estar casado com uma mulher tão obviamente apta a lidar com dinheiro.

E também se dá conta de algo mais. Kirsten de fato pode ter um lado mais atento que o habitual às conquistas financeiras de terceiros e que deseja certo nível de conforto material. O que poderia ser considerado uma fraqueza, e mesmo que seja (Rabih nem sequer está certo disso), está

intimamente ligado a uma força. O preço a ser pago por Rabih por contar com o talento fiscal da mulher é ter que suportar também certas desvantagens associadas a ele. As mesmas virtudes que fazem dela uma grande negociadora e uma boa gestora financeira às vezes podem transformá-la — sobretudo quando ele está preocupado com a própria carreira — em uma companheira irritante e que ajuda a desestabilizá-lo ao comparar suas realizações com as dos outros. Em ambos os casos, percebe-se o mesmo apego à segurança, a mesma falta de disposição de deixar de lado critérios materiais de sucesso e a mesma preocupação inteligente com o custo das coisas. Qualidades idênticas geram incríveis acertos domésticos e motivos de insegurança em questões de status. Em seus eventuais momentos de preocupação com o padrão de vida dos amigos, Kirsten está evidenciando nada mais, nada menos — Rabih constata agora — do que os defeitos de suas qualidades.

Quando se mudam para a nova casa, ele se esforça para jamais perder de vista essas qualidades, mesmo quando os defeitos e o que podem ocasionar estão particularmente evidentes.

FILHOS

## *Lições de amor*

Como sempre supuseram que um dia teriam filhos, eles decidem, com quatro anos de casamento, deixar de impedir essa possibilidade. Passados sete meses, chega a notícia junto à pia do banheiro, na forma de uma leve linha azul em um bastão de plástico pousado em um algodão — que não parece um veículo exatamente adequado para anunciar a chegada de um novo membro da raça humana, um ser que ainda poderá estar por aí daqui a noventa e cinco anos, e que virá a se referir a essas duas criaturas, neste momento usando roupas íntimas, de uma maneira até então inconcebível: “Meus pais.”

Nos longos meses da guerra de araque, eles ficam se perguntando o que *de fato* deveriam estar fazendo. Conhecendo bem as dificuldades da vida que levam, encaram a novidade como uma oportunidade de acertar tudo desde o início, a começar pelos detalhes. Em um suplemento dominical do jornal, encontram a recomendação de ingerir mais casca de batata e passas, arenque e óleo de nozes, e Kirsten trata de seguir com muito zelo as recomendações para tentar sufocar parte do terror que sente pela falta de controle de tudo o que acontece dentro dela. Seja em uma reunião ou no ônibus, em uma festa ou lavando roupa, ela sabe que a poucos milímetros do seu umbigo há válvulas se formando e neurônios sendo costurados, e o DNA decidindo como será o queixo, a disposição dos olhos e que pedacinhos da ancestralidade de cada um irão compor os filamentos de uma personalidade. Não surpreende que ela vá se deitar cedo. Nunca se preocupou tanto com alguma coisa na vida.

Rabih muitas vezes coloca a mão de forma protetora na barriga dela. O que acontece lá dentro é algo tão mais inteligente que os dois. Eles sabem preparar orçamentos, calcular projeções de tráfego, conceber andares inteiros; o que está lá dentro sabe construir para si um crânio e uma bomba motora que funcionará durante quase um século sem descansar uma só batida.

Nas últimas semanas, eles invejam os derradeiros momentos de total unidade e compreensão daquele ser estranho. Imaginam que, mais tarde, quem sabe em um quarto de hotel no exterior, depois de um longo voo, ele provavelmente tentará se isolar do barulho do ar-condicionado e

neutralizar a desorientação do *jet lag* enroscando-se naquela mesma posição fetal em busca da paz primordial do líquido materno há muito perdido.

Quando ela finalmente surge, depois de sete horas de provação, eles lhe dão o nome de Esther, em memória de uma das bisavós maternas, e também de Katrin, o nome da mãe de Rabih. Não conseguem parar de olhá-la. Ela parece perfeita em tudo, a mais bela criatura que já viram, olhando fixo para eles com enormes olhos que parecem infinitamente sábios — como se tivesse passado a vida anterior absorvendo cada centímetro de sabedoria deste mundo. A testa larga, os dedinhos bem-delineados, os pés tão macios, e as pálpebras que, mais adiante, nas longas noites sem sono, terão a função nada desprezível de acalmar os ânimos quando a choradeira ameaçar a sanidade dos pais.

Na mesma hora, eles começam a se preocupar com o planeta para o qual a trouxeram. As paredes do hospital são de um verde nauseante; ela é segurada de mau jeito por uma enfermeira e cutucada pela espátula de um médico; podem-se ouvir gritos e estrondos vindos de alas vizinhas; ela está sempre quente ou fria demais — e na exaustão e no caos das primeiras horas da manhã, aparentemente pouco mais lhe resta a não ser chorar sem parar. Os gritos sensibilizam o coração dos cuidadores desesperados, incapazes de encontrar um dicionário que traduza suas ordens enfurecidas. Mãos gigantescas afagam sua cabeça e vozes murmuram coisas que ela não entende. As lâmpadas lá em cima emitem uma ofuscante luz branca, à qual suas finíssimas pálpebras ainda não conseguem opor resistência. A tarefa de pegar o mamilo é como tentar se agarrar à vida numa boia em meio a uma furiosa tempestade no oceano. Para usar um eufemismo, ela fica meio aborrecida. Depois de lutas titânicas, consegue adormecer do lado de fora de sua antiga residência, aflita por ter saído sem as chaves, mas, de certa forma, reconfortada pelo sobe e desce da respiração familiar.

Eles nunca se preocuparam de forma tão intensa e categórica com ninguém. A chegada dela transforma o que entendem sobre amor. Ambos reconhecem que, até então, tinham entendido muito pouco sobre o que podia estar em jogo.

*Maturidade é reconhecer que o amor romântico pode representar apenas um aspecto limitado e talvez bem mesquinho da vida emocional, voltado sobretudo para a busca de encontrar amor, em vez de dá-lo, de ser amado e não de amar.*

*Os filhos podem acabar sendo professores inesperados de pessoas bem mais velhas que eles, às quais oferecem — pela dependência, pelo egoísmo e pela vulnerabilidade exaustivos — um curso avançado de um*

*tipo totalmente novo de amor, no qual a reciprocidade nunca é exigida através do ciúme nem sentida com impaciência, e o verdadeiro objetivo é nada menos que a transcendência de si mesmo em benefício do outro.*

Na manhã após o parto, as enfermeiras despacham a nova família sem qualquer orientação ou recomendação a não ser um folheto sobre cólicas e outro sobre imunizações. Qualquer eletrodoméstico vem com mais instruções do que um bebê, preservando na sociedade a comovente crença de que, no fim das contas, uma geração não tem grande coisa a transmitir à seguinte sobre a vida.

*Os filhos nos ensinam que, em sua forma mais pura, o amor é também uma forma de serviço. A palavra acabou acumulando conotações negativas. Uma cultura individualista e voltada para a autogratição encontra dificuldade para equiparar satisfação com o fato de estar à disposição de alguém. Estamos habituados a amar os outros em troca do que podem fazer por nós, de sua capacidade de nos entreter, encantar ou tranquilizar. Os bebês, no entanto, não precisam fazer nada. Como as crianças um pouquinho mais velhas às vezes concluem, com muito desconforto, não há qualquer “sentido” nisso. E é justamente esse o sentido. Ensinam-nos a dar sem esperar nada em troca simplesmente porque precisam muito de ajuda — e nós temos como dá-la. Somos induzidos a um amor que não se baseia na admiração pela força, mas na compaixão pela fraqueza, uma vulnerabilidade compartilhada por cada membro de nossa espécie, que cada um de nós já teve e voltará a ter. Como sempre é tentador dar excessiva ênfase à autonomia e à independência, essas criaturas indefesas estão aqui para nos lembrar de que, no fim das contas, ninguém “se faz” sozinho; todos temos um pesado débito com alguém. Percebemos que a vida depende — literalmente — da capacidade de amar.*

*Também aprendemos que servir a alguém não é humilhante, muito pelo contrário, pois nos liberta da cansativa responsabilidade de estar sempre cuidando de nossa própria natureza distorcida e insaciável. Aprendemos o alívio e o privilégio de poder viver por algo mais importante que nós mesmos.*

Eles limpam a bundinha dela muitas vezes — e se perguntam por que nunca haviam se dado conta com clareza, antes, de que é na verdade isso que um ser humano precisa fazer por outro. Aquecem mamadeiras para ela no meio da noite, ficam bastante aliviados quando ela dorme mais de uma hora sem acordar, preocupam-se com a demora de seus arrotos e

discutem a respeito deles. Tudo isso será esquecido por ela, e eles não terão vontade ou disposição de lembrá-la. A gratidão só lhes chegará de maneira indireta, ao saberem que ela própria, um dia, estará suficientemente feliz consigo mesma para querer fazer o mesmo por outra pessoa.

Sua total incompetência é de deixar pasmo. Tudo precisa ser aprendido: como passar os dedos em volta de um copo para segurá-lo, como engolir um pedaço de banana ou mover a mão pelo tapete para pegar uma chave. Nada é fácil. Entre as atividades da manhã podem estar empilhar blocos de montar para derrubá-los, bater com o garfo na mesa, jogar pedras numa poça, derrubar da prateleira um livro sobre arquitetura de templos hindus, sentir o gosto do dedo da mamãe. Tudo é incrível — da primeira vez.

Nem Kirsten nem Rabih jamais conheceram essa mistura de amor e tédio. Acostumaram-se a basear suas amizades nas afinidades de temperamento e interesses. Mas Esther, de uma maneira confusa, é ao mesmo tempo a pessoa mais tediosa que já conheceram e aquela a quem mais amam. Raramente amor e compatibilidade psicológica se distanciaram tanto — e, contudo, isso não tem a menor importância. Talvez seja exagerada toda essa ênfase na necessidade de ter “algo em comum” com os outros: Rabih e Kirsten têm agora uma outra percepção do pouco que é de fato necessário para formar um vínculo com outro ser humano. No verdadeiro livro do amor, qualquer um que precise muito de nós merece ser nosso amigo.

A literatura pouco se deteve ao quarto das crianças ou ao espaço onde brincam, e talvez por bons motivos. Nos romances mais antigos, as amas de leite alimentam os bebês em pouco tempo para que as outras ações possam se desenrolar. Durante meses não acontece muita coisa na sala de estar em Newbattle Terrace, no âmbito aparente. As horas parecem vazias, mas na verdade tudo está nelas. Esther se esquecerá completamente de seus detalhes quando enfim despertar com uma consciência coerente da longa noite da primeira infância. No entanto, seu legado eterno será certo senso fundamental de confiança e bem-estar no mundo. Os alicerces da infância de Esther não se assentam não tanto nos acontecimentos, mas em memórias sensoriais: o aconchego no peito de alguém, a incidência da luz em determinadas horas do dia, cheiros, tipos de biscoitos, texturas de carpete, o som distante, incompreensível e tranquilizador da voz dos pais no carro em longas viagens noturnas e a sensação, por trás de tudo, de que ela tem direito de existir e motivos para ter esperança.

*A criança ainda ensina algo mais sobre amor ao adulto: que o verdadeiro amor tem a ver com uma constante tentativa de interpretar com a máxima*

*generosidade o que pode estar ocorrendo a qualquer momento por trás de comportamentos difíceis ou indesejáveis.*

*O pai ou a mãe tem que tentar adivinhar o que o grito, o chute, o choro ou a raiva realmente querem dizer. E o que marca esse projeto de interpretação — tornando-o tão diferente do que acontece num relacionamento adulto habitual — é a indulgência. Os pais são capazes de agir com base no princípio de que os filhos, embora estejam perturbados ou sofrendo, são fundamentalmente bons. Assim que o motivo da tormenta é identificado, sua inocência natural é restabelecida. Quando as crianças choram, não as acusamos de serem malvadas ou autopiedosas: tentamos descobrir o que pode estar incomodando. Quando mordem, sabemos que devem estar assustadas ou momentaneamente irritadas. Temos consciência dos insidiosos efeitos que a fome, um trato digestivo complicado ou a falta de sono podem ter no humor.*

*Como seríamos bons se fôssemos capazes de importar pelo menos um pouco desse instinto para os relacionamentos adultos — e se também neles pudéssemos ignorar a irritabilidade e a crueldade, e reconhecer o medo, a confusão e a exaustão que quase sempre estão por trás delas. É o que significaria contemplar a raça humana com amor.*

O primeiro Natal de Esther é passado com a avó. Ela chora durante quase toda a viagem de trem até Inverness. Os pais estão pálidos e esgotados quando chegam à casa com varanda da avó. Algo dói dentro de Esther, mas ela não tem como saber o que é nem onde está. O palpite das pessoas é que ela está com calor. Um cobertor é retirado, e depois volta a envolvê-la. Novas ideias vão surgindo; pode ser sede. Ou quem sabe o sol, ou o barulho da televisão, ou o sabonete que estão usando ou uma alergia aos lençóis. O impressionante é que ninguém jamais presume que seja mera petulância ou amargor; lá no fundo, a criança é invariavelmente boa.

Os adultos não são capazes de chegar à causa principal, por mais que tentem leite, esfregar as costas, talco, afagos, um colarinho menos incômodo, sentá-la, deitá-la, um banho e um subir e descer das escadas. No fim, a pobre criatura vomita uma alarmante mistura de banana e arroz no vestidinho novo de linho, seu primeiro presente de Natal, no qual a avó bordou o nome “Esther” — e cai no sono logo depois. Não terá sido a última vez — só que com um cuidado infinitamente maior da parte dos que a cercam — que foi bastante incompreendida.

*Como pais, aprendemos ainda uma outra coisa sobre o amor: como temos poder sobre as pessoas que dependem de nós e, portanto, a responsabilidade de caminhar com cuidado em torno dos que estão sob*



*nosso cuidado. Tomamos conhecimento de um inesperado poder de machucar sem intenção: assustar por excentricidade ou imprevisibilidade, ansiedade ou irritação momentânea. Precisamos treinar para sermos como os outros precisam que sejamos, e não de acordo com os primeiros reflexos que surgem. O bárbaro precisa capacitar-se a segurar a taça de cristal com delicadeza, num punho poderoso que, sem essa atenção, poderia esmagá-la como uma folha seca de outono.*

Rabih gosta de brincar de imitar diversos animais quando toma conta de Esther nas manhãs dos fins de semana, enquanto Kirsten bota o sono em dia. Ele leva algum tempo para perceber que isso pode parecer muito assustador. Nunca lhe ocorreu antes como é grande, como seus olhos podem parecer ameaçadores, como sua voz pode soar agressiva. O falso leão, de quatro no carpete, constata horrorizado que sua companheirinha de brincadeira está pedindo socorro e não se acalma, apesar da insistência dele de que o velho leão malvado já foi embora e agora o papai voltou. Ela não quer saber dele, só da mamãe, mais meiga e protetora (e que precisa ser tirada da cama por causa daquela emergência e, por consequência, não fica muito satisfeita com Rabih).

Ele reconhece que precisa ser muito cauteloso ao lhe apresentar alguns aspectos do mundo. Não pode haver fantasmas; a simples menção é capaz de inspirar terror. Como tampouco qualquer piada sobre dragões, em especial depois do anoitecer. É preciso cuidado com a maneira como lhe fala sobre a polícia pela primeira vez, assim como os diferentes partidos políticos e as relações entre cristãos e muçulmanos... Ele se dá conta de que jamais virá a conhecer alguém tão desarmado quanto ela naquele momento — tendo-a visto, deitada de costas, lutar heroicamente para rolar e ficar de barriga para baixo, além de escrever sua primeira palavra —, e de que deve assumir o solene compromisso de jamais lembrá-la da própria fraqueza ou usá-la contra ela.

Apesar de um temperamento descrente, ele está agora radicalmente do lado da esperança ao lhe apresentar o mundo. Assim, os políticos dão o melhor de si; os cientistas trabalham para curar doenças; e esse seria um excelente momento para desligar o rádio. Em certos bairros mais degradados por onde passam, ele se sente como um funcionário cheio de desculpas ao mostrar a cidade a um dignitário estrangeiro. As pichações logo vão ser limpas, aquelas figuras encapuzadas estão gritando para comemorar, as árvores ficam lindas nessa época do ano... Na companhia de sua pequena passageira, ele sente muita vergonha dos outros adultos.

Quando ao seu próprio temperamento, ele também foi higienizado e simplificado. Em casa, ele é o “papai”, um homem sem problemas profissionais ou financeiros, grande apreciador de sorvetes, figura meio

abobalhada que gosta mais que tudo de girar sua garotinha e levantá-la nos ombros. Ele ama Esther demais para ousar impor-lhe sua angustiada realidade. Amá-la significa se esforçar para ter a coragem de não a assustar.

Nos primeiros anos de Esther, o mundo adquire uma espécie de estabilidade que, mais tarde, ela sentirá ter perdido em algum momento — mas que, na verdade, só chegou a sentir graças ao trabalho de edição decidido e judicioso dos pais. A solidez e o senso de longevidade desse mundo são ilusões que só merecem crédito de alguém que ainda não entende que a vida pode ser caótica, e que a mudança e a destruição são constantes. Para ela, por exemplo, a casa em Newbattle Terrace é simplesmente, de um modo natural, sua “casa”, com todas as associações eternas dessa expressão, e não apenas uma construção comum escolhida em função de considerações de ordem prática. Essas possibilidades recalçadas chegam ao nível máximo no caso da própria existência de Esther. Se a vida de Kirsten e Rabih tivesse transcorrido de maneira apenas um pouco diferente, a constelação de características físicas e traços de caráter que hoje parecem aglutinar-se de maneira tão indelével e necessária por trás do nome de sua filha poderia pertencer a entidades opostas, pessoas hipotéticas que ficariam para sempre congeladas como possibilidades não concretizadas, potencial genético disperso que não chegou a ser usado porque alguém cancelou um jantar, já tinha namorado ou era tímido demais para pedir um número de telefone.

O tapete no quarto de Esther, uma superfície de lã bege sobre a qual ela passa horas cortando pedaços de papel em forma de animais e da qual contempla o céu pela janela nas tardes ensolaradas, terá para ela a sensação imemorial da superfície onde aprendeu a engatinhar, com cheiro e textura tão característicos que serão lembrados pelo resto de sua vida. Para os pais, contudo, o objeto não estava exatamente predestinado a se tornar um sólido totem da identidade doméstica: na verdade, foi encomendado poucas semanas antes do nascimento de Esther, às pressas, de um lojista local pouco digno de confiança, estabelecido na rua principal (perto do ponto de ônibus), que logo depois faliu. Para quem acaba de chegar ao planeta, tudo pode parecer tão tranquilizador justamente pela impossibilidade de entender a natureza tênue das coisas.

*Uma criança amada enfrenta um precedente desafiador. Por sua própria natureza, o amor dos pais trata de esconder o esforço necessário para gerá-lo. Protege o destinatário da complexidade e da tristeza do doador — e de qualquer consciência dos outros interesses, amigos e preocupações sacrificados pelo pai ou pela mãe em nome do amor. Com infinita generosidade, situa a pequena pessoa no próprio centro do cosmos por algum tempo — para dar-lhe força para o dia em que precisar, com*

*atormetada surpresa, entender a verdadeira escala e a terrível solidão do mundo real.*

Numa noite bem típica de Edimburgo, quando Rabih e Kirsten finalmente conseguiram colocar Esther para dormir, ela já está vestida até o queixo com sua roupinha bem-passada, acomodada no berço, e tudo parece perfeitamente tranquilo no monitor do bebê no quarto. Esses dois cuidadores, com bondade e paciência infinitos, recolhem-se ao próprio quarto, ligam a televisão ou lançam mão das revistas dos jornais dominicais e rapidamente resvalam para um padrão de comportamento que poderia deixar a filha bem chocada, se por um milagre ela pudesse observar e compreender suas interações. Pois em vez da linguagem suave e indulgente que Rabih e Kirsten acabaram de usar com a filha por tantas horas, restam muitas vezes apenas amargura, vingança e acusações. Eles ficaram exaustos pelo esforço do amor. Não resta nada para trocarem. A criança cansada dentro de cada um deles está furiosa por ter sido negligenciada por tanto tempo e se sente dilacerada.

*Não chega a surpreender que, na idade adulta, quando começamos a cultivar relacionamentos, buscamos com todo empenho encontrar alguém capaz de nos dar o amor abrangente e altruísta que podemos ter conhecido na infância. E tampouco surpreenderia se nos sentíssemos frustrados e no fim das contas muito amargurados com a dificuldade de achá-lo; com a improbabilidade de as pessoas entenderem o que precisamos e de se disporem a nos ajudar da forma certa. Podemos acusar os outros pela incapacidade de intuir nossas necessidades, podemos passar de uma relação a outra, podemos culpar um sexo inteiro por sua falta de profundidade — até o dia em que chegamos ao fim de nossa busca quixotesca e alcançamos um aparente distanciamento maduro, percebendo que a única forma de nos libertarmos desse anseio pode ser parar de exigir um amor perfeito e registrar suas muitas ausências a cada passo — preferindo, então, começar a dar amor com total entrega, sem calcular as chances de um dia ele ser retribuído.*

## Doçura

Três anos depois da chegada de Esther, nasce William, que desde o início evidencia um temperamento atrevido e encantador. Os pais vão sempre acreditar que, poucas horas depois de deixar o útero, o bebê piscou para eles do berço. Ao completar quatro anos, deixará indiferentes pouquíssimos corações. Há doçura nas perguntas que faz, em suas brincadeiras e nos insistentes pedidos de casamento que endereça à irmã.

*A doçura das crianças: a parte imatura da bondade, tal como vista pelo prisma da experiência dos adultos, ou seja, do outro lado de uma considerável quantidade de sofrimento, renúncia e disciplina.*

*Costumamos considerar “doces” as claras manifestações infantis de esperança, confiança, espontaneidade, espanto e simplicidade — qualidades gravemente ameaçadas no decorrer da vida adulta, mas também bastante cobiçadas. A doçura das crianças nos lembra de quanto tivemos que sacrificar no caminho para o amadurecimento; a doçura é uma parte vital e exilada de nós mesmos.*

Rabih sente falta dos filhos com particular intensidade quando está no trabalho. Num ambiente marcado por constante tensão e artimanhas profissionais, a própria ideia da confiança e vulnerabilidade que os caracteriza adquire uma força pungente. Parece-lhe quase doloroso lembrar que existe um lugar, não muito longe do escritório, onde as pessoas sabem cuidar de forma adequada umas das outras e onde as lágrimas e a confusão de alguém, para não falar do cardápio do almoço e da posição para dormir, podem suscitar tanto cuidado em outro ser humano.

*Não pode ser mera coincidência que, a essa altura da história, seja tão fácil identificar e valorizar a doçura das crianças. A sociedade se torna sensível às qualidades que lhe faltam. Um mundo que exige tão alto grau de autocontrole, cinismo e racionalidade, marcado por extrema insegurança e competitividade, muito justificadamente enxerga na*

*infância as virtudes capazes de contrabalançá-lo, qualidades que tiveram de ser abandonadas em caráter definitivo em troca das chaves para o mundo adulto.*

William fica maravilhado com uma série de coisas com as quais os adultos ao seu redor se esqueceram de se encantar: formigueiros, balões, canetas de colorir, caracóis, cera de ouvido, o ronco de um avião ao decolar, submergir na banheira... É entusiasta de toda uma categoria de banalidades que — injustamente — tornaram-se tediosas para os adultos. Como um grande artista, é um mestre quando se trata de renovar o interesse do público pelos chamados aspectos de menor importância da vida.

É um grande fã, por exemplo, de pular na cama. É necessária uma longa pista de decolagem, explica; então é melhor quando se pode começar no corredor, com a cama coberta por uma enorme pilha de travesseiros e as almofadas do sofá lá de baixo. É fundamental que os braços estejam bem levantados quando se corre na direção do alvo. Quando pessoas mais velhas como a mamãe e o papai fazem a tentativa, tendem a se conter e mantêm os braços ao longo do corpo, ou então optam por aquela solução meio capenga de cerrar os punhos e mantê-los junto ao peito. Em ambos os casos, o resultado é um tanto reduzido.

E há também as diversas perguntas importantes que precisam ser feitas ao longo do dia: “Por que existe poeira?”; “Se um bebê gorila tivesse o pelo raspado, ficaria parecendo um bebê humano?”; “Que dia eu vou deixar de ser criança?”. Qualquer coisa pode ser um bom ponto de partida para a curiosidade quando ainda não se chegou ao opressivo ponto de supostamente saber para onde se voltam seus interesses.

Ele não está preocupado com a eventualidade de parecer anormal, pois, para a felicidade de William, ainda não existe tal categoria em sua imaginação. As emoções ainda são espontâneas. Ele não teme — ainda — a humilhação. Nada sabe a respeito de conceitos como respeitabilidade, inteligência ou masculinidade, esses catastróficos inibidores do talento e do espírito. A primeira infância dele é como um laboratório do que a humanidade em geral poderia ser se não existisse o ridículo.

As vezes, quando dá vontade, ele gosta de calçar os sapatos altos da mãe e usar seu sutiã, e de ser chamado de Sra. William. Admira a cabeleira do colega Arjun e diz a Kirsten certa noite, muito empolgado, que gostaria muito de tocar os fios de cabelo dele. E acrescenta que Arjun seria um ótimo marido.

Seus desenhos enriquecem esse panorama de doçura — em certa medida, por seu exuberante otimismo. O sol sempre está a pino, as pessoas sorriem. Não há qualquer intenção de investigar mais a fundo e descobrir

desistências e fugas. Para os pais, nada há de trivial em tanta animação: a esperança é uma conquista, e seu menininho, um campeão. É encantadora sua total indiferença a fazer com que as cenas pareçam “certas”. Mais tarde, com o início das aulas de educação artística na escola, ele vai aprender as regras do desenho e ser instruído a prestar muita atenção no que está diante dos olhos. Por enquanto, porém, não precisa se preocupar com a exata conexão de um galho ao tronco da árvore ou com a aparência das pernas e das mãos das pessoas. Ignora com alegria alguns fatos verdadeiros e normalmente tediosos do universo. Só se interessa pelo que sente e pelo que parece divertido naquele exato momento, lembrando aos pais que o total egoísmo pode ter um lado bom.

Até os medos de William e Esther são doces, pois podem ser aplacados muito facilmente e têm muito pouca relação com o que de fato pode ser assustador neste mundo. Têm a ver com lobos e monstros, malária e tubarões. Claro que as crianças têm razão de sentir medo; apenas não têm em mente os alvos certos — ainda. Não estão cientes dos horrores reais que as esperam na idade adulta: exploração, fraude, fracasso na carreira, inveja, abandono e mortalidade. As ansiedades das crianças são apreensões inconscientes dos verdadeiros terrores da meia-idade, com a diferença de que, quando estes enfim tiverem que ser enfrentados, o mundo não achará seus donos tão enternecedores nem merecedores de tantas carícias e gestos tranquilizadores.

Esther sempre vai ao quarto de Rabih e Kirsten por volta de duas da manhã, levando Dobbie e se queixando de algum pesadelo com dragões. Deita-se entre os dois, dando uma das mãos para cada um e as perninhas tocando as deles. A vulnerabilidade dela faz com que se sintam fortes. O conforto de que ela precisa está ao seu alcance. Matarão o malvado dragão se ousar aparecer de novo por aqui.

Eles observam enquanto ela volta a dormir, as pálpebras tremendo um pouco, com Dobbie preso sob o queixo. Ficam acordados por algum tempo, comovidos, pois sabem que sua menininha terá que crescer, deixá-los, sofrer, ser rejeitada e ter o coração partido. Vai sair para o mundo, precisará se sentir segura, mas isso não estará ao alcance deles. Um dia, dragões de verdade aparecerão, e mamãe e papai não terão como espantá-los.

*Nem só as crianças são infantis. Os adultos também se revelam — por baixo da arrogância — por vezes brincalhões, tolos, caprichosos, vulneráveis, histéricos, aterrorizados, dignos de pena e em busca de consolo e perdão.*

*Estamos habituados a ver o que é doce e frágil nas crianças e oferecer-lhes a ajuda e o conforto necessários. Perto delas, somos capazes de deixar de*

*lado o que temos de pior em matéria de compulsão, rancor e fúria. Podemos recalibrar nossas expectativas e exigir um pouco menos do que o habitual; levamos mais tempo para sentir raiva e nos mostramos um pouco mais conscientes dos potenciais por se concretizar. Estamos sempre dispostos a tratar as crianças com uma dose de bondade que, de maneira estranha e infeliz, relutamos em demonstrar aos nossos iguais. É maravilhoso viver num mundo em que tantas pessoas são legais com as crianças. Seria ainda melhor se vivêssemos num mundo em que fôssemos um pouco mais legais com o lado infantil de cada um.*

## *Os limites do amor*

A grande prioridade de Rabih e Kirsten com Esther e William — muito acima de qualquer outra — é o afeto, pois acreditam que veem em toda parte exemplos do que acontece quando há carência de amor: colapsos e ressentimento, vergonha e vício, fracassos crônicos de autoconfiança e a incapacidade de manter relacionamentos sólidos. Para Rabih e Kirsten, quando o carinho é insuficiente, quando os pais se mostram distantes e dominadores, assustadores e indignos de confiança, a vida não pode ser completa. Afirmam que ninguém pode ser forte o suficiente para enfrentar as asperezas da vida sem ter desfrutado um dia da sensação de importar infinitamente para um ou dois adultos.

Por isso, eles se esforçam para responder a cada pergunta com ternura e sensibilidade, pontuam cada dia com afagos, leem longas histórias à noite, levantam-se para brincar ao amanhecer, pegam leve com as crianças quando elas cometem erros, perdoam seus momentos de má-criação e permitem que os brinquedos fiquem espalhados pelo tapete da sala de um dia para outro.

A confiança deles no poder da bondade dos pais chega ao auge nos primeiros anos de Esther e William, em especial nos momentos em que enfim adormecem no berço, indefesos diante do mundo, a respiração leve e constante e os dedinhos bem torneados agarrando o cobertor favorito.

Quando cada um deles chega aos cinco anos, contudo, passa a se impor uma realidade mais complexa e perturbadora: para sua própria surpresa, Rabih e Kirsten deparam com limites teimosos da bondade.

Num fim de semana chuvoso de fevereiro, Rabih compra para William um helicóptero alaranjado com controle remoto. Pai e filho o encontraram semanas antes na internet e, desde então, quase não tiveram outro assunto em comum. Rabih acabou cedendo, embora não tivesse nenhum aniversário em vista, nem um bom resultado escolar para justificar o presente. Contudo, o fato é que o brinquedo vai proporcionar aos dois boas horas de diversão. No entanto, com apenas seis minutos de uso, no momento em que o brinquedo sobrevoa a mesa de refeições, com Rabih no controle, algo dá errado com a direção, a máquina se choca contra a geladeira e o rotor traseiro se esmigalha. É óbvio que os culpados



são os fabricantes, mas infelizmente eles não estão presentes na cozinha — e assim, na mesma hora e não pela primeira vez, Rabih vira o alvo da forte decepção do filho.

— *Que foi que você fez?* — grita William, sem grande doçura.

— Nada — responde Rabih. — O negócio pifou sozinho.

— Pifou nada. Você fez alguma coisa. Agora vai ter que consertar.

— Claro, eu adoraria. Mas é difícil. Vamos ter que falar com a loja na segunda-feira.

— *Papai!* — Agora ele já está berrando.

— Querido, sei que você está decepcionado, mas...

— A culpa é sua!

Lágrimas começam a rolar, e logo depois William tenta chutar as canelas do incompetente piloto. O comportamento do menino é terrível, é claro, e um pouco surpreendente (a intenção de papai era a melhor!), mas nesse momento, como em alguns outros mais, também se revela uma espécie de perversa homenagem a Rabih como pai. É preciso se sentir bem seguro perto de alguém para se mostrar tão difícil. Para que uma criança possa ter uma explosão de raiva, é preciso que o ambiente ao redor seja de profunda benevolência. Rabih nem de longe chegava a ser manhoso assim com o pai quando pequeno, mas a verdade é que tampouco se sentia muito amado por ele. Todas as garantias oferecidas por Rabih e Kirsten ao longo dos anos — “Estarei sempre ao seu lado”; “Você pode nos contar tudo que estiver sentindo” — deram um magnífico resultado: estimularam William e a irmã a voltarem as frustrações e decepções na direção dos dois adultos amorosos que deixaram claro que são capazes de suportar a carga, e que assim o farão.

Ao testemunhar os acessos de raiva dos filhos, Rabih e Kirsten podem avaliar quanto foram capazes de desenvolver paciência e moderação ao longo dos anos, sem nem sequer se dar conta disso. Seus temperamentos de certa forma mais constantes são um legado de décadas de decepções menores e, às vezes, maiores; a tendência mais paciente de seus processos mentais foi entalhada, como os canais sob o fluxo da água, pelas muitas coisas que deram errado com eles. Rabih não tem um acesso de raiva quando comete um erro ao escrever, pois, entre outras coisas, já perdeu o emprego e assistiu à morte da mãe.

*Exercer o papel de bom pai ou de boa mãe apresenta uma exigência importante e bem difícil: ser sempre o portador de notícias ruins. O bom pai ou a boa mãe deve ser necessariamente um defensor de toda uma série de interesses de longo prazo do filho, que por sua própria natureza nem sequer podem ser contemplados, muito menos aceitos com alegria, pelo pequeno. Por amor, os pais devem estar preparados para falar de dentes*

*limpos, dever de casa, quartos arrumados, hora de dormir, generosidade e limites no uso de computadores. Por amor, precisam apresentar-se como chatos com o detestável e enlouquecedor hábito de trazer à tona fatos desagradáveis da vida exatamente quando a diversão está começando de verdade. E em consequência desses atos subterrâneos de amor, os bons pais, quando as coisas vão bem, acabam virando alvo de intenso ressentimento e indignação.*

Por mais difícil que pareça a mensagem, Rabih e Kirsten partem do princípio de que deve ser transmitida com delicadeza: “Só mais cinco minutos de brincadeira, ok?”; “Está na hora do banho da princesa”; “Você deve ter ficado muito chateado, mas nós não batemos nas pessoas que não concordam com a gente, lembra?”.

Eles querem persuadir e influenciar, e, sobretudo, jamais impor uma conclusão pela força ou recorrer a táticas psicológicas básicas, como o lembrete sobre quem é o mais velho, o maior e o mais rico e, portanto, fica com o controle remoto e o laptop.

*“Porque eu sou sua mãe”; “Porque o seu pai disse”: houve um tempo em que essas simples invocações impunham obediência. Entretanto, o significado dessas palavras mudou em nossa era de benevolência, e hoje em dia uma mãe e um pai não passam de “pessoas que vão deixar as coisas mais fáceis para mim” ou “pessoas cujas sugestões eu posso aceitar, se por acaso vir — e apenas se vir — algum sentido no que estão dizendo”.*

Infelizmente, existem situações em que a persuasão não funciona mais — por exemplo, quando Esther começa a provocar William por causa de seu corpo e uma suave advertência da mãe é ignorada. Seu pênis é uma “salsicha horrível”, berra Esther em casa, para em seguida, com ainda mais crueldade, sussurrar a mesma metáfora para um bando de amigas na escola.

Os pais tentam explicar com certo tato que a zombaria, chegando à humilhação, pode levá-lo a ter dificuldades para se relacionar com as mulheres no futuro, o que, é claro, parece estranho para a irmã. Ela rebate dizendo que eles não entendem nada, que William tem mesmo uma salsicha horrorosa entre as pernas e que é por isso que todo mundo ri na escola.

Não é culpa da filha se, aos nove anos, ela nem consegue começar a entender a natureza do alarde dos pais (e, nos bastidores, algumas risadas também). Porém, ainda assim, é irritante quando Esther, instruída com

firmeza a parar, acusa-os de se intrometer em sua vida e escreve a expressão “desmancha-prazeres” em pedacinhos de papel que vai deixando como trilha de farelo de pão pela casa toda.

O assunto termina em uma troca de gritos entre Rabih e essa pessoinha furiosa, a quem simplesmente faltam, em alguma área do cérebro, determinadas conexões nervosas que lhe permitiriam entender o que está em questão.

— Porque eu estou dizendo — sentencia Rabih. — Porque você tem nove anos e eu sou muito mais velho e sei algumas coisas que você não sabe. E não vou ficar plantado aqui o dia inteiro discutindo com você.

— Mas que injustiça! Então vou continuar gritando sem parar — ameaça Esther.

— Você não vai fazer nada disso, mocinha. Vai agora mesmo para o seu quarto e vai ficar lá até estar pronta para descer de novo para jantar com sua família, se comportar de maneira civilizada e me mostrar que tem modos.

É de fato muito estranho para Rabih, congenitamente empenhado em evitar qualquer tipo de confronto, ter que passar uma mensagem aparentemente tão sem amor a alguém que ama sem limites.

*O sonho é permitir à criança ganhar tempo; transmitir de uma só vez noções que puderam ser adquiridas apenas mediante experiências árduas e longas. No entanto, a cada passo, o progresso da raça humana é frustrado por uma congênita resistência a pular etapas para chegar a uma conclusão. Nosso avanço é retardado por um interesse inerente em estar sempre explorando mais uma vez capítulos inteiros do catálogo de idiotices da espécie — e perder boa parte da vida descobrindo por nós mesmos o que já foi ampla e dolorosamente mapeado por outros.*

*O romantismo sempre desconfiou de regras na criação dos filhos, considerando-as um adorno hipócrita que não deveria ser envolvido com a encantadora bondade natural das crianças. Contudo, depois de um convívio mais próximo com alguns jovens de carne e osso, podemos ir mudando de ideia, chegando à conclusão de que o bom comportamento representa, na verdade, uma incontestável defesa frente ao perigo sempre presente de algo próximo da barbárie. Os bons modos não precisam ser um instrumento de frieza e sadismo, apenas uma forma de nos ensinar a manter trancado lá dentro nosso pedacinho animalesco, para que o jantar não se encaminhe sempre para a anarquia.*

Rabih às vezes se pergunta para onde todo esse trabalho paterno bastante árduo os está levando — de que terão servido todas as horas que passaram pegando as crianças na escola, conversando com elas, instruindo

e persuadindo. Começou na esperança, ingênua e egocêntrica, de que ele e Kirsten estavam criando versões melhores de si mesmos. Levou algum tempo para se dar conta de que contribuiu na verdade para trazer ao mundo duas pessoas imbuídas da missão de desafiá-lo, indivíduos que vão lhe infligir reiteradas frustrações, frequente perplexidade e uma forçada, inquietante e eventualmente linda expansão de seus interesses para muito além de qualquer coisa que jamais tenha imaginado, pelos universos até então estranhos da patinação no gelo, das séries de comédia, dos vestidos cor-de-rosa, da exploração espacial e da posição dos Hearts no campeonato escocês de futebol.

Na escola das crianças, um estabelecimento bem-intencionado perto de casa, observando a certa distância os outros pais que chegam com suas preciosas cargas, Rabih pensa que a vida jamais poderá recompensar na escala desejada todas as expectativas depositadas por uma geração nos pequenos ombros da seguinte. Não há destinos gloriosos suficientes ao alcance, as armadilhas são muitas e é fácil demais cair nelas, embora seja possível colher uma estrelinha dourada e uma ovação pela leitura bem-articulada, como um todo, de um poema sobre corvos.

De vez em quando o véu protetor do sentimentalismo paterno cai, e Rabih percebe que entregou uma parte substancial dos melhores dias de sua vida a uma dupla de seres humanos que, se não fossem seus filhos, com quase toda certeza chamariam sua atenção por não apresentarem nada de notável — de tal maneira que, se desse com os dois num pub daqui a trinta anos, talvez preferisse nem sequer dirigir-lhes a palavra. Uma constatação insuportável.

*Por mais que os pais neguem com suposta modéstia, por mais que minimizem suas ambições na presença de estranhos, ter um filho é — pelo menos no início — uma investida em direção à perfeição, uma tentativa de criar não apenas outro ser humano mediano, mas um exemplar de perceptível perfeição. Embora seja a norma, a mediocridade jamais pode ser o objetivo inicial; os sacrifícios necessários para conduzir uma criança à idade adulta são simplesmente grandes demais.*

É uma tarde de sábado e William foi jogar futebol com um amigo. Esther ficou em casa para montar o circuito eletrônico que ganhou de aniversário meses atrás. Pediu ajuda a Rabih e os dois estão repassando o manual de instruções, conectando lâmpadas e pequenos motores e saboreando aqueles momentos em que todo o sistema é acionado. Rabih gosta de dizer à filha que ela daria uma excelente engenheira elétrica. Não consegue abrir mão da fantasia de vê-la como uma mulher que, de alguma maneira, consiga ser ao mesmo tempo totalmente prática e ainda assim

liricamente sensível (uma versão de cada mulher que amou na vida). Esther adora a atenção dele. Vive na expectativa das raras oportunidades em que William está longe e ela tem o pai só para si. Ele a chama de Besti; ela senta no colo dele e, num dia em que não tenha feito a barba, queixa-se da estranha aspereza de sua pele. Ele ajeita os cabelos dela para trás e cobre sua testa de beijos. Kirsten os observa do outro lado da sala. Certa vez, quando tinha quatro anos, Esther disse aos pais, muito séria: “Queria que mamãe morresse para eu casar com o papai.” Kirsten entende. Ela também gostaria de ter tido um pai bom e confiável para afagar e acompanhar na montagem de circuitos, sem mais ninguém ao redor para incomodar. Sabe que Rabih pode ser uma figura glamorosa e sedutora para alguém com menos de dez anos. Ele gosta de sentar no chão e brincar com as bonecas de Esther, vai com a filha escalar rochas, comprar vestidos, anda de bicicleta e conversa com ela sobre os brilhantes engenheiros que construíram os túneis e as pontes da Escócia.

Porém, a relação entre os dois deixa Kirsten um pouco preocupada pelo futuro da filha. Fica se perguntando se outros homens serão capazes de se mostrar à altura de semelhantes padrões de ternura e atenção — e se Besti não pode acabar rejeitando uma série de candidatos apenas pelo fato de nem chegarem perto de oferecer uma amizade semelhante à que desfrutava com o pai. No entanto, o que mais contraria Kirsten é o sentimentalismo nas ações de Rabih. Ela sabe por experiência própria que o carinho que ele ostenta com a filha só está disponível para esse papel de pai, e não para o de marido. Está mais que escolada na drástica mudança de tom que o caracteriza quando os dois não podem ser ouvidos pelos filhos. Ele vem inculcando na mente de Esther, inadvertidamente, uma imagem do que seria o comportamento ideal de um homem em relação a uma mulher, apesar de esse ideal de modo algum refletir a verdade de quem ele, Rabih, realmente é. Assim, é possível que Esther no futuro venha a perguntar a um homem que se comporte de maneira egoísta, confusa e rígida por que não pode ser mais parecido com seu pai, sem se dar conta de que, na verdade, ele é muito parecido com Rabih — só que não a versão que ela veio a conhecer.

Nas presentes circunstâncias, talvez seja útil que a bondade tenha seus limites e que esses dois pais, não obstante os melhores esforços, ainda consigam (como todos os pais) contrariar profunda e periodicamente os filhos. Um comportamento frio, assustador e cruel revela-se apenas a primeira de muitas maneiras de garantir a alienação. Outra estratégia bem eficaz associa superproteção, excesso de envolvimento e de afagos, um trio de comportamentos neuróticos muito conhecido de Rabih e Kirsten. Rabih, o garoto de Beirute, preocupa-se com Esther e William toda vez que atravessam a rua; busca com eles um grau de intimidade talvez até incômodo, pergunta com demasiada frequência como foi o dia deles, quer

sempre que vistam mais uma camada de roupa e os considera mais frágeis do que de fato são — o que explica em parte que Esther mais de uma vez rebata com um “Me deixe em paz”, nunca sem motivo.

E tampouco pode ser tão fácil ter Kirsten como mãe, pois significa fazer muitos testes extras de ortografia, ser estimulado a tocar vários instrumentos musicais e ouvir muitas vezes lembretes para comer comida saudável — prioridades nem tão surpreendentes no caso de alguém que foi a única aluna de sua turma no colegial a ir para a universidade, e uma das pouquíssimas que hoje em dia não depende da previdência social.

Em certos momentos, Rabih até tem pena dos filhos por terem que lidar com ambos. Entende suas queixas e o ressentimento pelo poder que ele e Kirsten exercem sobre os dois, os trinta e tantos anos que levam de vantagem e o cantarolar monótono de suas vozes toda manhã na cozinha. Enfrenta tantas dificuldades para lidar consigo mesmo que não é tão difícil assim simpatizar com dois jovens que podem ter um problema ou outro com ele. A irritação dos filhos, sabe também, tem um papel importante a desempenhar: é o que garantirá que um dia saiam de casa.

*Se a gentileza dos pais bastasse, a raça humana estagnaria e acabaria perecendo. A sobrevivência da espécie depende de os filhos acabarem se fartando e saindo para o mundo, armados da expectativa de encontrar fontes mais satisfatórias de amor e estímulo.*

Nos momentos de aconchego, quando a família inteira se junta na cama de casal em um clima de tolerância e bom humor, Rabih tem consciência de que um dia, num futuro não muito distante, tudo aquilo acabará, em obediência a um decreto da natureza baixado pelos meios mais naturais: os ataques de raiva e fúria da adolescência. A continuação das famílias por gerações sem fim depende da eventual perda de paciência dos mais jovens com os mais velhos. Seria uma tragédia se os quatro ainda quisessem estar deitados ali com braços e pernas entrelaçados daqui a vinte e cinco anos. Esther e William vão acabar tendo que achar Rabih e Kirsten ridículos, chatos e antiquados, para despertarem a vontade de sair de casa.

A filha assumiu há pouco tempo um papel de liderança na resistência às normas parentais. À medida que entra na puberdade, reclama das roupas do pai, de seu sotaque e do jeito de cozinhar, revirando os olhos ante a preocupação da mãe com a leitura de boa literatura e seu hábito absurdo de guardar a metade do limão na geladeira, em vez de jogar fora. Quanto mais alta e crescida, mais Esther se mostra irritada com os hábitos e o comportamento dos pais. William ainda é muito pequeno para lançar um olhar cáustico aos dois. A natureza é generosa com as crianças nesse

sentido, permitindo que só se mostrem sensíveis a toda a gama de defeitos dos pais em uma idade em que já têm condições de fugir deles.

Para permitir que a separação siga seu caminho, Rabih e Kirsten sabem como não se tornarem rigorosos, distantes ou intimidantes demais. Sabem que é muito fácil para as crianças se apegarem a uma mãe ou a um pai difícil de entender, amedrontador ou apenas meio ausente. Esses pais e essas mães podem ficar mais grudados nos rebentos do que os que se mostram estáveis e presentes. Rabih e Kirsten não querem ser aquele tipo de figura autocentrada e inconstante pela qual um filho ou uma filha pode ficar obcecado pelo resto da vida, e assim procuram mostrar-se naturais, acessíveis e até, às vezes, teatralmente bobos. Querem ser tão pouco ameaçadores para que um dia, quando chegar o momento, Esther e William saibam deixá-los com tranquilidade em um canto e seguir em frente. Sentem que o fato de serem de certa forma ignorados é o maior reconhecimento da qualidade de seu amor.

## *Sexo e paternidade*

— Vai ser esta noite? Que tal? — pergunta Kirsten, no banheiro passando maquiagem antes de descer para preparar o café da manhã das crianças.

— Com certeza — responde Rabih com um sorriso, acrescentando: — Vou botar na agenda agora mesmo.

E não está brincando. A noite de sexta-feira é o momento favorito dos dois, e já faz tempo...

A caminho do trabalho, ele pensa nos negros cabelos molhados de Kirsten, que ressaltavam com tanta beleza a pele clara quando ela saiu do chuveiro. Para por um momento a fim de apreciar a extraordinária sorte de essa escocesa elegante e decidida ter aceitado passar o resto da vida com ele.

O dia acaba sendo bem estressante, e só às sete horas ele volta para casa. Está louco por Kirsten a essa altura, mas precisa ser diplomático. Não pode haver pressa, muito menos exigências. Tentará dizer-lhe com especial sinceridade o que sente aquém das turbulentas circunstâncias do cotidiano. O plano é meio confuso, mas ele está otimista.

A família está toda na cozinha, envolvida numa tensa discussão sobre frutas. As duas crianças se recusam terminantemente a comer qualquer uma, apesar de Kirsten ter saído só para comprar mirtilos e tê-los disposto num prato em forma de rosto sorridente. William acusa a mãe de maldade, Esther resmunga que o cheiro da fruta lhe dá enjoo.

Rabih arrisca uma piada, dizendo que estava sentindo falta daquele hospício, bagunça o cabelo de William e diz que talvez esteja na hora de contar histórias lá em cima. Rabih e Kirsten alternam-se na leitura para os dois à noite, e hoje é a vez dela. No quarto das crianças, ela as acomoda bem perto de si, uma de cada lado, e começa uma história, traduzida do alemão, sobre um coelho perseguido por caçadores numa floresta. Vendo-os aconchegados junto a ela, Rabih lembra-se de como era com sua mãe. William gosta de brincar com o cabelo de Kirsten, puxando-o para a frente, da mesma forma que Rabih costumava fazer. Terminada a história, eles querem mais, e ela canta uma velha canção de ninar escocesa, “Griogal Cridhe”, contando a história trágica de uma jovem viúva cujo marido foi feito prisioneiro e executado na presença dela por seu próprio



clã. Ele fica sentado no patamar, comovido, ouvindo a voz de Kirsten. Sente-se privilegiado por ter acompanhado a evolução da mulher, que se transformou numa mãe muito competente. Já ela, a essa altura, apreciaria uma cerveja mais do que tudo.

Rabih vai se deitar. Meia hora depois, ouve Kirsten entrar no banheiro. Ao surgir de novo, ela vem com o roupão xadrez que tem desde os quinze anos e que usava muito quando as crianças eram pequenas. Ele já se pergunta como deveria começar quando ela fala de um telefonema recebido naquela tarde de uma amiga dos Estados Unidos que conheceu quando estudava em Aberdeen. A mãe da pobre coitada teve um diagnóstico de câncer do esôfago, a informação veio de repente. Não é a primeira vez que ele se dá conta de como Kirsten é uma boa amiga, sintonizando-se de maneira instintiva e profunda com as necessidades dos outros.

Kirsten diz então que tem pensado na educação universitária dos filhos. Ainda falta muito, mas é exatamente esse o motivo. Agora é o momento de começar a guardar algum dinheiro. Não muito — eles andam apertados —, mas o suficiente para no futuro constituir uma soma apreciável.

Rabih pigarreia e, em algum lugar em seu íntimo, cai em certo desespero.

*Caberia supor que o medo e a insegurança de se aproximar de alguém só acontecem uma vez — no início de um relacionamento —, e que os motivos de ansiedade não poderiam persistir depois que duas pessoas assumiram expressamente certos compromissos uma com a outra, como casar, bancar uma hipoteca juntas, comprar uma casa, ter filhos e deixar todos os bens uma para a outra em testamento.*

*No entanto, vencer distâncias e obter garantias de que precisam de nós não são exercícios a serem feitos apenas uma vez: precisam ser repetidos sempre que houver uma interrupção — um dia longe, um período de muita ocupação, uma noite de serão no trabalho —, pois cada interlúdio tem o poder de levantar de novo a questão de saber se ainda somos desejados.*

*É uma pena que seja tão difícil encontrar uma maneira simpática e livre de estigmas de admitir a intensidade da nossa necessidade de garantias. Mesmo depois de anos de vida em comum, persistem obstáculos de medo em torno de um simples pedido de prova de desejo. Só que com uma terrível complicação adicional: agora entendemos que uma ansiedade desse tipo não se justifica. Daí a tentação de fingir que as garantias seriam a última de nossas preocupações. Estranhamente, podemos até ter um caso, um ato de traição que não passa, com demasiada frequência, de uma tentativa de parecermos distantes e fingir que não precisamos de*

*ninguém, uma difícil prova de indiferença que reservamos e em segredo endereçamos à pessoa que de fato importa para nós — embora nos aterrorize a ideia de mostrar que precisamos dela e que fomos magoados por ela sem essa intenção.*

*Os requisitos da aceitação nunca chegam ao fim. Não é uma maldição exclusiva dos inadequados e dos fracos. A insegurança pode até mesmo ser um sinal de bem-estar. Significa que não nos permitimos ter uma relação com alguém como garantida, que ainda somos suficientemente realistas para perceber que as coisas de fato podem acabar mal — e que não custa nada cultivar.*

Já está ficando muito tarde. As crianças têm natação cedo na manhã seguinte. Rabih espera que Kirsten conclua suas considerações sobre a universidade onde Esther e William deveriam um dia estudar, e então pega a mão da mulher. Ela a deixa frouxa por um momento, até que aperta a mão do marido e eles começam a se beijar. Ele afasta as coxas dela e começa a acariciá-las. Nesse momento, seu olhar se detém na mesa de cabeceira onde Kirsten colocou um cartão que William lhe deu: está escrito “Feliz Aneversáreo, mamãe”, ao lado de um desenho de um sol extremamente afável e sorridente. Isso lhe traz à mente a expressão travessa de William e, estranhamente, o faz pensar em Kirsten carregando-o nos ombros pela cozinha, algo que ela fez na semana anterior, quando o menino se fantasiou de feiticeiro depois da escola.

Uma parte de Rabih quer muito continuar seduzindo a mulher, algo que vem esperando há muito tempo; mas um outro lado dele não está bem certo de querer isso naquele momento em especial, por motivos que não consegue identificar.

*É uma tese bastante conhecida: as pessoas que nos atraem quando somos adultos têm forte semelhança com as que mais amamos na infância. Pode ser certo senso de humor ou um tipo de expressão, um temperamento ou certa disposição emocional.*

*Mas há uma coisa que queremos fazer com nossos amantes adultos que era absolutamente proibida com as pessoas de presença tranquilizadora que no início cuidavam de nós; queremos fazer sexo com os indivíduos que em aspectos fundamentais nos lembram tipos com os quais de forma alguma devíamos fazer sexo outrora. Acontece que o êxito na relação física depende de descartar certas associações muito vívidas entre nossos parceiros românticos e seus arquétipos parentais subjacentes. Precisamos — por um tempinho — nos certificar de que nossos sentimentos sexuais não se misturam com os do afeto de um jeito confuso.*

*Porém, a tarefa torna-se mais difícil a partir do momento em que chegam filhos, que vão convocar de forma direta os aspectos especificamente parentais dos nossos parceiros. Podemos saber muito bem no nível consciente que o parceiro não é, claro, um genitor sexualmente proibido, que é a mesma pessoa de sempre, com a qual, nos primeiros meses, fizemos certa vez coisas divertidas e transgressoras. No entanto, a ideia é testada com ainda mais força à medida que suas identidades sexuais tornam-se cada vez mais obscurecidas por trás das identidades cuidadoras que precisam envergar o dia inteiro, exemplificadas por esses títulos castos e alegres (que nós mesmos podemos até usar de forma equivocada, vez ou outra, no trato com eles): “mamãe” ou “papai”.*

A eventual aparência dos seios de sua mulher chegou em dado momento a ser objeto de exagerada preocupação para RabiH. Ele se lembra de ter lançado olhares clandestinos para eles sob o top preto que ela usava da primeira vez que se encontraram e, mais tarde, de estudá-los por baixo de uma camiseta que indicava o tamanho fascinantemente pequeno, e também de ter roçado de leve neles durante aquele beijo inicial no Jardim Botânico e, finalmente, de ter passado a língua neles em movimentos circulares na antiga cozinha dela. No início, essa obsessão era constante. Ele queria que ela ficasse de sutiã durante o sexo, ora puxando-o para cima, ora para baixo, para manter no nível máximo o extraordinário contraste entre a identidade dela vestida e despida. Pedia-lhe que os empalmasse e acariciasse como faria se ele não estivesse ali. Queria botar o pênis entre eles, como se apenas as mãos não bastassem e fosse necessário um indicador mais definitivo de posse e possibilidades para marcar o território até então proibido.

Naquele momento, no entanto, alguns anos depois, deitados lado a lado no leito conjugal, há entre eles mais ou menos o mesmo nível de tensão sexual que poderia haver entre um casal de vovôs de pele curtida, se bronzendo numa praia de nudismo do Báltico.

*No fim das contas, a excitação parece ter muito pouco a ver com a quantidade de roupas no corpo; ela extrai sua energia da possibilidade de receber permissão para possuir um outro bastante desejável, outrora proibido e, no entanto, agora milagrosamente disponível e acessível. É realmente de inspirar uma gratidão assombrosa, quase inacreditável, que, em um mundo de isolamento e desconexão, os punhos, as coxas, os lóbulos da orelha e a nuca enfim estejam ali para serem contemplados por nós; uma ideia extraordinária que queremos checar a todo momento, talvez em um espaço de apenas poucas horas, de vez em quando podendo tocar, inserir, revelar e despir mais alegremente, de tão solitários que*

*estávamos, de tão independentes e distantes que pareciam nossos seres amados. O desejo sexual é acionado pelo desejo de estabelecer proximidade — dependendo assim de um senso de distância preexistente, cuja superação representa um motivo de prazer e alívio sempre renovado.*

Já resta pouquíssima distância entre Rabih e Kirsten. O estado civil os define como parceiros pelo resto da vida; compartilham um quarto de doze metros quadrados ao qual retornam toda noite; falam-se bastante ao telefone quando estão distantes; são a companhia um do outro no fim de semana, algo presumido de modo automático; sabem antes da hora, e na maior parte do dia e da noite, exatamente o que o outro está fazendo. Já não resta em suas vidas compartilhadas muita coisa que possa ser definida como “estranha” — havendo, portanto, pouco espaço para o erotismo tentar uni-los.

Ao fim de muitos dias, Kirsten reluta até em ser tocada por Rabih, não porque não goste mais dele, mas por não sentir que reste o suficiente dela mesma para se arriscar a dar mais para outra pessoa. É necessário certo grau de autonomia para que o ato de ser despido por alguém seja um prazer. Contudo, ela já respondeu a várias perguntas, calçou muitos sapatos apertados, pediu e tentou convencer alguém vezes demais... O toque de Rabih parece mais um obstáculo no caminho da tão postergada comunhão com seu interior negligenciado. Ela quer se apegar tranquila e fortemente a si mesma, em vez de permitir que sua identidade seja ainda mais dispersada por novas demandas. Qualquer investida ameaça destruir a frágil concha de seu ser particular. Enquanto não tiver a oportunidade de voltar a se familiarizar com os próprios pensamentos, ela nem pode começar a sentir prazer em se entregar a alguém.

*Além disso, podemos ficar envergonhados e quase intoleravelmente expostos ao propro sexo a um parceiro do qual já somos tão dependentes de tantas maneiras. E pode ser aquela gota d'água da intimidade contra um cenário de discussões tensas sobre o que fazer com as finanças e a evasão escolar, para onde ir nas férias e que tipo de cadeira comprar, pedir também que um parceiro encare com indulgência nossas necessidades sexuais: que vista determinada peça de roupa, aceite participar de uma historinha meio torpe que tanta falta nos faz ou se deite em determinada posição na cama. Talvez não queiramos ser relegados ao papel de suplicantes, ou queimar um precioso capital emocional em nome de um fetiche com sapatos. Talvez não queiramos confiar fantasias que podem nos fazer parecer ridículos ou depravados diante de quem precisamos manter dignidade e autoridade, como exigem os impasses e negociações*

*diários da vida conjugal. Pode parecer muito mais seguro pensar que estamos na presença de um total estranho.*

Na semana anterior, Kirsten está sozinha em casa, no quarto, no meio de uma tarde. Assiste a um programa sobre a frota pesqueira do mar do Norte, baseada em Kinlochbervie, a nordeste. Conhecemos os pescadores, ficamos sabendo que passaram a usar novas tecnologias de sonar e somos informados do preocupante declínio de várias espécies de peixes. Pelo menos não falta arenque e a disponibilidade de bacalhau tampouco é ruim este ano. Um pescador chamado Clyde pilota uma embarcação chamada *Loch Davan*. Ele sai toda semana para alto-mar, não raro chegando até a Islândia ou a ponta da Groenlândia. Tem um jeito bruto e arrogante, mandíbulas fortes e bem-desenhadas e olhos zangados e impacientes. As crianças ainda levarão pelo menos uma hora na casa dos amiguinhos, mas mesmo assim Kirsten levanta-se para trancar a porta do quarto antes de tirar a calça e se deitar de novo na cama.

Agora ela está no *Loch Davan*, onde lhe foi destinada uma cabine estreita perto da ponte de comando. Sopra um vento violento, sacudindo a embarcação como um brinquedo, mas apesar do rugido ela consegue distinguir uma batida na porta da cabine. É Clyde; deve haver alguma emergência na ponte de comando. Mas acaba sendo outra coisa. Ele arranca a capa de chuva dela e a possui contra a parede da cabine sem que troquem uma só palavra. Os pelos da barba queimam a pele dela. Felizmente, ele mal sabe ler e escrever, é bastante grosseiro, quase pré-verbal, e tão fundamentalmente inútil para ela quanto ela para ele. Pensar em sexo parece algo rude, urgente e sem significado — e muito mais excitante que fazer amor à noite com alguém de quem ela gosta tanto.

*O motivo de um ser amado ser substituído por um completo estranho em uma fantasia masturbatória não tem explicação lógica na ideologia romântica. Entretanto, na prática é exatamente a separação desapaixonada de amor e sexo que pode ser necessária para corrigir e aliviar o fardo da intimidade. Recorrer a um estranho permite contornar ressentimentos, vulnerabilidade emocional e qualquer obrigação de se preocupar com as necessidades do outro. Podemos ser tão estranhos e egoístas quanto quisermos, sem medo de julgamentos nem consequências. Qualquer emoção é mantida maravilhosamente ao largo: não há o mais leve desejo de ser compreendido, e, portanto, nenhum risco de ser mal compreendido e, assim, ficar amargurado ou frustrado. Enfim podemos sentir desejo sem precisar levar para a cama conosco o restante de nossas vidas exaustivamente sobrecarregadas.*

Kirsten não é a única a considerar mais seguro separar certas partes de sua sexualidade do restante de sua vida.

Periodicamente, Rabih faz algo muito semelhante. Esta noite, ele verifica se a mulher está dormindo e sussurra seu nome, na expectativa de que não responda. Tendo se certificado de que está em segurança, sai na ponta dos pés, pensando até que poderia afinal dar um bom assassino, desce a escada, passa pelos quartos das crianças (vê o filho enroscado com Geoffrey, seu urso favorito) e chega a um pequeno anexo ao lado da cozinha, onde navega em sua habitual sala de bate-papo. É quase meia-noite.

Também aqui as coisas são muito mais fáceis do que com sua cônjuge. Não há necessidade de ficar tentando imaginar se a outra pessoa está a fim; basta clicar no nome e, considerando-se o espaço da web em que estão, presumir que estarão.

Ele tampouco precisa se preocupar, nesse ambiente, em ser normal. Não está ali a versão dele que terá de participar da corrida na escola amanhã, fazer uma palestra no trabalho ou mais tarde ser o anfitrião de um jantar com alguns advogados, um professor de jardim de infância e sua mulher.

Ele não precisa ser legal nem se preocupar com os outros, não precisa nem mesmo pertencer ao próprio gênero. Pode experimentar como seria ser uma lésbica tímida e surpreendentemente convincente de Glasgow, em seus primeiros passos hesitantes em direção a um despertar sexual.

E então, quando acabar, pode desligar o computador e voltar a ser quem tantas outras pessoas — os filhos, a esposa e os colegas — esperam que ele seja.

*De certa perspectiva, pode parecer patético precisar inventar fantasias — em vez de tentar construir uma vida em que sonhar acordado possa se tornar uma realidade confiável. Porém, as fantasias muitas vezes são o melhor que podemos extrair de nossos desejos múltiplos e contraditórios; elas nos permitem habitar nossa realidade sem destruir o outro. Fantasias poupam nossos entes queridos da plena responsabilidade e da assustadora estranheza de nossas compulsões. Não deixa de ser, à sua maneira, uma realização, um símbolo da civilização — e um ato de bondade.*

Os incidentes imaginários no barco pesqueiro e na sala de bate-papo não são uma indicação de que Rabih e Kirsten deixaram de se amar. São sinais de que estão envolvidos na vida um do outro a tal ponto que não se sentem mais internamente livres para fazer amor sem constrangimento ou uma inibidora sensação de responsabilidade.

## *O prestígio de lavar a roupa*

Eles são um casal moderno e, portanto, compartilham tarefas, seguindo um arranjo bastante complexo. Rabih trabalha cinco dias por semana, mas volta para casa cedo nas tardes de sexta-feira para cuidar das crianças, também é responsável por elas nas manhãs de sábado e nas tardes de domingo. Kirsten trabalha às segundas, terças e quartas-feiras até duas da tarde, e nos fins de semana fica com as crianças nas tardes de sábado e nas manhãs de domingo. Ele cuida do banho na sexta-feira e prepara o jantar quatro noites por semana. Ela compra a comida e os artigos domésticos, enquanto ele cuida do lixo, do carro e do jardim.

São pouco mais de sete horas em uma noite de quinta-feira. Desde a manhã, Rabih participou de quatro reuniões, tomou decisões com um fornecedor de telhas em atraso, esclareceu (espera) um equívoco sobre abatimentos fiscais e tentou fazer o novo diretor financeiro se sentir mais integrado, com a ideia de uma conferência com os clientes, o que pode ter importantes consequências para o terceiro trimestre (ou então confundir ainda mais as coisas). Teve que ficar de pé no corredor de um ônibus apinhado durante meia hora na ida e na volta e agora caminha do ponto para casa debaixo de chuva. Está pensando em como será bom finalmente voltar para casa, encher uma taça de vinho, ler para as crianças um capítulo de *Os Cinco*, desejar-lhes boa-noite com um beijo e sentar para uma refeição e um pouco de conversa civilizada com a aliada e amiga que mais se identifica com ele, sua esposa. Está sem o menor gás e inclinado (com certa razão) a cair na autopiedade.

Kirsten, enquanto isso, ficou em casa quase o dia todo. Depois de levar as crianças para a escola (ocorreu uma briga terrível no carro por causa de um estojo), arrumou a mesa do café da manhã, fez as camas, atendeu três telefonemas relacionados ao trabalho (parece que os colegas têm dificuldade de lembrar que ela não está no escritório às quintas e sextas-feiras), limpou dois banheiros, passou aspirador na casa e separou as roupas de verão de todo mundo. Providenciou a vinda de um encanador para dar uma olhada nas torneiras, pegou a roupa na lavanderia e entregou uma cadeira no estofador, marcou um check-up dentário para William, pegou as crianças na escola, preparou e serviu para elas um lanche

(saudável), convenceu-as a fazer o dever de casa, aprontou o jantar, tomou banho e tirou manchas de tinta do chão da sala de estar. Agora, está pensando que será maravilhoso que Rabih finalmente chegue em casa e assuma, para poder encher uma taça de vinho, ler para as crianças um capítulo de *Os Cinco*, desejar-lhes boa-noite com um beijo e sentar para uma refeição e um pouco de conversa civilizada com o aliado e amigo que mais se identifica com ela, seu marido. Está sem o menor gás e inclinada (com certa razão) a cair na autopiedade.

Quando eles enfim se veem sozinhos na cama, lendo, Kirsten não quer causar problemas, mas tem algumas coisas em mente.

— Você vai se lembrar de passar os edredons amanhã? — pergunta, sem tirar os olhos do livro.

O estômago dele se revira. Ele se esforça por ser paciente.

— É sexta-feira — lembra ele. — Achei que talvez você pudesse fazer esse tipo de coisa na sexta-feira.

Agora ela ergue os olhos. O olhar é frio.

— Ah, claro — diz então. — Trabalho doméstico, coisa minha. Esquece. Não devia ter perguntado.

E volta a ler.

Esses episódios de irritação e aspereza podem ser mais exaustivos do que a raiva declarada.

Ele pensa: “Ganho dois terços da nossa renda, talvez até mais, dependendo da maneira como o total é calculado, mas parece que também faço mais do que deveria em todas as outras frentes. Fico me sentindo como se meu trabalho fosse algo que estivesse fazendo só para mim mesmo. Na verdade, ele é pouco satisfatório e sempre estressante. Não se pode esperar que ainda por cima eu cuide dos edredons. Faço minha parte: levei as crianças à nataçãõ no fim de semana passado e acabei de botar a louça na lavadora. Bem lá no fundo, quero ser cuidado e protegido. Estou furioso.”

E ela pensa: “Parece que todo mundo acha que meus dois dias da semana em casa são para ‘relaxar’, e que eu tenho muita sorte de dispor desse tempo. Só que esta família não se manteria cinco minutos sem todas as coisas que eu faço por ela. Tudo é minha responsabilidade. Fico louca para descansar um pouco, mas sempre que tento passar adiante alguma tarefa, parece que estou sendo injusta — e assim, no fim das contas, parece mais fácil ficar na minha. Algo está errado com as luzes de novo, e amanhã vou ter que correr atrás do eletricitista. Bem lá no fundo, quero ser cuidada e protegida. Estou furiosa.”

*A expectativa moderna é de que haja igualdade em tudo que se refere ao casal; o que significa, na verdade, uma igualdade de sofrimento.*



*Contudo, não é nada fácil calibrar a aflição para encontrar a dose justa; o sofrimento é uma experiência subjetiva; e cada parte sempre tem a tentação de desenvolver uma convicção sincera mas competitiva de que, na verdade, sua vida de fato é mais amaldiçoada — de uma maneira que o parceiro ou parceira não se mostra inclinado a reconhecer ou compensar. É necessária uma sabedoria sobre-humana para evitar a conclusão consoladora de que se tem a vida mais difícil.*

Kirsten trabalha tempo suficiente por semana e ganha bastante dinheiro para não se sentir inclinada a mostrar-se grata a Rabih em demasia só porque ele tem um salário um pouco mais alto. Ao mesmo tempo, Rabih assumiu muitas tarefas na gestão da casa e precisa se virar sozinho um bom número de noites, de modo que não se sente inclinado a mostrar-se grato a Kirsten em demasia só porque ela tem mais trabalho com as crianças. Ambos estão envolvidos com uma parte suficiente das tarefas primordiais do outro para não quererem demonstrar uma gratidão tão intensa assim.

*As dificuldades dos pais modernos podem ser em parte atribuídas à maneira como se dá a distribuição do prestígio. Os casais não são assediados apenas por exigências práticas a cada hora: também tendem a considerar essas exigências humilhantes, banais e sem importância; portanto, não se mostram nada inclinados a oferecer compaixão ou reconhecimento um ao outro, ou nem sequer a si mesmos, apenas por suportá-las. A palavra “prestígio” parece absolutamente inadequada quando aplicada à atividade diária de levar as crianças para a escola ou trazê-las de volta, ou à roupa que precisa ser lavada, pois infelizmente fomos treinados a pensar que essa qualidade pertence a outras esferas, como a alta política ou a pesquisa científica, o cinema ou a moda. Em sua essência, contudo, prestígio remete apenas ao que é mais nobre e importante na vida.*

*Aparentemente não nos dispomos a aceitar a possibilidade de que a glória de nossa espécie talvez não esteja apenas no lançamento de satélites, na fundação de empresas e na manufatura de semicondutores milagrosamente finos, mas também na capacidade — ainda que bastante distribuída entre bilhões de pessoas — de levar iogurte a boquinhinhas famintas, encontrar meias que sumiram, limpar vasos sanitários, lidar com má-criações e limpar migalhas da mesa. Também nesses casos são feitos esforços que não merecem condenação, nem ridicularização ou sarcasmo, mas um certo grau de glamour, para serem suportados com maior empatia e resistência.*

Rabih e Kirsten sofrem em certa medida por muito poucas vezes verem seus esforços refletidos de maneira empática na arte que conhecem, o que por sua vez tende a diminuir e ridicularizar de maneira pueril os problemas que enfrentam. Não são capazes de apreciar o próprio valor ao tentar ensinar uma língua estrangeira a uma criança que se contorce em impaciente fúria; ao estar constantemente abotoando casacos e tentando encontrar chapéus; ao sustentar de forma decente uma casa de cinco cômodos; ao controlar e dominar estados de desespero e contribuir para levar adiante todo dia sua modesta mas complicada empreitada doméstica. Jamais serão homenageados em público nem ganharão muito dinheiro; vão morrer na obscuridade e sem as láureas da própria comunidade; no entanto, a boa ordem e a continuidade da civilização depende num grau minúsculo, mas vital, de seu silencioso e ignorado empenho.

Se Rabih e Kirsten pudessem ler um romance em que fossem os personagens principais, quem sabe — se o autor tivesse pelo menos um pouquinho de talento — viessem a passar por um breve mas útil surto de empatia por seu próprio infortúnio, nem tão indigno assim, talvez então aprendendo a dissolver parte da tensão que surge nas noites em que, com as crianças já na cama, vem à tona o tema aparentemente desmoralizante mas, na verdade, muito importante e significativo da roupa a ser passada.

# ADULTÉRIO

## *Conquistador barato*

Rabih é convidado a fazer uma palestra em Berlim sobre espaços públicos em uma conferência a respeito da recuperação urbana. Troca de avião em Londres e folheia uma série de revistas sobre a Alemanha. A Prússia estende-se ampla lá embaixo, sob uma fina cortina de neve de novembro.

O evento ocorre na região leste da cidade, num centro de conferências adjacente a um hotel. Seu quarto, no vigésimo andar, ostenta uma austeridade clínica e branca, com vista para um canal e fileiras de construções. À noite, que chega cedo, ele vê uma central elétrica e uma procissão de postes se estendendo a distância, na direção da fronteira com a Polônia.

No coquetel de boas-vindas no salão de baile, ele não conhece ninguém e finge estar esperando um colega. De volta ao quarto, telefona para casa. As crianças acabaram de tomar banho.

— Eu gosto quanto você viaja — diz Esther. — Mamãe deixou a gente ver um filme e comer pizza.

Rabih observa um monomotor sobrevoando muito alto e em círculos os campos gelados além do estacionamento do hotel. Enquanto Esther fala, William canta ao fundo, deixando bem claro que está pouco ligando para um pai que teve o mau gosto de deixá-lo em casa. Suas vozes parecem de crianças ainda menores ao telefone; os dois nem conseguem imaginar quanto Rabih sente falta deles.

Ele come um sanduíche enquanto assiste a um canal de notícias, segundo o qual uma série de tragédias parece absolutamente uniforme e desinteressante.

Bem cedo na manhã seguinte, ele pratica seu discurso em frente ao espelho do banheiro. O evento em si ocorre às onze horas no salão principal. Rabih defende sua tese com paixão e profundo conhecimento do tema. O trabalho de sua vida é propagandar as virtudes de espaços comuns bem-concebidos e capazes de unir uma comunidade. Algumas pessoas vêm cumprimentá-lo em seguida. No almoço, ele se senta à mesa com representantes de todo o mundo. Já faz algum tempo que não vivencia um ambiente tão cosmopolita. A conversa toma um rumo hostil contra os Estados Unidos. Um paquistanês que trabalha no Qatar critica o

impacto das leis americanas de zoneamento dos raios de viragem; um holandês reclama da indiferença das elites do país pelo bem comum; um representante finlandês compara a dependência de seus cidadãos aos combustíveis fósseis à relação de um viciado com o ópio.

Na extremidade da mesa, uma mulher inclina a cabeça para um lado, com um sorriso irônico e resignado.

— Já sei que não devo defender meu país quando estou no exterior — comenta em certo ponto. — É claro que me sinto tão decepcionada quanto todos vocês, mas ainda assim tenho um profundo sentimento de lealdade aos Estados Unidos, exatamente como teria com uma tia velha, louca e alcoólatra com quem haveria de me solidarizar se ouvisse estranhos falando mal dela pelas costas.

Lauren vive em Los Angeles e trabalha na UCLA, onde estuda os efeitos da imigração no vale de San Bernardino. Tem os cabelos castanhos na altura dos ombros, olhos de um cinza-esverdeado e trinta e um anos. Rabih tenta não olhar para ela muito diretamente. É um tipo de beleza que não pareceria de grande ajuda em suas atuais circunstâncias.

Ainda falta uma hora para o reinício das sessões, e ele decide dar uma caminhada lá fora, num espaço que parece um jardim. O voo de volta é bem cedo na manhã seguinte e haverá um novo projeto à espera em sua mesa quando ele retornar a Edimburgo. O vestido escuro e sob medida de Lauren não era chamativo, mas ele se lembra de cada detalhe. Também se lembra das pulseiras em seu braço esquerdo; foi capaz de distinguir uma tatuagem por baixo, na parte interna do pulso — um lembrete involuntário e melancólico da diferença de idade entre os dois.

No fim da tarde, no corredor dos elevadores, ele está examinando alguns folhetos quando ela passa. Ele sorri sem jeito, já lamentando que nunca virá a conhecê-la, que sua identidade mais profunda (simbolizada pela bolsa de lona vermelha que traz no ombro) será para sempre um mistério, que ele seja capaz de ter apenas uma vida. No entanto, ela anuncia que está com fome e o convida para tomar chá num bar de lambris de madeira ao lado do centro empresarial, no primeiro andar. Foi lá que tomou o café da manhã, acrescenta. Eles se sentam num longo banco de couro junto à lareira. Por trás de Lauren há uma orquídea branca. Ele é que faz a maioria das perguntas, colhendo pedacinhos aqui e ali: sobre seu apartamento em Venice Beach, o emprego anterior em uma universidade no Arizona, a família em Albuquerque, sua admiração pelos filmes de David Lynch, seu envolvimento em trabalhos comunitários, o judaísmo e o exagerado pavor de oficiais alemães, que também se aplica ao duro barman de pescoço largo, personagem rico em possibilidades cômicas que ela batiza de Eichmann. A atenção de Rabih oscila entre os detalhes do que ela está dizendo e o que ela representa. É, ao mesmo

tempo, ela mesma e todas as pessoas que ele admirou, mas sobre quem aprendeu a não demonstrar curiosidade desde o dia de seu casamento.

Os olhos dela se estreitam ao rir, quando olha para o barman.

— “Não dá para transformar vinagre em geleia, *Mein Herr!*” — canta ela, baixinho, enquanto Rabih segura a respiração, maravilhado com o charme da moça.

Ele se sente como se tivesse quinze anos de novo, e ela é Alice Saure.

Chegou a Frankfurt na véspera e pegou o trem, conta; acha os trens europeus ótimos para pensar. Rabih lembra que deve estar na hora do banho em casa. Como seria fácil explodir toda a sua vida simplesmente movendo a mão dez centímetros para a esquerda.

— Fale-me de você — diz ela.

Bem, ele estudou em Londres, depois foi para Edimburgo; está sempre ocupado com o trabalho, embora goste de viajar quando pode; sim, não gosta muito do clima sombrio, mas talvez seja uma boa disciplina não se preocupar demais com o que se passa no céu. A correção se faz com inesperada facilidade. “Que foi que você fez hoje, papai?”, ouve a pergunta dos filhos. Papai fez uma palestra para um monte de gente, depois leu um pouco seu livro e foi dormir cedo, para poder pegar o primeiro avião amanhã de manhã e ver sua menininha querida e seu garoto especial — que podiam muito bem não existir agora.

— Não vou aguentar o jantar dos representantes — diz ela às sete horas, quando Eichmann volta para perguntar se gostariam de um drinque.

Os dois então saem juntos do bar. As mãos dele tremem ao apertar o botão do elevador. Ele pergunta para qual andar ela vai e fica de frente para ela no cubículo de vidro transparente que sobe. Uma névoa se instalou sobre a paisagem.

*Poucas vezes a abordagem direta do sedutor de meia-idade é uma questão de confiança ou arrogância, mas uma espécie de desespero impaciente decorrente da patética consciência da proximidade cada vez maior da morte.*

O quarto dela é quase idêntico ao dele, mas Rabih se surpreende com a diferença de atmosfera. Um vestido vermelho está pendurado na parede, e um catálogo do Neues Museum foi colocado junto à TV; há um laptop aberto na mesa, dois cartões-postais perto do espelho com retratos de Goethe e, na mesa de cabeceira, o celular dela está conectado ao som do hotel. Ela pergunta se ele conhece determinada cantora e acessa o álbum com alguns toques: o arranjo é bem básico, apenas um piano e alguma percussão numa acústica de catedral, até que uma poderosa voz feminina

entra, clara e impressionante, inusitadamente grave, e logo depois aguda e frágil.

— Gosto desse trecho em especial — diz ela, fechando os olhos por um momento.

Rabih fica junto ao pé da cama enquanto a cantora repete uma palavra em oitavas ascendentes, como um grito que vai direto à sua alma. Ele não ouve esse tipo de música desde que as crianças nasceram. Não adianta nada ser transportado assim quando os limites de sua vida exigem firmeza e impassibilidade.

Ele se aproxima de Lauren, toma-lhe o rosto nas mãos e leva seus lábios aos dela. Ela o puxa e volta a fechar os olhos. “Eu te darei tudo...”, canta a voz.

As coisas acontecem da exata forma que ele lembrava, aqueles primeiros momentos com alguém novo. Se Rabih pudesse reunir todas as cenas assim de seu passado e emendá-las, a duração total não passaria de meia hora, mas, sob muitos aspectos, seriam os melhores momentos da vida dele.

É como se lhe tivesse sido dado acesso a uma versão dele próprio que há muito julgava morta.

*Que perigo não representam esses homens comovedoramente inseguros que, incertos do próprio poder de atração, precisam redescobrir a todo momento se são aceitáveis para os outros!*

Ela apaga as luzes. São tantas as diferenças dentro dos mesmos parâmetros básicos: sua língua mais curiosa e impaciente, as costas se inclinando num arco enquanto ele se aproxima da barriga, as pernas mais tensas, as coxas, mais escuras. O que poderia detê-lo agora? A ideia de que tudo isso está errado ficou longe, como uma sirene de alarme tocando em um sono profundo.

Depois, eles ficam deitados, quietos, a respiração aos poucos se acalmando. As cortinas estão abertas, permitindo ver a central elétrica bastante iluminada na bruma.

— Como é a sua vida? — pergunta a moça, sorrindo.

Impossível avaliar o tom de voz dela ou saber como responder. Os desafios dele e de Kirsten são pessoais demais para serem compartilhados, embora agora tenham atraído um novo e mais inocente satélite para sua órbita.

— Ela é... boa.

Rabih vacila. Lauren mantém a expressão indecifrável, mas não pressiona. Ele acaricia seus ombros; um elevador pode ser ouvido descendo, em algum ponto, pelas paredes. Não pode dizer que fica

entediado em casa. Não é que não respeite a mulher, nem mesmo que não a deseje mais; não, a verdade de sua situação é mais peculiar e humilhante. Ele está apaixonado por uma mulher que muitas vezes nem parece precisar de amor; uma lutadora tão capaz e forte que são poucas as oportunidades de cuidar dela; uma pessoa com uma relação problemática com qualquer um que queira ajudá-la, e que, às vezes, parece se sentir melhor quando é decepcionada por aqueles a quem se entregou. Fica parecendo que ele transou com Lauren apenas porque ele e sua mulher têm achado muito difícil trocar um abraço nos últimos tempos — e em algum lugar em seu íntimo, ele está, injustamente, magoado e furioso com esse fato.

*É raro que alguém tenha um caso por indiferença pelo cônjuge. Em geral, é preciso gostar muito do parceiro para se dar ao trabalho de traí-lo.*

— Acho que você gostaria dela — acrescenta ele, por fim.

— Com certeza — responde ela, agora com um ar travesso.

Eles pedem o serviço de quarto. Ela quer massa com molho de limão e um pouco de queijo parmesão ralado à parte; parece habituada a explicar essas exigências com precisão a pessoas que tratarão de atendê-la. Rabih, que fica intimidado com facilidade em contextos de serviço, admira sua segurança. O telefone toca, e ela recebe uma ligação de um colega de Los Angeles, onde ainda é fim da manhã.

Talvez mais do que o sexo em si, é a intimidade que o ato possibilita que o atrai. Não deixa de ser uma peculiaridade da época que a maneira mais fácil de começar uma amizade com alguém em geral seja pedir que se dispa.

Eles se mostram educados e afetuosos. Nenhum corre o menor risco de criar problema para o outro. Ambos podem parecer competentes, generosos, dignos de crédito e confiança, como costumam ser os estranhos. Ela acha graça de suas piadas. O sotaque dele é meio irresistível, diz. Rabih se sente um pouco solitário ao se dar conta de como é fácil alguém que não tem a menor ideia de quem ele é gostar dele.

Os dois ficam conversando até meia-noite, até que adormecem, castos, em lados opostos da cama. Pela manhã, vão juntos para o aeroporto e tomam um café na área de check-in.

— Mantenha contato, na medida do possível. — Ela sorri. — Você é dos bons.

Eles se abraçam, expressando o puro carinho que só está ao alcance de duas pessoas que não têm nenhuma outra intenção em relação à outra. No caso deles, a falta de tempo é um privilégio. Sob sua égide, cada um deles poderá continuar sendo para sempre impressionante aos olhos do outro.



Rabih sente lágrimas assomando e tenta se recompor olhando para uma propaganda de relógio com um piloto de caça. Com a perspectiva de um oceano e um continente entre os dois, ele está livre para soltar todas as suas aspirações de proximidade. Ambos podem sentir a dor de um anseio de intimidade e estar protegidos de qualquer uma de suas consequências. Jamais vão precisar ter ressentimentos; podem continuar gostando um do outro como só podem aqueles que não têm futuro.

Ele chega em casa no início da tarde de sábado. Para sua surpresa, o mundo aparentemente segue sem qualquer mudança. Ninguém fica olhando fixo para ele no aeroporto ou no ônibus. Edimburgo está intacta. A chave da porta da frente ainda funciona. Kirsten está no escritório ajudando William com o dever de casa. Essa mulher realizada e inteligente, formada com louvor na Universidade de Aberdeen, membro da filial escocesa da Instituição Real de Inspetores Autorizados e que diariamente lida com orçamentos de milhões, recebeu de um menino de sete anos e meio a ordem de sentar no chão; ele exerce autoridade inequívoca sobre ela e, no momento, pede-lhe com impaciência para colorir alguns arqueiros de sua versão da batalha de Flodden Field.

Rabih trouxe presentes para todo mundo (comprados no *duty-free* antes de passar pelo controle de passaportes). Diz a Kirsten que agora pode cuidar das crianças, preparar o jantar e cuidar do banho; ela com certeza deve estar exausta. A consciência culpada é um ótimo estímulo para se mostrar um pouco mais bonzinho.

Rabih e Kirsten vão para a cama cedo. Há séculos ela vem sendo seu principal provedor de notícias, sejam triviais ou graves. Como parece estranho, então, que ele possua uma informação ao mesmo tempo tão importante e tão profundamente contra os habituais princípios de revelação.

Seria quase natural começar explicando como foi curioso ele e Lauren se encontrarem por acaso perto dos elevadores — já que, naquele momento, ele deveria estar numa palestra —, e como Rabih achou comovente que, depois de fazerem amor, ela contasse cheia de hesitação sobre a doença e a morte de uma avó a quem fora muito apegada na infância. Adotando o mesmo tom fluente e digressivo que assumem ao comentar a psicologia de pessoas que encontram em uma festa ou o enredo de um filme que viram juntos, eles poderiam analisar como foi comovente e triste para Rabih se despedir de Lauren no aeroporto de Tegel, em Berlim, e como foi emocionante e “meio” assustador receber uma mensagem de texto ao aterrissar. Não poderia haver ninguém mais

qualificado para compartilhar esses temas do que sua perceptiva, curiosa, divertida e observadora parceira de exploração da vida.

E por isso dá um certo trabalho ficar se lembrando de que ele está muito perto de provocar uma tragédia. Parece que Esther está com tudo programado para ir na manhã seguinte a uma pista de esqui *indoor*. É onde a história de ambos poderia chegar a um fim decisivo, dando início à loucura e ao caos. Eles vão ter que sair de casa às nove horas para chegar lá às quinze para as dez. Rabih sabe que seria necessária apenas uma frase para dar fim a tudo o que está resolvido e coerente em sua vida: seu cérebro contém uma informação de apenas seis palavras, ou próximo disso, capaz de explodir a casa pelos ares. Sua filha vai precisar das luvas, que estão na caixa “roupas de inverno” do sótão. Ele fica impressionado com a capacidade da mente de não deixar vaziar a mais ínfima indicação da dinamite que contém. Ainda assim, fica tentado a verificar no espelho do banheiro se não está escapando nada dele.

Rabih sabe — pois a ideia lhe foi incutida desde cedo pela sociedade — que o que fez é errado. Muito errado mesmo. Na linguagem dos tabloides, ele é um crápula, um galanteador barato, um trapaceiro e um traidor. Porém, ao mesmo tempo, ele também registra que a natureza exata do mal que cometeu, na verdade, não está cem por cento clara para ele. De fato, está um pouco preocupado, mas por motivos de cautela, secundários — ou seja, porque quer que o dia de amanhã transcorra bem, assim como os dias e os anos subsequentes. Bem lá no fundo, contudo, não consegue acreditar que o que aconteceu no quarto de hotel em Berlim seja realmente ruim. Seria esta, pergunta-se, a eterna desculpa do galanteador barato?

*Pela visão do romantismo, simplesmente não pode haver maior traição. Mesmo para os que se dispõem a aprovar quase todos os tipos de comportamento, o adultério continua sendo a única transgressão sísmica, chocante em sua violação de uma série dos mais sagrados pressupostos do amor.*

*O primeiro deles é que uma pessoa não pode afirmar que ama alguém — e, por consequência, valorizar o mínimo que seja a vida em comum — e dar uma escapulida para transar com outra. No caso de ocorrer um desastre assim, a única opção é que, desde o início, não havia amor algum.*

Kirsten adormeceu. Ele afasta uma mecha de cabelo de sua testa. Recorda como os ouvidos e a barriga de Lauren reagiam de maneira muito diferente, mesmo por baixo do vestido. Quando estavam no bar, parecia que algo aconteceria entre eles, o que se tornou uma certeza assim que ela

perguntou se ele ia com frequência a esse tipo de conferência, e ele respondeu que aquela já parecia bastante incomum, e ela sorriu com carinho. A sinceridade dela era o elemento principal de seu encanto. “Muito bom”, voltou-se ela para dizer quando estavam na cama, como se estivesse experimentando um prato desconhecido num restaurante. Mas a mente tem muitas câmaras e uma ofuscante capacidade de construir paredes corta-fogo. Em uma outra zona, em outra galáxia completamente diferente, permanece intocado o amor que ele sente pela maneira como Kirsten conta piadas grosseiras nas festas, o incrível manancial de poemas que traz na cabeça (Coleridge e Burns), seu hábito de combinar saias e collants pretos com tênis, seu talento para desentupir pias e seu conhecimento do que pode estar acontecendo embaixo do capô de um carro (o tipo de coisa em que as mulheres abandonadas cedem pelo pai parecem ser muito boas). Ele não trocaria por nenhuma outra pessoa no mundo o jantar com sua mulher, que também é sua melhor amiga. O que de modo algum o impediu de correr o risco de acabar com a vida dela.

*Um segundo pressuposto: o adultério não é apenas um velho tipo de deslealdade. Uma transgressão que envolve nudez é de caráter fundamentalmente diferente, diz o mundo; trata-se de uma traição de natureza catastrófica e incomparável. Sair por aí transando não é apenas errado, mas a pior coisa que alguém pode fazer a uma pessoa que declare amar.*

É óbvio que aquilo não é o que Kirsten McLelland se propôs, muitos anos atrás, naquela sala rosa-salmão do cartório em Inverness. Por outro lado também ocorreram ao longo do casamento certas coisas que Rabih Khan tampouco esperava, entre elas a forte objeção da mulher ao seu desejo de retomar a arquitetura, basicamente porque não tolerava que a renda familiar fosse reduzida nem sequer por alguns meses; a maneira como o isolou de muitos amigos porque os achava “chatos”; sua mania de fazer piadas com os gastos dele quando estavam acompanhados; a culpa que ele tem de suportar quando as coisas dão errado no trabalho dela e a exaustiva ansiedade que ela mostra sobre cada aspecto da educação dos filhos... São as histórias que ele contou a si mesmo, linhas de raciocínio mais simples do que se perguntar se *ele próprio* não teria ficado estagnado na carreira ou se os amigos de fato não seriam tão interessantes quanto pareciam quando ele tinha vinte e dois anos.

Ainda assim, Rabih se pergunta se aquela meia hora deveria inverter o cálculo moral contra ele assim de forma tão conclusiva, se seria em si mesma o fator a condená-lo ao fogo dos infernos. Embora talvez careçam do mesmo poder de provocar indignação de imediato, há traições de

natureza tão danosa quanto a dele (ainda que menos visível) nos atos dela de não ouvir, não perdoar, culpar injustamente, em seu distraído desdém e seus surtos de indiferença. Ele não quer fazer nenhuma contabilidade, mas não tem muita certeza de que por esse único ato, ainda que ele admita como ofensivo, deva ser tão fácil e definitivamente considerado o único vilão da história.

*Um terceiro pressuposto: o compromisso com a monogamia é uma admirável consequência do amor, decorrendo de uma profunda generosidade e de um interesse íntimo pelo bem-estar e o florescimento do outro. A aposta na monogamia é uma indicação segura de que um parceiro traz no coração os interesses mais sinceros do outro.*

Na nova maneira de pensar de Rabih, não há *nada* de generoso ou afetuoso em insistir que um cônjuge volte sozinho para o quarto para assistir à CNN e comer mais um sanduíche sentado na beira da cama, quando talvez lhe restem apenas algumas décadas de vida no planeta, um físico cada vez mais desmazelado, um histórico na melhor das hipóteses intermitente com o sexo oposto e bem à sua frente uma jovem da Califórnia interessada em tirar a roupa em sua homenagem.

Se o seu amor é uma genuína preocupação com o bem-estar de outra pessoa, com certeza será compatível com a permissão para que um marido tantas vezes maltratado e assustado desça do elevador no décimo oitavo andar para desfrutar de dez minutos de uma rejuvenescedora troca de saliva com uma quase estranha. Caso contrário, talvez fique parecendo que não estamos lidando realmente com amor, em absoluto, mas com uma espécie de posse mesquinha e hipócrita, um desejo de fazer o parceiro feliz se essa felicidade envolver apenas a nós mesmos.

Já passa de meia-noite, mas Rabih mal entrou em sua zona de conforto, sabendo que pode haver objeções, e consegue contorná-las com agilidade, e, no processo, fica cada vez mais presunçoso.

*Um quarto pressuposto: a monogamia é o estado natural do amor. Uma pessoa equilibrada só pode querer amar uma outra pessoa. A monogamia é o carro-chefe em matéria de saúde emocional.*

Não haveria, pergunta-se Rabih, um idealismo infantil em nosso desejo de encontrar tudo em um outro ser? Alguém que seja ao mesmo tempo melhor amigo, amante, genitor, motorista e parceiro de negócios? Que clara receita de decepção e ressentimento nesse conceito, no qual se

baseiam milhões de casamentos que, de outra forma, poderiam ser considerados perfeitamente bons!

O que poderia ser mais natural do que sentir um desejo eventual por outra pessoa? Como se pode esperar que alguém cresça em círculos hedonistas e liberais, experimente o suor e a excitação das boates e dos parques no verão, ouça música cheia de anseios e luxúria para então, logo depois de assinar um pedaço de papel, abrir mão de qualquer outro interesse sexual, não em nome de determinado deus ou de um mandamento elevado, mas apenas pela suposição nunca questionada de que deve ser muito errado? Não haveria, pelo contrário, algo desumano e mesmo “errado” no fato de *não* ser tentado, de não se dar conta do pouco tempo de que todos nós dispomos e, portanto, da urgente curiosidade com que deveríamos querer explorar a individualidade única e carnal de mais de um de nossos contemporâneos? Moralizar contra o adultério é negar a legitimidade de uma série de altos pontos sensoriais — Rabih pensa nas omoplatas de Lauren — que, à sua maneira, são tão dignos de reverência quanto atrativos mais aceitáveis, como os últimos momentos de “Hey Jude” ou os tetos do Palácio de Alhambra. A rejeição das possibilidades adúlteras não seria uma infidelidade em relação à riqueza da própria vida? Para virar a equação de ponta-cabeça: seria racional confiar em alguém que, em determinadas circunstâncias, *não* ficasse de fato muito interessado em ser infiel?

## Contras

De início, as mensagens de texto são bastante civilizadas. Foi tudo bem na volta? E o *jet lag*? Alguns temas profissionais também vêm à tona: ele recebeu o boletim da conferência? Ela conhece o trabalho do urbanista Jan Gehl?

Até que certa noite, às onze horas, ele sente o celular vibrando e vai para o banheiro. De Los Angeles, ela escreve que, para dizer a verdade, está sendo difícil esquecer a pica dele.

Rabih apaga a mensagem na mesma hora, retira o cartão SIM do telefone e o esconde na bolsa, enfia o celular debaixo da roupa de ginástica e volta para a cama. Kirsten estende os braços para ele. No dia seguinte, depois de inserir o chip outra vez, ele responde à mensagem de Lauren no armário da lavanderia, debaixo da escada: “Obrigado por uma extraordinária, maravilhosa e generosa noite. Jamais vou me arrepender dela. Estou pensando na sua vagina.” Sabe-se lá por quê, ele apaga a última frase antes de enviar.

Quanto a nunca se arrepender, na realidade, cercado de toalhas secando, já começa a parecer bem mais complicado.

No sábado seguinte, numa loja de brinquedos no centro da cidade, na qual entrou com William para comprar um barquinho, chega um e-mail com anexo. Do lado de uma prateleira cheia de pequenos veleiros, ele lê: “Adoro o seu nome, Rabih Khan. Toda vez que o digo alto para mim mesma, de certa forma me satisfaz. Só que também me deixa triste, pois me lembra de como perdi tempo com homens que não têm a sua natureza autêntica e apaixonada, e que não foram capazes de entender as minhas partes que eu preciso que sejam entendidas. Espero que goste da minha foto em anexo, com os meus Oxfords e meias favoritos. É o meu eu verdadeiro, e fico emocionada de saber que você o conheceu e pode voltar a vê-lo logo.”

William puxa a jaqueta do pai. A voz é de total desânimo: o barquinho no qual não para de pensar há um mês custa muito mais do que esperava. Rabih sente que empalideceu. Na selfie, ela está de pé no banheiro, em frente a um espelho de corpo inteiro, com a cabeça inclinada, usando

apenas sapatos de laços e um par de meias pretas e amarelas até os joelhos. Ele diz a William que vai lhe comprar um porta-aviões de brinquedo.

A mensagem fica sem resposta pelo resto do fim de semana. Ele não tem tempo nem oportunidade de voltar a ela até a noite de segunda-feira, quando Kirsten vai para o clube de leitura.

Ao abrir o e-mail para responder, ele constata que Lauren chegou primeiro: “Sei que sua situação é difícil e eu jamais seria capaz de fazer nada que o colocasse em risco — mas é que estava me sentindo tão vulnerável e tola naquela noite. Não costumo mandar fotos minhas nua a homens que mal conheço. Fiquei um pouco magoada com a ausência de uma resposta. Desculpe se estou dizendo isso; sei que não tenho direito. Mas é que não paro de pensar no seu rosto bom e afável. Você é um homem bom, Rabih — ninguém jamais poderá dizer o contrário. Gosto mais de você do que deveria. Quero você dentro de mim agora.”

Para o homem de rosto afável, as coisas estão ficando cada vez mais complicadas.

Talvez não por coincidência, Rabih se torna cada vez mais consciente da generosidade da mulher. Percebe o cuidado que tem com quase tudo o que faz. Toda noite ela passa horas ajudando as crianças com o dever de casa; lembra-se de suas provas de ortografia, ensaia com elas falas da peça escolar e costura remendos em suas calças. Está ajudando um órfão com deformação labial no Malawi. Surge uma afta na parte interna da bochecha de Rabih e, sem que ele peça nada, sua mulher compra um gel curativo e vai entregar-lhe no trabalho. Está se saindo muito bem em demonstrar como é muito mais legal do que ele, e por conta disso Rabih se sente ao mesmo tempo extremamente grato e, num outro nível, profundamente furioso.

A generosidade de Kirsten parece evidenciar o alcance da inadequação dele, tornando-se menos tolerável a cada dia que passa. O comportamento de Rabih piora. Ele a repreende na presença das crianças. Faz corpo mole para cuidar do lixo e da roupa de cama. Gostaria que ela se mostrasse um pouco má com ele, para que a opinião dela a seu respeito ficasse um pouco mais alinhada com a própria autoestima baixa.

Certa noite, bem tarde, quando já estão na cama e Kirsten relata algo a respeito da revisão anual do carro, seu incômodo chega ao auge.

— Ah, e eu mandei alinhar os pneus... Parece que isso tem que ser feito de seis em seis meses — diz ela, sem sequer erguer os olhos do que estava lendo.

— Kirsten, por que sempre se preocupa com isso?

— É que pode ser importante mesmo. Pode ser perigoso, o mecânico disse.

— Você é assustadora, sabia?

— “Assustadora”?



— Esse seu jeito tão... tão *organizado*, de *planejadora*, tão certinha em tudo.

— “Certinha”?

— Tudo aqui é muito lógico, racional, organizado, policiado, como se tivesse uma agenda toda programada até o momento da nossa morte.

— Não estou entendendo — responde Kirsten. Sua expressão é de total perplexidade. — Policiado? Eu mandei consertar o carro e de repente sou uma vilã de uma narrativa antiburguesa?

— Ok, você tem razão. Sempre tem razão. Só fico me perguntando como é que você é tão capaz de me fazer sentir que eu sou o maluco, o terrível. Só sei dizer que está tudo muito bem organizadinho aqui.

— Achei que você gostasse das coisas em ordem.

— Eu também achava.

— “Achava”, no passado?

— Pode começar a parecer uma coisa morta. E até um tédio.

Ele não consegue se conter. Está com vontade de dizer as piores coisas, tentar destruir a relação, para ver se é real e merece confiança.

— Você está sendo bastante indelicado. E eu não acho que haja nada tedioso por aqui. Até que gostaria.

— Mas é. *Eu* me tornei tedioso. E você também, caso não tenha notado.

Kirsten olha fixo para a frente, os olhos mais arregalados que de hábito. Levanta-se da cama com silenciosa dignidade, o dedo ainda no livro que estava lendo, e sai do quarto. Ele a ouve descer a escada e se fechar na sala de estar.

— Por que você precisa ser tão boa em fazer eu me sentir culpado com tudo que faço? — grita para ela. — *A porra* da Santa Kirsten...

E bate o pé no chão com força suficiente para acordar a filha por um breve momento no quarto abaixo.

Vinte minutos de ponderação depois, ele vai ao encontro dela lá embaixo. Kirsten está sentada na poltrona, junto ao abajur, com um cobertor nos ombros. Não ergue os olhos quando ele entra. Rabih senta-se no sofá e apoia a cabeça nas mãos. Na cozinha ao lado, a geladeira emite um tremor audível no momento em que o termostato aciona o motor.

— Você acha mesmo que tudo isso é muito divertido para mim, né? — pergunta ela, afinal, ainda sem olhar para ele. — Jogar fora o melhor da minha carreira para cuidar o tempo todo de duas crianças exaustivas, enlouquecedoras e lindas, e de um marido, puxa, olha que interessante, à-beira-de-um-ataque-de-nervos? Acha que foi com isso que sonhei aos quinze anos, quando lia o maldito *A mulher eunuco*, de Germaine Greer? Sabe quanta porcaria precisa ser enfiada na minha cabeça todo dia, durante a semana, para essa casa funcionar? Enquanto isso, você só consegue alimentar um misterioso ressentimento por eu tê-lo

supostamente impedido de alcançar seu pleno potencial como arquiteto, quando a verdade é que se preocupa muito mais com dinheiro que eu, só que acha útil me culpar pela sua covardia. Pois é sempre muito mais fácil quando a culpa é *minha*. Só lhe peço uma coisa, só uma: que me trate com respeito. Não estou nem aí para seus sonhos imaginativos ou o que pode estar fazendo quando sai por aí, mas *não vou tolerar* que me trate mal. Você acha que é o único que fica entediado com tudo isso de vez em quando? Pois vou lhe dizer, eu também não fico entusiasmada o tempo todo. Caso não tenha lhe ocorrido, há momentos em que também me sinto meio insatisfeita, e com certeza não quero que *você* fique *me* policiando, exatamente como não quer que eu faça com você.

Rabih olha para ela, surpreso com o fim da sua fala.

— “Policiando”? Sério? — pergunta. — Palavra bem estranha.

— Foi você que usou primeiro.

— Não usei.

— Usou sim, no quarto, você falou que tudo aqui era lógico e policiado.

— Tenho certeza de que não usei. — Rabih faz uma pausa. — Você fez alguma coisa que eu deveria estar policiando?

O batimento cardíaco do relacionamento dos dois, que não parava desde aquela tarde no Jardim Botânico, parece fazer uma pausa.

— Sim, estou fodendo com todos os caras do trabalho, todos mesmo. Que bom que você finalmente perguntou, achei que nunca ia perguntar. Pelo menos eles sabem ser educados comigo.

— Você *está* tendo um caso?

— Não seja ridículo. Às vezes, eu *almoço* com eles.

— Todos ao mesmo tempo?

— Não, inspetor, prefiro um de cada vez.

Rabih *está* desmoronado na mesa, coberta de cadernos e livros das crianças. Kirsten caminha na despensa, na qual *está* pendurada uma foto dos quatro em umas férias memoráveis e agradáveis na Normandia.

— Com quais você *almoça*?

— Qual a importância disso? Tudo bem: Ben McGuire, por exemplo, em Dundee. Ele é calmo, gosta de caminhar, aparentemente não acha que seja um defeito tão terrível eu ser “certinha”. De qualquer maneira, para voltar ao que interessa, como posso deixar mais claro? Ser uma pessoa boa não é tedioso; é uma incrível conquista, algo que noventa e nove por cento da humanidade não consegue no dia a dia. Se ser “legal” é um tédio, então eu adoro tédio. Quero que você nunca mais grite comigo na frente das crianças como fez ontem. Não suporto homens que gritam. Não tem nada de bonito nisso tudo. Achava que sua grande qualidade era não gritar.

Kirsten se levanta para pegar um copo d’água.

Ben McGuire. O nome soa como um alarme. Ela já o havia mencionado antes. Foi a Dundee passar a tarde certa vez — quando foi mesmo? Há três meses, talvez? Disse que era uma espécie de reunião informal do pessoal da prefeitura. Como ousa esse tal de McGuire convidar sua mulher para almoçar? Ele perdeu completamente o juízo? Sem sequer pedir permissão a Rabih, que com certeza não a daria?

Ele começa a inquiri-la na mesma hora:

— Kirsten, você fez alguma coisa com Ben McGuire, ou ele deu a entender de alguma forma que gostaria de fazer alguma coisa a você, ou deveria dizer *com* você?

— Não assumo esse tom estranho e distante de advogado comigo, Rabih. Você acha que eu estaria falando assim se tivesse algo a esconder? Só porque alguém me acha atraente, não significa que sou do tipo narcisista que se sente imediatamente obrigada a ficar nua. Porém, se alguém de fato me acha incrível e nota que cortei o cabelo ou admira o que eu estou vestindo, também não vou reclamar. Pode parecer estranho, mas eu não sou virgem. Pode procurar saber, e verá que muito poucas mulheres da minha idade são virgens hoje em dia. Provavelmente está até na hora de aceitar o fato de que sua mãe não era a Madona que continua sendo na sua imaginação. O que acha que ela fazia à noite quando viajava pelo mundo, que ficava lendo trechos selecionados da Bíblia? O que quer que fosse, espero que fosse maravilhoso e que seus amantes a adorassem, e que bom que ela teve a decência de nunca envolvê-lo em nada disso. Que Deus a tenha. Só que isso lhe deu, sem querer, uma visão bem distorcida das mulheres. Sim, as mulheres realmente têm necessidades próprias, e, às vezes, mesmo amando o marido e sendo boas mães, gostariam que um desconhecido as notasse e as desejasse loucamente. O que não significa que também não serão a própria imagem do cuidado e da sensibilidade a cada dia, preocupadas em botar um lanche saudável na lancheira dos filhos. Às vezes você parece achar que é o único aqui com vida íntima. Só que todos esses seus sentimentos tão sutis são, no fim das contas, perfeitamente normais, não têm nada de genial. Casamento é isso, e foi com isso que nos comprometemos, nós dois, pelo resto da vida, de olhos perfeitamente abertos. Pretendo manter-me leal a isso, tanto quanto puder, e espero que você também.

Dito isso, ela se cala. Na bancada junto a ela há um pacote grande de farinha, trazido da despensa para o bolo que Kirsten pretende fazer com as crianças no dia seguinte. Ela o contempla por um momento.

— E quanto à sua queixa de que nunca faço nada transgressor...

Antes que ele diga uma palavra, o pacote voa pela sala, batendo na parede com tanta veemência que explode numa nuvem branca, e leva um tempo surpreendentemente longo para cair na mesa de jantar e nas cadeiras.

— Seu estúpido, pernicioso, inadequado! Está bom para você como loucura? Talvez enquanto estiver limpando tenha tempo para se lembrar de como as tarefas domésticas podem ser divertidas. E, por favor, nunca mais, *nunca mesmo*, me chame de entediante de novo!

Ela sobe, e Rabih se ajoelha com a escova de limpeza e a pá de lixo. Há farinha por todo lado: ele precisa lançar mão de um rolo inteiro de papel toalha umedecido para tirar o grosso do tampo da mesa, das cadeiras e das fendas dos azulejos, e, ainda assim, sabe que restos desse acontecimento ainda estarão visíveis por várias semanas. Enquanto faz a limpeza, também recorda, de um jeito que não fazia há tempos, que teve bons motivos para se casar com essa mulher.

Por isso, parece muito doloroso pensar que pode tê-la perdido para um colega inspetor da prefeitura de Dundee — e, o que é pior, exatamente quando ele está de calças curtas e sem autoridade moral. Claro que sabe que está sendo ridículo, mas ainda assim os pensamentos não param. Há quanto tempo vem acontecendo esse adultério? Quantas vezes se encontraram? Onde se encontram? No carro? Ele vai ter que checar muito bem de manhã. Sente náuseas. Kirsten é por temperamento tão misteriosa e discreta que pode perfeitamente estar levando uma segunda vida, pensa, sem que ele nem desconfie. Rabih nem saberia como interceptar seus e-mails ou grampear o telefone. Será que faz mesmo parte de um clube de leitura? No mês passado, quando disse que ia visitar a mãe, será que não passou um fim de semana com o amante? E o “café” que às vezes vai tomar no sábado? Talvez ele possa colocar um rastreador no casaco dela. Sente-se ao mesmo tempo absolutamente indignado e totalmente aterrorizado. Está prestes a ser abandonado pela mulher, ou então ela pretende ficar e passará a tratá-lo com raiva e frieza pelo resto da vida. Ele sente tanta falta da vida que levavam, quando só conheciam (convence-se ele) calma, lealdade e estabilidade. Quer se aconchegar nos braços dela como um bebê e fazer o relógio voltar atrás. Achou que teriam uma noite tranquila, e agora tudo chegou ao fim.

*Ser maduro, segundo nos dizem, é ir além da possessividade. Ciúme é para bebês. A pessoa madura sabe que ninguém é dono de ninguém. É o que as pessoas sábias nos ensinam desde nossos primeiros dias: deixe o Jack brincar com o seu caminhão de bombeiros, não vai deixar de ser seu se ele brincar um pouco. Pare de se atirar no chão e de socar enfurecido o tapete com seus pequenos punhos. Sua irmãzinha pode ser a queridinha do papai. Mas você também é o amor do papai. O amor não é como um bolo, quando a gente dá amor a uma pessoa, não significa que haja menos para os outros. O amor está sempre aumentando toda vez que chega um novo bebê à família.*

*Depois, o argumento faz ainda mais sentido nas questões do sexo. Por que pensar mal de um parceiro só porque ele se afastou durante uma hora para esfregar determinada área do corpo na de um estranho? Afinal, você não ficaria furioso se ele jogasse xadrez com uma pessoa que você não conhece ou entrasse para um grupo de meditação cujos membros conversassem de maneira íntima e à luz de velas acerca de suas vidas, não é mesmo?*

Rabih não consegue parar de fazer certas perguntas: onde Kirsten estava na noite da última quinta-feira quando ele lhe telefonou e ela não atendeu? Quem pretende impressionar com seus novos sapatos pretos? Por que, quando ele digita “Ben McGuire” na busca do laptop dela (que ligou às escondidas no banheiro), só encontra tediosos e-mails de trabalho entre os dois? Onde e de que outras maneiras eles se comunicam? Será que criaram contas secretas de e-mail? Seria no Skype? Ou em algum novo serviço codificado? E a mais importante e estúpida de todas as perguntas: como ele deve ser na cama?

*A estupidez do ciúme o torna um alvo tentador para quem está a fim de moralizar. Contudo, essas pessoas deviam poupar sua saliva. Por menos edificantes e mais tolos que sejam, os ataques de ciúme não podem ser evitados: devemos aceitar que simplesmente não somos capazes de manter a sanidade ao saber que a pessoa que amamos e com a qual contamos tocou os lábios ou mesmo apenas a mão de mais alguém. Claro que não faz sentido — e vai de encontro aos pensamentos muitas vezes sóbrios e leais que acaso tivemos quando um dia traímos alguém no passado. No entanto, não estamos nada receptivos à razão. Ser sábio é reconhecer quando a sabedoria simplesmente não é uma opção.*

Ele se esforça para acalmar a respiração. Pode parecer que está furioso, mas, no fundo, está apenas aterrorizado. Experimenta uma técnica sobre a qual leu certa vez numa revista: “Vamos imaginar o que Kirsten, se *de fato* teve algumas experiências com Ben, podia estar pensando no momento. O que eu tinha em mente quando estive com Lauren? *Eu* queria abandonar Kirsten? Claro que não. É possível, portanto, que quando saiu com Ben, ela tampouco queria fugir. Provavelmente apenas se sentia ignorada e vulnerável e procurava uma afirmação da própria sexualidade — coisa que ela me disse que precisa e que eu também preciso. O que quer que tenha feito, quase com certeza não foi pior do que o que aconteceu em Berlim, que por sua vez não era de fato assim tão errado. Perdoá-la seria aceitar alguns dos mesmíssimos impulsos que eu já tive, e ver que não eram mais

inimigos do nosso casamento e do nosso amor por não serem meus, e sim dela.”

Parece bem lógico e magnânimo. Mas não faz a menor diferença. Ele começa a aprender sobre “ser bom”, mas não do jeito normal, através de outra pessoa, ouvindo um sermão ou seguindo, comportado, hábitos sociais por falta de escolha ou um passivo e obediente respeito à tradição. Está se tornando uma pessoa um pouco mais legal da forma mais autêntica e eficaz possível: tendo uma oportunidade de explorar de dentro da situação as consequências de longo prazo de seu mau comportamento.

*Enquanto éramos beneficiários inconscientes da lealdade de outras pessoas, o sangue-frio em relação ao adultério era fácil. O fato de nunca ter sido traído não cria boas condições para permanecer fiel. Para nos tornarmos pessoas autenticamente mais leais, precisamos sofrer em episódios que sirvam para nos inocular, nos quais nos sintamos por algum tempo em grande pânico, violados e à beira de um colapso. Só então a ordem de não trair nossos cônjuges deixará de ser um clichê banal para se tornar um imperativo moral para sempre vívido.*

## *Desejos irreconciliáveis*

Rabih anseia, antes de mais nada, por segurança. As noites de domingo no inverno, por algum motivo, muitas vezes dão uma sensação particularmente aconchegante, com os quatro sentados ao redor da mesa comendo a massa preparada por Kirsten, William dando risinhos, Esther cantando. Está escuro lá fora. Rabih come seu pão de centeio alemão favorito. Depois, jogam Banco Imobiliário, fazem guerra de travesseiros e chega a hora do banho, de uma história e de as crianças irem para a cama. Kirsten e Rabih também vão para o quarto assistir a um filme; e dão as mãos por baixo do edredom, exatamente como faziam no início, embora agora o resto se limite a um selinho quase constrangido nos créditos finais, e dez minutos depois, os dois já estão dormindo, seguros e protegidos.

Contudo, ele também anseia por aventura. Seis e meia naquelas raras e perfeitas tardes de verão em Edimburgo, quando as ruas cheiram a diesel, café, fritura, asfalto quente e sexo. As calçadas estão tomadas por pessoas com vestidos de algodão estampados e jeans largos. Todo mundo que tem juízo está voltando para casa; mas para os que ficam, a noite promete calor, intriga e travessuras. Uma jovem num top apertado passa por perto (talvez uma estudante ou turista) e manda o mais breve sorriso conspiratório, e num segundo tudo parece possível. Nas horas seguintes, as pessoas vão entrar em bares e boates, gritar para serem ouvidas em meio ao bate-estaca e, agitadas pelo álcool e pela adrenalina, acabar enlaçadas a estranhos no escuro. Rabih é esperado em casa em quinze minutos para dar banho nas crianças.

*Nossa vida romântica está fadada a ser triste e incompleta, pois somos criaturas movidas por dois desejos essenciais que apontam em direções completamente opostas. Entretanto, o pior é nossa utópica recusa em permitir essa divergência, nossa ingênua esperança de encontrar, de algum jeito, uma sincronização sem custo: de que o libertino possa viver pela aventura, ao mesmo tempo evitando a solidão e o caos. Ou que o romântico casado possa associar sexo e ternura, paixão e rotina.*

Lauren manda uma mensagem de texto para Rabih perguntando se em algum momento podem conversar on-line. Ela gostaria de ouvi-lo e o ideal seria vê-lo de novo: as palavras não bastam.

Passam-se dez dias até que Kirsten finalmente tenha algo planejado para tirá-la de casa à noite. As crianças o mantêm ocupado quase até a hora combinada, e então, por causa do sinal fraco do Wi-Fi, ele fica preso à cozinha durante toda a ligação. Já verificou mais de uma vez que nem Esther nem William precisam de um copo d'água, mas ainda assim vira-se para a porta de tempos em tempos, só para garantir.

Nunca usou o Facetime antes e leva algum tempo para ajeitar tudo. De maneiras diferentes, duas mulheres agora confiam nele. Alguns minutos e três senhas depois, Lauren de repente aparece, como se estivesse esperando dentro do computador o tempo todo.

— Estou com saudade — ela logo diz.

Faz uma manhã ensolarada no sul da Califórnia. Ela está sentada na cozinha americana, usando uma blusa bem casual de listras azuis. Acabou de lavar o cabelo. Seus olhos estão alegres e vívidos.

— Eu fiz café, quer um pouco? — pergunta.

— Claro, e uma torrada.

— Você gosta com manteiga, né? É pra já.

A tela treme por um momento. É assim que os casos de amor vão transcorrer quando tivermos colonizado Marte, pensa ele.

*As paixões não são ilusões. Esse jeito que têm de manter a calma de fato pode indicar uma pessoa confiante, irônica e sensível; podem mesmo ter o humor e a inteligência sugerida por seus olhos e a ternura indicada pela boca. O erro da paixão é mais sutil: a incapacidade de ter em mente a verdade fundamental da natureza humana: todo mundo — não apenas nossos atuais parceiros, cujas múltiplas falhas conhecemos tão bem —, mas todo mundo mesmo vai apresentar algo substancial e enlouquecedoramente errado quando passarmos mais tempo por perto, algo tão errado que tornará ridículos aqueles sentimentos arrebatadores do início.*

*As únicas pessoas que ainda podem parecer normais são as que ainda não conhecemos muito bem. A melhor cura para o amor é conhecê-las melhor.*

Quando a imagem retorna, ele consegue distinguir bem lá no fundo um secador de roupa portátil com alguns pares de meias pendurados.

— Por sinal, onde fica o botão para estender a mão e alcançar o amante do outro lado? — pergunta ela em voz alta.



Rabih está à mercê dela. Lauren só precisaria encontrar o e-mail de sua mulher no site da prefeitura de Edimburgo e mandar-lhe um recadinho.

— Está bem aqui no meu — responde ele.

Num segundo, sua mente salta para um futuro possível com Lauren. Ele se imagina vivendo com ela em Los Angeles, naquele apartamento, depois do divórcio. Fariam amor no sofá, ele a acalentaria nos braços, ficariam acordados até tarde conversando sobre seus anseios e suas vulnerabilidades e pegariam o carro até Malibu para comer camarão num lugarzinho que ela conhece à beira-mar. Porém, também teriam que cuidar da roupa lavada, encontrar alguém para consertar os fusíveis e perderiam a paciência porque o leite acabou.

É em certa medida por gostar muito dela que ele não quer que isto vá adiante. Conhece-se muito bem para saber como poderia acabar fazendo-a infeliz. À luz do que conhece de si mesmo e dos possíveis cursos do amor, já percebeu que a melhor coisa que pode fazer a alguém de quem goste é tratar de sair logo de seu caminho.

*Casamento: algo muito estranho e, no fim das contas, cruel a ser infligido a alguém que se alega amar.*

— Estou com saudade — repete ela.

— Eu também. E também estou olhando para a roupa secando atrás de você. É tudo muito lindo.

— Sujeitinho mau e perverso!

Levar adiante essa história de amor — consequência lógica de seu entusiasmo — acabaria sendo, na verdade, a coisa mais autocentrada e desatenciosa que poderia fazer a Lauren, para não mencionar Kirsten. A verdadeira generosidade, reconhece, significa admirar, não se deixar enganar pela necessidade de permanência, e então ir embora.

— Tem uma coisa que eu estava querendo dizer... — começa Rabih.

À medida que ele explica suas reservas, ela tem paciência com seus tropeços e hesitações e o que chama de sua “tendência a florear típica do Oriente Médio”, faz comentários bem-humorados sobre o fato de estar sendo demitida como amante, mas se mostra generosa, correta, compreensiva e sobretudo benevolente.

— Não existem muitas pessoas como você neste mundo — conclui ele, sincero.

O que o impulsionou em Berlim foi a súbita esperança de contornar certas falhas de seu casamento com uma nova, mas limitada, incursão na vida de outra pessoa. No entanto, agora ele se dá conta de que uma expectativa dessa natureza só podia ser uma bobagem sentimental, e também uma forma de crueldade que só poderia resultar em perda e

mágoa para todos os envolvidos. Não tinha como haver um bom arranjo em que nada fosse sacrificado. Ele entende que aventura e segurança são coisas irreconciliáveis. Um casamento amoroso e os filhos matam a espontaneidade erótica; e um caso mata um casamento. Ninguém pode ser ao mesmo tempo libertino e um romântico casado, por mais atraentes que os dois paradigmas sejam. Ele não subestima a perda em nenhum dos dois casos. Dizer adeus a Lauren significa proteger o casamento, mas também negar-se uma oportunidade imprescindível de ternura e felicidade. Nem o conquistador barato nem o esposo fiel entendeu direito. Não existe solução. Ele está em prantos na cozinha, chorando mais intensamente do que em muitos anos; pelo que perdeu, pelo que pôs em risco e pela crueldade das escolhas. Mal tem tempo para se recompor entre o momento em que a chave gira na fechadura e Kirsten entra na cozinha.

As semanas seguintes são uma mistura de alívio e tristeza. A mulher pergunta-lhe uma ou duas vezes se há algo errado, e, na segunda, ele precisa fazer um grande esforço para adequar seu jeito, de modo que ela não pergunte de novo.

*A melancolia nem sempre é uma doença que precisa ser curada. É uma espécie de tristeza inteligente que se manifesta quando deparamos com a certeza de que a decepção faz parte do roteiro desde o início.*

*Nenhum de nós é especial. Casar-se com alguém, mesmo a criatura mais adequada, no fundo significa identificar por que tipo de sofrimento ainda estaríamos dispostos a nos sacrificar.*

*Num mundo ideal, os votos de casamento seriam reformulados. No altar, o casal haveria de se exprimir assim: “Aceitamos não entrar em pânico quando, daqui a alguns anos, o que estamos fazendo agora começar a parecer a pior decisão que tomamos na vida. Porém, também prometemos não sair procurando outra pessoa, pois reconhecemos que não pode haver alternativa melhor. Todo mundo é sempre impraticável. Somos uma espécie muito louca.”*

*Depois da solene repetição da última frase pelos presentes, o casal prosseguiria: “Vamos nos esforçar para ser fiéis. Ao mesmo tempo, temos consciência de que nunca poder dormir com outra pessoa é uma das tragédias da vida. Lamentamos que nosso ciúme tenha tornado tão necessária essa estranha mas sensata e inegociável restrição. Prometemos fazer um do outro o repositório único de nossos arrependimentos, em vez de distribuí-los por uma vida de conquistas sexuais. Analisamos as diferentes alternativas de infelicidade e nossa decisão foi nos unirmos.”*

*Os cônjuges traídos não teriam mais liberdade de se queixar furiosamente de que esperavam que o parceiro se contentasse apenas com eles. Melhor,*

*poderiam clamar de maneira ainda mais pungente e justa: “Esperava que você fosse fiel ao tipo específico de compromisso e infelicidade representado por nosso casamento, que foi tão duro de conquistar.”  
Desse modo, um caso não seria uma traição de uma alegria íntima, mas de uma promessa recíproca de suportar as decepções do casamento com coragem e recato impassível.*

## Segredos

*Nenhum relacionamento pode começar sem o compromisso com uma intimidade sincera. Entretanto, para o bom andamento do amor, também parece impossível imaginar parceiros incapazes de guardar boa parte de seus pensamentos para si mesmos.*

*Ficamos tão impressionados com a sinceridade que esquecemos as virtudes da polidez; esse desejo de nem sempre confrontar as pessoas de quem gostamos com todos os perniciosos aspectos de nossa natureza.*

*A repressão, um certo grau de comedimento e um pouco de empenho na autoedição fazem tão parte do amor quanto a capacidade de explícita revelação. A pessoa incapaz de tolerar segredos, que em nome da necessidade de “honestidade” compartilha informações tão ofensivas para o outro que jamais poderão ser esquecidas, não é amiga do amor. E se desconfiarmos (como devemos fazer de tempos em tempos, se nossa relação realmente valer a pena) de que o parceiro também está mentindo (sobre o que está pensando, como avalia o que fazemos e onde esteve na noite anterior...), seria melhor não agir como rígido e implacável inquisidor. Pode ser mais generoso, sábio e próximo do verdadeiro espírito do amor apenas fingir que não notamos.*

Para Rabih, não resta alternativa senão mentir para sempre sobre o que aconteceu em Berlim. E ele tem que fazer isso porque sabe que dizer a verdade significaria uma mentira de ordem ainda maior: a crença profundamente equivocada de que não ama mais Kirsten, ou então de que não merece mais confiança em nenhuma área da vida. A verdade pode distorcer o relacionamento muito mais que uma inverdade.

Em consequência do caso, Rabih adota uma visão diferente do objetivo do casamento. Mais jovem, ele o encarava como uma consagração de um conjunto muito especial de sentimentos: ternura, desejo, entusiasmo, anseio. Mas hoje sabe que também é, de maneira não menos decisiva, uma instituição, destinada a manter-se firme ao longo dos anos, independentemente das mudanças passageiras nas emoções dos envolvidos. Tem sua justificativa em fenômenos mais estáveis e duradouros que os sentimentos: num ato de compromisso originário fora

do alcance de revisões posteriores, e, mais importante, em filhos, uma classe de seres constitucionalmente desinteressada das satisfações diárias daqueles que os geraram.

*Na maior parte dos registros históricos, as pessoas ficavam casadas porque se preocupavam com a adequação às expectativas da sociedade, precisavam proteger alguns bens e queriam preservar a unidade da família. Aos poucos, entretanto, outro padrão muito diferente foi se impondo: achava-se que os casais só deviam permanecer juntos enquanto perdurassem certos sentimentos entre eles — sentimentos de autêntico entusiasmo, desejo e completude. Nessa nova ordem romântica, justificava-se que os cônjuges se separassem se a rotina matrimonial se tornasse enfadonha, se as crianças lhes dessem nos nervos, se o sexo não fosse mais sedutor ou se nos últimos tempos uma das partes estivesse se sentindo infeliz de vez em quando.*

Quanto mais Rabih percebe como seus sentimentos são caóticos e sem rumo, mais lhe agrada a ideia do casamento como instituição. Numa conferência, ele pode ficar olhando uma mulher atraente e querer jogar tudo para o alto por causa dela, apenas para reconhecer dois dias depois que preferiria morrer a ficar sem Kirsten. Ou então, em longos fins de semana chuvosos, desejar que os filhos cresçam e o deixem em paz pelo resto dos seus dias, para poder ler sua revista em paz — e um dia depois, no escritório, ficar com o coração apertado porque a reunião se estendeu demais e vai impedi-lo de chegar em casa a tempo de botar as crianças na cama.

Num cenário tão imprevisível, ele reconhece a importância da arte da diplomacia, a disciplina de nem sempre dizer necessariamente o que se pensa nem fazer o que se quer, em prol de objetivos maiores e mais estratégicos.

Rabih tem sempre em mente as forças contraditórias, sentimentais e hormonais que constantemente o impelem nas mais variadas, absurdas e inconsequentes direções. Honrar cada uma delas seria eliminar qualquer chance de ter uma vida coerente. Ele sabe que jamais poderá avançar nos projetos mais importantes se não for capaz, pelo menos por algum tempo, de ficar intimamente insatisfeito e ser bastante insincero — no mínimo em relação a sensações passageiras como o desejo de se livrar dos filhos ou de acabar com o casamento por uma transa com uma urbanista americana de olhos cinza-esverdeados muito atraentes.

Para Rabih, seria conferir um peso excessivo aos próprios sentimentos permitir que se tornassem a estrela-guia de sua vida. Ele é uma organização química caótica terrivelmente necessitada de princípios

básicos nos quais se escorar em seus breves períodos racionais. Sabe ser grato pelo fato de as circunstâncias externas nem sempre estarem alinhadas com o que sente no coração. Talvez seja um indício de que está no caminho certo.

# ALÉM DO ROMANTISMO

## *A teoria do apego*

Com a idade, ambos ganham uma nova consciência da própria imaturidade e, ao mesmo tempo, a sensação de que ela dificilmente será exclusiva a eles. Com certeza há outras pessoas capazes de entendê-los melhor que eles próprios.

Eles costumavam fazer piada com terapia ao longo dos anos. A princípio, a zombaria se voltava contra o controle de gastos: terapia era território exclusivo de malucos com tempo e dinheiro de sobra; os próprios terapeutas eram malucos; as pessoas passando por algum problema deviam conversar mais com os amigos; “procurar ajuda” por causa de um problema era o que faziam em Manhattan, não em Lothian. Porém, a cada discussão mais séria entre eles, esses clichês tranquilizadores tornaram-se cada vez menos convincentes, e no dia em que Rabih derruba violentamente uma cadeira e quebra um dos braços em reação a uma pergunta de Kirsten sobre um gasto no cartão de crédito, ambos concluem na hora, sem dizer nada, que precisam marcar uma consulta.

É difícil encontrar um bom terapeuta, muito mais do que descobrir, por exemplo, um cabeleireiro competente, algum prestador de serviço menos ambicioso e pouco desejoso de atrair a atenção da humanidade. Sair pedindo recomendações é delicado, pois as pessoas tendem a interpretar o próprio pedido como sinal de que o casamento enfrenta problemas — em vez de interpretá-lo como indicação de sua robustez e provável longevidade. Como a maioria das coisas capazes de ajudar nos possíveis cursos do amor, a terapia parece algo perigosamente sem romantismo.

Eles acabam encontrando alguém na internet, uma profissional com consultório no centro da cidade, cujo site, bem simples, menciona experiência com “problemas de casal”. A expressão parece tranquilizadora: suas questões específicas não são fenômenos isolados, apenas parte do que acontece com uma entidade já bem estudada e problemática para todos.

O consultório fica no terceiro andar de um sombrio prédio residencial do fim do século XIX. Contudo, o interior é atraente e acolhedor, cheio de livros, papéis e quadros de paisagens. A terapeuta, a Sra. Fairbairn, usa



uma blusa simples azul-escura e ostenta um amplo capacete de cabelos grisalhos densamente encaracolados, enquadrando um rosto de expressão modesta e sincera. Ao sentar, seus pés ficam a uma distância considerável do piso. Rabih comentaria mais tarde, de forma nada elegante, que não parecia provável que a “hobbit” tivesse tido grande experiência nas paixões em que afirma ser especialista.

Rabih nota uma grande caixa de lenços de papel numa mesinha entre ele e Kirsten — e sente uma onda de indignação com o que isso parece sugerir. Não tem a menor vontade de aceitar o convite para confidenciar suas complexas dores a um monte de lenços de papel. Enquanto a Sra. Fairbairn anota seus números de telefone, ele quase interrompe tudo para declarar que aquilo não passa de um equívoco, uma reação exagerada e melodramática a algumas discussões que tiveram, e que, pensando bem, o relacionamento vai bem e, em alguns momentos, até bem demais. Sua vontade é sair feito um raio daquele lugar e voltar ao mundo normal, ao café da esquina onde ele e Kirsten vão poder comer um sanduíche de atum e tomar um refresco e seguir em frente com a vida normal, da qual se excluíram de um sujeito tão estranho por livre e espontânea vontade, obedecendo a um sentimento absolutamente sem sentido de inadequação.

— Quero começar explicando algumas coisas — diz a terapeuta, na pronúncia bem-articulada das classes altas de Edimburgo. — Temos cinquenta minutos, que vocês poderão acompanhar pelo relógio em cima da lareira. Pode ser que estejam meio apreensivos, e seria estranho se não estivessem. Talvez pensem que eu sei tudo sobre vocês ou que não posso saber nada de vocês. Nenhuma das duas ideias é verdade. Vamos explorar juntos. Devo expressar minhas felicitações por terem vindo. É preciso um pouco de coragem, eu sei. Pelo simples fato de estarem aqui, vocês deram um dos maiores passos que duas pessoas podem dar para continuar juntas.

Atrás dela há uma prateleira de livros fundamentais à sua profissão: *O ego e os mecanismos de defesa*, *Tudo começa em casa*, *Ansiedade de separação*, *O eco do amor na psicoterapia de casais* e *O eu e o outro na teoria das relações de objeto*. Ela própria está escrevendo um livro, o primeiro, intitulado *O apego seguro e ansioso nos relacionamentos conjugais*, que será publicado por uma pequena editora de Londres.

— Mas digam, o que fez vocês acharem que talvez devessem me procurar? — prossegue ela, num tom mais íntimo.

Eles se conheceram há quatorze anos, explica Kirsten. Têm dois filhos. Ambos perderam um dos pais quando eram pequenos. Têm uma vida muito ocupada, realizada e, às vezes, infernal. Têm discussões de um tipo que ela detesta. Para ela, o marido não é mais o homem por quem se apaixonou. Fica zangado com ela, bate portas. Já a chamou de vagabunda.

A Sra. Fairbairn ergue os olhos do bloco de anotações com uma expressão imperturbável que eles passarão a conhecer bem.

Tudo isso é verdade, reconhece Rabih, mas ele encontra em Kirsten uma frieza e, às vezes, um desprezo calado que lhe tira o ânimo e parece calculado para deixá-lo furioso. Ela reage às preocupações, sejam dele ou dela mesma, calando-se e se distanciando dele. Muitas vezes ele se pergunta se ela de fato o ama.

PELA DRA. JOANNA FAIRBAIRN, *O APEGO SEGURO E ANSIOSO NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS — UMA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES DE OBJETO* (KARNAC BOOKS, LONDRES):

A TEORIA DO APEGO, DESENVOLVIDA PELO PSICÓLOGO JOHN BOWLBY E COLEGAS NA INGLATERRA DA DÉCADA DE 1950, REMONTA AS TENSÕES E OS CONFLITOS DOS RELACIONAMENTOS ÀS NOSSAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE CUIDADOS PATERNOS.

ESTIMA-SE QUE UM TERÇO DA POPULAÇÃO DA EUROPA OCIDENTAL E DA AMÉRICA DO NORTE TEVE PRECOCAMENTE ALGUM TIPO DE DECEPÇÃO PARENTAL (VER C. B. VASSILY, 2013), RESULTANDO NO DESENCADEAMENTO DE MECANISMOS PRIMITIVOS DE DEFESA — PARA AFASTAR O MEDO DE UMA ANGÚSTIA INTOLERÁVEL — E NO COMPROMETIMENTO DA CAPACIDADE DE CONFIANÇA E INTIMIDADE. EM SUA GRANDE OBRA, *ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO* (1959), BOWLBY SUSTENTA QUE OS QUE SE SENTIRAM ABANDONADOS NO PRIMITIVO AMBIENTE FAMILIAR EM GERAL DESENVOLVEM DOIS TIPOS DE REAÇÃO AO CRESCER E ENFRENTAR DIFICULDADES OU AMBIGUIDADES NOS RELACIONAMENTOS: PRIMEIRO, UMA TENDÊNCIA PARA COMPORTAMENTOS TEMEROSOS, DEPENDENTES E CONTROLADORES — O PADRÃO CHAMADO POR BOWLBY DE “APEGO ANSIOSO” —, E, DEPOIS, UMA TENDÊNCIA A TÁTICAS DE RECUO DEFENSIVO, QUE ELE DENOMINA “APEGO EVITANTE”. A PESSOA ANSIOSA TENDE A CHECAR DIVERSAS VEZES O PARCEIRO, A TER EXPLOSÕES DE CIÚME E A PASSAR MUITO TEMPO DA VIDA DOS DOIS SE QUEIXANDO DE QUE O RELACIONAMENTO NÃO É MAIS “ÍNTIMO”. A PESSOA QUE OPTA PELO COMPORTAMENTO EVITANTE, POR SUA VEZ, FALA DE UMA NECESSIDADE DE “ESPAÇO”, GOSTA DE ESTAR SOZINHA E EM DETERMINADOS MOMENTOS PODE SE MOSTRAR REFROTÁRIA A EXIGÊNCIAS DA INTIMIDADE SEXUAL.

CERCA DE SETENTA POR CENTO DOS PACIENTES QUE BUSCAM TERAPIA DE CASAL APRESENTAM O MODO DE COMPORTAMENTO ANSIOSO OU EVITANTE. COM MUITA FREQUÊNCIA, EXISTE NOS CASAIS UM PARCEIRO QUE EVITA E OUTRO ANSIOSO, SERVINDO CADA CONJUNTO DE REAÇÕES PARA AGRAVAR O OUTRO, EM UMA ESPIRAL DE DECLÍNIO DA CONFIANÇA.

Chega a ser humilhante reconhecer que eles não serão capazes de se entender de forma espontânea. Estar ali significa que desistiram de *intuir* o que pode estar acontecendo dentro de sua suposta alma gêmea. Os sonhos românticos estão sendo largados de mão, substituídos — ao longo de muitos meses — por minuciosos exames de momentos evidentemente insignificantes da vida doméstica, embora não existam momentos insignificantes aos olhos da Sra. Fairbairn: um comentário deselegante, uma impaciência passageira ou uma rispidez que magoa são a matéria-prima de sua profissão.

A Sra. Fairbairn ajuda a desmontar bombas. Pode parecer uma tolice gastar cinquenta minutos (e setenta e cinco libras) em torno da reação de Rabih quando Kirsten gritou lá de baixo pela segunda vez que ele descesse logo para botar a mesa ou da maneira como Kirsten reagiu à decepcionante nota de Esther em geografia. No entanto, é esse o solo fértil de questões que, se não forem analisadas, podem evoluir para um tipo de catástrofe que a sociedade está mais preparada para focalizar: violência doméstica, dissolução de famílias, intervenção da assistência social, decisões judiciais... Tudo começa com pequenas decepções vindas de humilhações.

Hoje, Rabih traz à tona uma discussão da noite anterior. Era uma questão de trabalho e dinheiro: sua empresa corre o risco de ter que congelar ou reduzir salários a curto prazo, o que poderia levá-los a atrasar o pagamento da hipoteca. Kirsten mostrou-se quase indiferente. Por que sua esposa sempre reage de uma maneira que causa tanta preocupação diante de coisas tão sérias? Será que não podia ter encontrado algo útil para dizer, qualquer coisa? Será que ouviu direito? Por que tantas vezes lhe responde apenas com um intrigante “Humm” quando ele mais precisa do apoio dela? Foi por isso que ele gritou com ela, xingou e saiu porta afora. Não foi o ideal, mas ela o estava decepcionando muito.

UMA INDICAÇÃO DE QUE A PESSOA É ANSIOSAMENTE APEGADA É A INTOLERÂNCIA A SITUAÇÕES AMBÍGUAS — COMO UM SILÊNCIO, UM ATRASO OU UM COMENTÁRIO DISTANTE. ELAS SÃO LOGO INTERPRETADAS DE MANEIRA NEGATIVA, COMO INSULTOS OU ATAQUES MALÉVOLOS. PARA A PESSOA ANSIOSAMENTE APEGADA, A MENOR DESCONSIDERAÇÃO, QUALQUER COMENTÁRIO APRESSADO OU DESATENÇÃO PODE SER VIVENCIADO COMO INTENSA AMEAÇA, PARECENDO O PRENÚNCIO DO ROMPIMENTO DE UMA RELAÇÃO. EXPLICAÇÕES MAIS OBJETIVAS DE NADA ADIANTAM. O SENTIMENTO DAS PESSOAS ANSIOSAMENTE APEGADAS MUITAS VEZES É DE QUE ESTÃO LUTANDO PELA VIDA — EMBORA, EM GERAL, NÃO SEJAM CAPAZES DE EXPLICAR SUA FRAGILIDADE AOS QUE OS CERCAM, QUE, DE MANEIRA

COMPREENSÍVEL, PODEM CONSIDERÁ-LAS CRIADORAS DE CASO, IRRITÁVEIS OU CRUÉIS.

Mas que bobagem, protesta Kirsten. Ele está exagerando de novo, como costuma fazer com tantas coisas, da intensidade da chuva à péssima qualidade da comida num restaurante — como na vez que foram a Portugal, e durante meses ele só falava da verdadeira pocilga que era o hotel, como se fosse o fim do mundo, embora até as crianças o tivessem achado bom.

A resposta dela, prossegue Kirsten, com certeza não justificou esse tipo de reação. Adiantava alguma coisa sair batendo a porta? Um ataque desse tipo é coisa de adulto? Ela está implicitamente convidando a Sra. Fairbairn a reconhecer nela o lado razoável do casal, e, como mulher, espantar-se também com a loucura e o melodrama dos homens.

Entretanto, a Sra. Fairbairn não gosta de ser pressionada a tomar partido. É um de seus talentos. Não lhe importa que alguém esteja “com a razão”. Ela quer entender o que cada lado está sentindo e se certificar de que o outro possa ouvir com empatia.

— Como se sente em relação a Kirsten em ocasiões assim, quando ela não diz muita coisa? — pergunta a Rabih.

É uma pergunta absurda, pensa ele; a irritação da noite anterior começa a assomar de novo.

— Sinto exatamente como seria de se esperar, que ela é horrível.

— “Horrível”? Só porque não digo o que você quer ouvir eu sou horrível? — interrompe Kirsten.

— Um momento, por favor, Kirsten — adverte a Sra. Fairbairn. — Quero explorar um pouco melhor o que Rabih sente nesses momentos. Como se sente quando você acha que Kirsten o desapontou?

Rabih esquece os freios racionais, deixando o inconsciente falar para variar.

— Com medo. Abandonado. Indefeso.

Faz-se silêncio, como acontece tantas vezes quando um deles diz algo significativo.

— Eu me sinto sozinho. Que eu não sou importante. Que ela não está nem aí para mim.

Ele para. Lágrimas — inesperadas, talvez — assomam aos seus olhos.

— Parece difícil — diz a Sra. Fairbairn, de um jeito neutro mas interessado.

— Ele não *me* parece assustado — observa Kirsten. — Um homem que grita e pragueja contra a mulher dificilmente pode ser considerado um cordeirinho assustado.

Porém, a Sra. Fairbairn já pegou o problema com firmeza em suas pinças terapêuticas e não vai deixá-lo escapar. Trata-se de um padrão: em alguma questão na qual precise ser tranquilizado, Rabih sente a esposa distante e fria. Assusta-se, se exalta e depara com uma Kirsten ainda mais distante. O medo e a raiva aumentam, assim como a distância. Kirsten o acha arrogante e tirânico. Sua história ensinou-lhe que os homens têm tendência a comportamentos autoritários — e que cabe à mulher resistir, utilizando-se da força e da formalidade. Nesse momento, está fora de questão perdoar. Contudo, em Rabih não existe força alguma, ele está apenas se debatendo, sem mais recursos, fraco e humilhado pelos sinais de aparente indiferença dela. É, portanto, lamentável e quase trágico que sua maneira de reagir às próprias vulnerabilidades assuma uma forma que as mascara por completo, parecendo destinada a alienar exatamente a pessoa por quem ele tanto quer ser confortado.

Agora, no entanto, uma vez por semana, no início da tarde da quarta-feira, há uma oportunidade de interromper o círculo vicioso. Com a Sra. Fairbairn presente para proteger Kirsten da irritação de Rabih, e Rabih da frieza de Kirsten, os cônjuges são convidados a investigar por trás da fachada ofensiva do adversário, a fim de enxergar a patética criança assustada lá dentro.

— Kirsten, você acha que gritar e, às vezes, xingar são atos de um homem que se sente forte? — arrisca a Sra. Fairbairn num dos seus poucos momentos de direcionamento, quando sente que um insight pode estar ao alcance dos clientes.

Ela sabe ir devagar e pegar leve. Os livros na prateleira podem ter títulos bem pesados, mas no fluir de uma sessão a pequena terapeuta movimentava-se como uma bailarina.

A difícil dinâmica do casal estende-se ao sexo. Quando Kirsten está cansada ou confusa, Rabih cai rápido, bem rápido, no desânimo. Sua mente agarra-se a uma poderosa narrativa sobre o seu próprio caráter repulsivo. Esse sentimento de autorrepulsa, muito anterior a Kirsten, tem como uma de suas principais características a impossibilidade de ser explicado aos outros, embora abra espaço para uma atitude de amargura com os que o evocam. Uma noite sem consumação, assim, em geral acaba sendo motivo de comentários sarcásticos ou maldosos da parte de Rabih no dia seguinte — o que, por sua vez, intensifica as tentativas (também não expressas) de Kirsten de se afastar. Depois de alguns dias mantendo distância, Rabih se farta e acusa Kirsten de frieza e de um comportamento estranho — ao que ela responde que desconfia de que ele deve gostar muito de chateá-la, já que faz isso com tanta frequência. Ela se retira para um lugar triste, mas conhecido e estranhamente reconfortante em sua mente, onde costuma se esconder quando os outros a decepcionam (como

tendem a fazer), consolando-se com livros e música. É uma especialista em autoproteção e autodefesa; vem praticando a maior parte da vida.

O ESTILO DO APEGO EVITANTE É MARCADO PELO FORTE DESEJO DE EVITAR CONFLITOS E REDUZIR A EXPOSIÇÃO AO OUTRO QUANDO AS NECESSIDADES EMOCIONAIS NÃO SÃO ATENDIDAS. A PESSOA DE APEGO EVITANTE PRESUME COM FACILIDADE QUE OS OUTROS QUEREM ATACÁ-LA E QUE NÃO É POSSÍVEL ARGUMENTAR COM ELES. PODE APENAS RECUAR, LEVANTAR A PONTE LEVADIÇA E MANTER-SE FRIA. INFELIZMENTE, A PARTE QUE EVITA, EM GERAL, NÃO É CAPAZ DE EXPLICAR SEU PADRÃO TEMEROSO E DEFENSIVO AO PARCEIRO, E ASSIM OS MOTIVOS POR TRÁS DE SEU COMPORTAMENTO DISTANTE E AUSENTE FICAM NEBULOSOS, PODENDO SER CONFUNDIDOS COM INDIFERENÇA E FALTA DE COMPROMETIMENTO, QUANDO, NA VERDADE, ACONTECE O CONTRÁRIO: A PARTE QUE EVITA REALMENTE SE IMPORTA, E MUITO; SÓ QUE AMAR PASSOU A PARECER ARRISCADO DEMAIS.

Embora nunca force conclusões, a Sra. Fairbairn mostra um espelho figurativo, para que Kirsten comece a ver o impacto que tem nos outros. Ajuda-a a se conscientizar de sua tendência a fugir e a reagir ao estresse com silêncio, encorajando-a a levar em conta que essas estratégias podem afetar os que contam com ela. Exatamente como Rabih, Kirsten habituou-se a expressar suas frustrações de um jeito que impede a empatia daqueles de cujo amor ela mais precisa.

Rabih jamais traz à tona sua noite com Lauren de forma direta. Entende que a prioridade é compreender por que aconteceu, e não confessar, o que poderia provocar inseguranças capazes de destruir para sempre a confiança entre Kirsten e ele. Rabih se pergunta, entre as sessões com a Sra. Fairbairn, o que poderia tê-lo deixado aparentemente tão despreocupado e indiferente ante a possibilidade de ferir sua mulher, chegando à conclusão de que só poderia haver uma explicação: devia estar se sentindo tão magoado por certas coisas no relacionamento que chegou a ponto de não se importar tanto se acaso magoasse muito Kirsten. Não dormiu com Lauren por desejo, mas por raiva, um tipo de raiva que nem sequer reconhece a própria existência, a contrariada e reprimida fúria do orgulho. Explicar a Kirsten, de um jeito que ela possa entender, que ele se sentiu desapontado será fundamental para salvar o casamento.

No cerne de suas disputas está uma questão de confiança — uma virtude que não está facilmente ao alcance de nenhum dos dois. São seres feridos que tiveram de enfrentar grandes decepções na infância e vieram a se tornar adultos muito fechados, incapazes de lidar com qualquer nudez emocional. São especialistas em estratégias de ataque e construção de fortalezas; mas, como combatentes que se adaptam mal à vida civil depois

de um armistício, já não se mostram tão bons quando se trata de tolerar as angústias decorrentes de baixar a guarda e reconhecer as próprias aflições e fragilidades.

Rabih ataca na ansiedade; Kirsten retira-se na evitação. Precisam terrivelmente um do outro, mas, ao mesmo tempo, ficam aterrorizados com a eventualidade de mostrar essa necessidade. Nenhum deles fica ofendido por tempo suficiente para de fato reconhecer ou sentir a ofensa, ou explicá-la à pessoa que a infligiu. São necessárias reservas de confiança que não possuem para continuar dando crédito ao ofensor. Eles precisariam confiar o bastante no outro para deixar claro que não estão de fato “zangados” ou “frios”, mas sim com um sentimento muito mais básico, tocante e merecedor de afeto: mágoa. Não são capazes de trocar o mais essencial dos presentes românticos: um guia das próprias vulnerabilidades.

UM QUESTIONÁRIO CONCEBIDO POR HAZAN E SHAVER (1987) PASSOU A SER MUITO USADO PARA AVALIAR AS FORMAS DE APEGO. PARA DETERMINAR SEU TIPO, OS ENTREVISTADOS SÃO CONVIDADOS A RELATAR COM QUAL DAS TRÊS SEGUINTE AFIRMAÇÕES SE IDENTIFICAM MAIS:

1. “EU QUERO RELACIONAMENTOS DE PROXIMIDADE EMOCIONAL, MAS ACHO QUE AS OUTRAS PESSOAS MUITAS VEZES SÃO DECEPCIONANTES OU MÁIS SEM MOTIVO. RECEIO SER FERIDO SE ME PERMITIR MUITA PROXIMIDADE. NÃO ME IMPORTO DE FICAR SOZINHO.” (APEGO EVITANTE)

2. “EU QUERO INTIMIDADE EMOCIONAL COM OUTRAS PESSOAS, MAS MUITAS VEZES ELAS PARECEM RELUTANTES EM SE APROXIMAR TANTO QUANTO EU GOSTARIA. RECEIO QUE OS OUTROS NÃO SEJAM CAPAZES DE ME VALORIZAR TANTO QUANTO EU OS VALORIZO. POSSO FICAR MUITO CHATEADO E NERVOSO.” (APEGO ANSIOSO)

3. “PARA MIM A PROXIMIDADE EMOCIONAL COM OUTRAS PESSOAS É RELATIVAMENTE FÁCIL. NÃO TENHO PROBLEMA EM CONTAR COM OS OUTROS E FAZER COM QUE CONTEM COMIGO. NÃO TENHO MEDO DE FICAR SOZINHO OU DE NÃO SER ACEITO.” (APEGO SEGURO)

As classificações nada têm de glamorosas. É uma paulada no ego ser obrigado a se encarar não como um personagem infinitamente matizado que seria difícil até para um romancista capturar em oitocentas páginas, mas sim como um tipo genérico bastante passível de enquadramento nos parâmetros de alguns parágrafos de um manual de psicanálise. As expressões “evitante” e “ansioso” não parecem ter muito a ver com uma história de amor, mas se considerarmos que “romântico” significa “propício ao progresso do amor”, acabam se revelando as palavras mais românticas que Kirsten e Rabih vão poder encontrar, pois lhes permitem

apreender padrões que vêm se repetindo entre eles de maneira destrutiva a cada dia de sua vida conjugal.

Eles acabam dando valor à estranha e especial via diplomática e psicoterapêutica que lhes possibilitou um novo tipo de discurso, um santuário onde podem, a cada semana, confessar sua tristeza ou indignação sob o olhar benevolente de um árbitro capaz de conter a reação do outro por tempo suficiente para garantir um grau necessário de compreensão e quem sabe até de empatia. Milhares de anos de passos hesitantes em direção à civilização enfim levaram a um foro onde duas pessoas podem debater de modo compenetrado o grau de mágoa infligido à outra pela necessidade de pôr a mesa, ou algo dito numa festa, ou os planos para as férias, sem que nenhum dos lados possa levantar-se, bater a porta ou praguejar. Sob certos aspectos, concluem Kirsten e Rabih, a terapia é a maior invenção de nossa época.

As conversas que têm na presença da Sra. Fairbairn começam a colorir a maneira como conversam em casa. De início, eles internalizam a voz benigna e criteriosa da terapeuta. “O que diria Joanna (nome que nunca pronunciam em sua presença)?” torna-se uma pergunta brincalhona e ritualística entre os dois — exatamente como um católico pode um dia ter tentado imaginar a reação de Jesus a uma provação da vida.

— Se você continuar se irritando comigo, vou acabar evasiva — adverte Kirsten em reação a um impasse com Rabih.

Eles continuam fazendo piada com terapia, só que não mais contra o investimento nela.

É uma pena, assim, que os insights oferecidos no consultório sejam tão insignificantes na cultura como um todo. As conversas ali parecem um pequeno laboratório de maturidade, num mundo enlouquecido pela ideia do amor como um instinto e um sentimento fora do alcance de qualquer análise. O fato de o consultório da Sra. Fairbairn estar encarapitado no alto de um prédio antigo parece algo bem simbólico do caráter marginalizado de sua profissão. Ela é a defensora de uma verdade com a qual Rabih e Kirsten agora têm intimidade, mas que sabem ser aflitivamente suscetível de se perder no ruído ambiente: a de que o amor é uma habilidade, e não apenas um entusiasmo.



## Maturidade

No inverno, Rabih trabalha no projeto de um ginásio. Encontra-se uma dezena de vezes com representantes da instituição educacional local responsável pela contratação do projeto. Promete ser uma construção excepcional, com um sistema de claraboias que permitirá ampla iluminação interna mesmo nos dias mais sombrios. Em termos profissionais, pode ser o início de algo considerável para ele. Até que, na primavera, ele é convocado e, daquele jeito agressivo às vezes adotado por pessoas tão culpadas por decepcionar alguém que se tornam ofensivas, informado sem rodeios que acabou — e que decidiram contratar outro escritório mais experiente. É quando começam as noites insones.

*Quando se prolonga por semanas, a insônia pode ser o inferno. Porém, em doses menores — uma noite aqui, outra ali — nem sempre precisa de tratamento. Pode até ser um trunfo, ajudando em certos distúrbios críticos da alma. Percepções cruciais das quais precisamos nos apropriar muitas vezes só podem ser alcançadas nessas horas, como sinos de igreja ouvidos apenas à noite no burburinho urbano.*

Durante o dia, ele deve se mostrar respeitoso com os outros. Sozinho na caverna, depois da meia-noite, pode retomar atividades mais importantes e privadas. Seus processos mentais com certeza pareceriam estranhos a Kirsten, Esther e William. Eles precisam que Rabih seja de certo jeito, e ele não quer decepcioná-los nem assustá-los com a estranheza de suas percepções; eles têm direito de desfrutar de sua previsibilidade. Agora, porém, outras exigências internas postulam sua atenção. A insônia é a vingança de sua mente por todos os pensamentos complicados que ele tratou com tanto cuidado de evitar à luz do dia.

*A vida comum estimula uma visão de mundo prática e sem introspecção. Sobra muito pouco tempo e o medo é muito grande para qualquer outra coisa. Deixamo-nos guiar pelo instinto de autopreservação: forçamos o avanço, retaliamos quando atingidos, botamos a culpa nos outros,*

*reprimimos questões desgarradas e nos prendemos a uma imagem lisonjeira do rumo tomado. Não nos resta muita alternativa senão estar implacavelmente do nosso próprio lado.*

*Só nos raros momentos em que as estrelas brilham no céu e nada mais se espera de nós até o alvorecer é que podemos afrouxar o controle do ego, em prol de uma perspectiva mais honesta e menos limitada.*

Rabih encara os fatos conhecidos de outro ângulo: ele é um covarde, um sonhador, um marido infiel e um pai excessivamente possessivo e grudento. Sua vida se equilibra num fio. Ele está no meio da carreira, ou mesmo além, e não conseguiu quase nada em comparação com as expectativas que chegaram a ser depositadas nele.

As três da manhã, Rabih pode se dar ao luxo de estranhamente ignorar qualquer sentimentalismo na listagem de seus defeitos: uma insistente teimosia que gera desconfiança nos superiores, certa tendência a se ofender com facilidade, uma preferência pela cautela em decorrência do terror à rejeição. Não teve autoconfiança suficiente para perseguir os objetivos até o fim. Em sua idade, outros já foram mais longe e montaram seus escritórios de arquitetura, em vez de esperar um convite e botar a culpa no mundo. Existe apenas um prédio — uma instalação de estocagem de dados em Hertfordshire — cujo projeto leva seu nome. Ele vai acabar morrendo sem ter explorado o essencial de seu talento, que aparecerá apenas como flashes de inspiração que ele poderá perceber de vez em quando em sua mente de soslaio, quando estiver no chuveiro ou dirigindo sozinho.

Nesse ponto, ele já está além da autopiedade, a crença superficial de que o que lhe aconteceu é raro ou imerecido. Perdeu a fé na própria inocência e no caráter único de sua individualidade. Não se trata de uma crise da meia-idade: na verdade, com um atraso de cerca de trinta anos, ele enfim está deixando a adolescência para trás.

Ele é um homem de anseio excessivo pelo amor romântico, que ainda assim pouco entende de bondade e ainda menos de comunicação. Alguém que morre de medo de lutar abertamente pela felicidade, mas que, sem ela, se protege numa atitude de antecipada decepção e cinismo.

Então é isso que é ser um fracasso. A principal característica pode ser o silêncio: o telefone não toca, ele não é convidado a sair, não acontece nada de novo. Durante a maior parte de sua vida adulta, ele entendeu o fracasso como uma catástrofe espetacular, para depois reconhecer que, na verdade, acabou se insinuando de forma imperceptível sobre ele, através da inação e da covardia.

E, no entanto, para a surpresa dele, está tudo bem. A gente se acostuma com tudo, até com a humilhação. O aparentemente insuportável tem o

hábito de acabar parecendo nem tão ruim assim.

Ele já sugou demais da generosidade da vida, sem particular proveito nem grande resultado. Está no planeta há décadas demais; nunca teve que arar o solo nem foi para a cama com fome, e, apesar disso, seus privilégios estão em grande medida intactos, como uma criança mimada.

Seus sonhos foram um dia bem grandiosos: ele seria um novo Louis Kahn ou Le Corbusier, Mies van der Rohe ou Geoffrey Bawa. Inventaria um novo tipo de arquitetura: identificada por ser típica de um local, elegante, harmoniosa, tecnologicamente avançada, progressista.

Em vez disso, é o vice-diretor quase falido de uma empresa de urbanismo de segunda categoria, e que emprestou seu nome a um único prédio — que é mais um galpão, na verdade.

*A natureza entalha em nós insistentes sonhos de sucesso. Para nossa espécie, deve haver alguma vantagem evolutiva em estar conectada a tanto esforço; a inquietação nos deu cidades, bibliotecas, naves espaciais. Porém, esse impulso não deixa muito espaço para o equilíbrio individual. O preço de algumas obras geniais ao longo da história é o fato de uma parte considerável da raça humana sofrer diariamente de ansiedade e frustração.*

Rabih costumava considerar que só a versão perfeita de qualquer coisa valia a pena. Era um perfeccionista. Se o carro fosse arranhado, não tinha prazer em dirigi-lo; se o quarto não estivesse limpo, não conseguia descansar; se a amada não entendesse partes suas, o relacionamento inteiro virava uma farsa. Agora, “satisfatório” é satisfatório.

Ele nota um crescente interesse por certos tipos de notícias sobre homens de meia-idade. Um sujeito de Glasgow jogou-se debaixo de um trem, depois de acumular enormes dívidas e de ter sido flagrado pela mulher tendo um caso. Outro jogou o próprio carro no mar perto de Aberdeen por causa de um escândalo na internet. No fim das contas, Rabih percebe, não é preciso muito; só alguns erros, e de repente a pessoa está no reino da catástrofe. Com algumas conversas e pressão externa suficiente, ele também seria capaz de qualquer coisa. O que lhe permite considerar-se mentalmente equilibrado é apenas uma frágil sorte química, mas ele sabe que estaria mais que exposto a uma tragédia se a vida decidisse testá-lo para valer.

Nesses momentos em que não está completamente acordado nem realmente adormecido, mas viajando pelas zonas intersticiais da consciência, às duas ou três da manhã, ele percebe quantas imagens e lembranças perdidas estão guardadas em sua mente, todas esperando merecer sua atenção quando o resto da estática ceder: vislumbres de uma

viagem a Bangkok oito anos antes, a visão inacreditável de aldeias indianas depois de uma noite encostado de mau jeito numa janela de avião; o frio piso de azulejos da casa em que sua família vivia em Atenas; a primeira neve de sua vida, durante as férias no leste da Suíça; o opressor céu plúmbeo em um passeio pelo campo em Norfolk; o corredor que levava à piscina na universidade; a noite que passou com Esther no hospital quando seu dedo foi operado... A lógica de certas coisas pode desaparecer, mas nenhuma das imagens vai embora para sempre de verdade.

Em suas noites em claro, ele, às vezes, pensa na mãe e sente falta dela. Deseja com embaraçosa intensidade que pudesse voltar a ter oito anos para se enroscar debaixo de um cobertor, com uma leve febre, e então ela viria trazer comida e ler para ele. Queria que ela o tranquilizasse quanto ao futuro, absolvendo-o de seus pecados e penteando com cuidado seu cabelo, partido para o lado esquerdo. Pelo menos tem maturidade para saber que existe algo importante que deveria resistir à censura imediata nesses estados regressivos. É capaz de ver que, apesar dos sinais externos, não foi muito longe.

Ele se dá conta de que a ansiedade estará sempre em seu encaixe. Pode parecer que cada nova onda tenha a ver em especial com isto ou com aquilo — a festa em que ele não conhece muita gente, a viagem complicada que precisa fazer a um país desconhecido, um dilema no trabalho —, mas, de uma perspectiva mais ampla, o problema sempre é maior, mais grave e fundamental.

Houve um tempo em que ele tinha a fantasia de que suas preocupações se aplacariam se vivesse em outro lugar, se alcançasse novas metas profissionais, se tivesse uma família. Porém, nada jamais fez diferença. Hoje vê que é ansioso até o âmago, em seu jeito de ser mais fundamental: uma criatura assustada e desajustada.

Há na cozinha uma foto de que gosta muito: Kirsten, William, Esther e ele num parque num dia de outono, atirando uns nos outros folhas de uma pilha acumulada pelo vento. Alegria e entrega são evidentes nos rostos, o prazer de poder fazer bagunça sem maiores consequências. Só que ele também recorda como estava intimamente agitado naquele dia; alguma coisa precisava ser resolvida com uma firma de engenharia, ele estava louco para chegar em casa e telefonar para um cliente inglês, e seu cartão de crédito tinha estourado em muito o limite. Rabih só consegue desfrutar mesmo das coisas quando já ficaram para trás.

Ele sabe que sua mulher forte e capaz não é a melhor pessoa para se ter ao lado durante um colapso nervoso. Houve época em que ele se ressentia disso. “Insônia não tem nada de glamoroso; venha para a cama” — era tudo o que Kirsten teria dito se acordasse agora e visse luz no escritório. Aprendeu, em muitos episódios dolorosos, que sua linda e inteligente mulher *não* está ali para tranquilizar ninguém.

Melhor ainda é que ele começou a entender por quê. Ela não é má, são apenas suas experiências com homens e suas defesas para evitar decepções se manifestando. É a maneira como ela processa os desafios. É bom ver essas coisas; ele está acumulando alternativas à vingança e à raiva.

*Poucas pessoas neste mundo são simplesmente ruins; mesmo aqueles que nos magoam sofrem. A reação adequada, assim, nunca é o cinismo nem a agressão, mas, nos raros momentos em que somos capazes, sempre o amor.*

A mãe de Kirsten está no hospital. Foi internada há duas semanas. Tudo começou com algo aparentemente inofensivo relacionado aos rins; mas o prognóstico agora ficou muito mais grave. Normalmente tão forte, Kirsten está desanimada e perdida.

Eles foram visitá-la no domingo. Ela estava muito frágil, falando baixinho e fazendo apenas pedidos simples: um copo d'água, inclinar a lâmpada para bater menos luz nos seus olhos. A certa altura, tomou a mão de Rabih e sorriu para ele.

— Cuide de Kirsten, por favor — disse, e então, com a velha perspicácia: — Se ela permitir.

Uma absolvição, por assim dizer.

Ele sabe que a Sra. McLelland nunca o viu com bons olhos. No início, ressentia-se disso; agora, sendo ele próprio pai, consegue entender. Tampouco pode dizer que está louco para conhecer o marido de Esther. Como poderia um pai ou uma mãe aprovar alguém de verdade? Como se poderia esperar que, depois de dezoito anos ou mais atendendo a cada necessidade de um filho, reagissem com entusiasmo ante a concorrência de uma nova fonte de amor? Como alguém poderia dar esse necessário salto emocional sem desconfiar, no fundo do coração (e deixando-o claro, por toda uma série de comentários mais ou menos azedos), de que seu rebento caíra equivocadamente nas garras de alguém sem o mínimo preparo para a ímpar e complexa tarefa de cuidar dele?

Kirsten chora sem parar depois da visita ao hospital Raigmore. Manda as crianças brincarem com os amigos; não está em condições de ser mãe no momento (aquela que tenta nunca assustar os outros revelando a própria dor); precisa voltar a ser criança por um instante. Não consegue esquecer o horror de ver a mãe tão amarelada e magra sobre os lençóis azuis do hospital. Como aquilo podia estar acontecendo? De certa maneira, ela ainda está muito apegada às impressões, formadas no quinto ou sexto ano de vida, de uma mãe forte, capaz e cuidando de tudo. Kirsten era a pequenina que podia ser jogada para o alto e instruída sobre o que devia acontecer em seguida. Sentia muita falta dessa autoridade nos anos após a partida do pai. As duas mulheres da família McLelland sabiam se

manter unidas; formavam uma equipe, envolvida com o melhor tipo de revolta. Pois agora Kirsten está no corredor inquirindo um médico assustadoramente jovem sobre quantos meses ainda restam. O mundo virou de cabeça para baixo.

*Acreditamos na infância que eles podem ter acesso a algum tipo superior de conhecimento e experiência. Durante algum tempo, parecem muito competentes. Nossa exagerada admiração é comovente, mas também bastante problemática, pois os posiciona como supremos objetos de culpabilização quando vamos aos poucos descobrindo que têm falhas, às vezes mostram-se cruéis e, em certas áreas, ignorantes e incapazes de nos salvar de determinados problemas. Pode levar algum tempo, até a quarta década ou as cenas finais em um hospital, para que se manifeste uma atitude mais condescendente. Sua nova condição, de fragilidade e temor, revela de uma forma fisicamente premente algo que sempre foi verdadeiro do ponto de vista psicológico: que eles são seres vulneráveis e inseguros, motivados antes por ansiedade, medo, um amor desajeitado e impulsos inconscientes do que por sabedoria divina e clareza moral — não podendo, portanto, ser eternamente responsabilizados por suas próprias carências ou nossas muitas decepções.*

Nos estados de ânimo em que Rabih enfim consegue se libertar do ego, não se sente capaz de perdoar com mais facilidade apenas uma ou duas pessoas. Pode até acontecer, em casos extremos, que nenhum ser humano fique de fora do círculo de sua empatia.

Ele vê bondade nos lugares mais inesperados. Fica comovido com a boa vontade da gerente do escritório, uma viúva na casa dos cinquenta anos cujo filho acaba de sair de casa para ir para a faculdade em Leeds. Forte e sempre alegre, ela evidencia isso como uma conquista extraordinária, que estende a cada hora de seu dia de trabalho. Nunca deixa de perguntar a cada membro da equipe como estão. Lembra-se dos aniversários e preenche os minutos sem nada para fazer com reflexões sempre delicadas e estimulantes. Se ele fosse mais jovem, não teria dado a menor atenção a essa pequena demonstração de benevolência, mas, a essa altura, já está bastante escolado na vida para saber se inclinar e colher as pequenas bênçãos de onde quer que venham. Sem nem mesmo tentar, e sem orgulho, tornou-se um pouco mais gentil.

Também se sente mais disposto à generosidade, de um ponto em que sabe quanto precisa da caridade dos outros. Enquanto as pessoas se mostram vingativas, ele está mais interessado em suavizar as circunstâncias, voltado para quaisquer pedacinhos da verdade que lancem

uma luz menos moralista na perversidade e no mau comportamento. O cinismo é fácil demais e não leva a lugar nenhum.

Pela primeira vez na vida, ele se conscientiza da beleza das flores. Lembra que na adolescência quase chegava a odiá-las. Parecia absurdo que alguém apreciasse algo tão pequeno e passageiro, quando com certeza havia coisas maiores e mais permanentes para a projeção de nossas ambições. Ele, por sua vez, queria glória e intensidade. Deter-se numa flor era um símbolo de perigosa resignação. Agora, no entanto, ele começa a entender. O amor às flores é uma consequência da humildade e uma aceitação da decepção. É preciso que certas coisas deem errado várias vezes para sermos capazes de começar a admirar o caule de uma rosa ou as pétalas de uma primula. Porém, quando nos damos conta de que sonhos maiores sempre ficam de alguma maneira comprometidos, como podemos ficar gratos ao nos voltar para essas minúsculas ilhas de serena perfeição e deleite!

No confronto com certos ideais de sucesso, sua vida foi uma grande decepção. Contudo, ele também é capaz de ver que, no fim das contas, não é nenhum grande feito ficar fixado apenas no fracasso. É preciso coragem para encontrar uma perspectiva clemente e esperançosa da própria vida, saber ser amigo de si mesmo, pois é preciso suportar a responsabilidade em relação aos outros.

As vezes, ele toma um banho quente no meio da noite e examina o próprio corpo sob a luz intensa. Envelhecer é mais ou menos como ficar cansado, mas de um jeito que não poderá ser remediado nem por muitas horas de sono. A cada ano vai piorar um pouco. A fotografia ruim de hoje será a boa do ano que vem. O truque benevolente da natureza é fazer com que tudo aconteça tão devagar que não ficamos tão assustados quanto deveríamos. Um dia suas mãos estarão cobertas de manchas, como as dos tios velhos que conheceu na infância. Tudo o que aconteceu com os outros vai acontecer com ele também. Ninguém se livra de envelhecer.

Ele é um conjunto de tecidos e células unidos de forma delicada e complexa e trazidos à vida por apenas um instante. Basta uma colisão violenta ou uma queda para deixá-lo inanimado de novo. Toda a seriedade de seus planos depende de um fluxo constante de sangue no cérebro, através de uma rede vulnerável de vasos capilares. Se qualquer um deles sofrer a menor falha que seja, o tênue sentido que ele começou a conferir à vida será aniquilado na mesma hora. Ele não passa de uma fortuita constelação de átomos que decidiram resistir à entropia por alguns momentos na eternidade cósmica. Pergunta-se qual de seus órgãos sofrerá falência primeiro.

Ele é apenas um visitante que conseguiu confundir o seu eu com o mundo. Supôs ser mais um objeto estável, como a cidade de Edimburgo,

ou uma árvore, ou um livro, mas na verdade é mais como uma sombra ou um som.

A morte não será tão ruim assim, supõe: suas partes constituintes serão redistribuídas e devolvidas. A vida já se prolongou bastante e, num determinado ponto cujos contornos ele agora intui, chegará o momento de liberá-la e dar chance a outros.

Certa noite, voltando para casa pelas ruas escuras, ele passa por uma floricultura. Deve ter passado ali muitas e muitas vezes, mas nunca a notou. A vitrine está bem-iluminada, apresentando uma grande variedade de flores. Ele entra, e uma senhora de idade sorri calorosamente para ele. Seu olhar é atraído pelas primeiras flores locais de uma incipiente primavera: campânulas-brancas. Ele observa as mãos da mulher embrulhando o pequeno maço num delicado papel branco.

— Para uma pessoa importante, não é mesmo? — Ela sorri.

— Minha esposa — responde ele.

— Mulher de sorte — diz ela ao lhe entregar o ramo e o troco.

Ele espera chegar em casa e, dessa vez, provar que a florista tinha razão.



## *Prontos para o casamento*

Eles estão casados há treze anos, mas só agora, já meio tarde, Rabih se sente pronto para o casamento. Não é exatamente o paradoxo que parece. Como o casamento só transmite suas lições importantes aos que se matricularem em seu curso, é normal que a aptidão se siga à cerimônia, e não a anteceda — talvez em uma década ou duas.

Rabih reconhece que apenas por um artifício de linguagem pode afirmar que só se casou uma vez. O que convenientemente parecia um único relacionamento atravessou tantas evoluções, desconexões, renegociações, intervalos e retornos emocionais que, na verdade, ele passou por pelo menos uma dúzia de divórcios e novos casamentos — só que com a mesma pessoa.

Ele está percorrendo uma longa distância até Manchester, para uma reunião com clientes. É quando consegue pensar melhor, muito cedo pela manhã, no carro, com as vias quase totalmente livres e ninguém mais para conversar a não ser ele mesmo.

*Em outras épocas, a pessoa era considerada pronta para o matrimônio quando alcançava certos objetivos financeiros e sociais: quando tinha casa própria, um farto enxoval, diplomas e certificados alinhados sobre a lareira ou algumas vacas e um pedaço de terra em seu nome.*

*Até que, por influência da ideologia romântica, esses valores práticos vieram a parecer por demais mercenários ou calculistas, transferindo-se o foco para as qualidades emocionais. Passou-se a achar importante ter os sentimentos adequados; entre eles, a sensação de ter encontrado uma alma gêmea, a convicção de ser compreendido à perfeição, a certeza de jamais desejar voltar a dormir com outra pessoa.*

Agora ele sabe que as ideias românticas são uma receita de desastre. Sua aptidão para o casamento baseia-se em critérios bem diferentes. Ele está apto para o casamento porque — para começar a lista — desistiu da perfeição.

*Declarar que o amado é “perfeito” só pode ser um sinal de que não conseguimos entendê-lo. Podemos afirmar que começamos a entender alguém apenas quando essa pessoa nos decepcionou muito.*

*Porém, os problemas não são apenas delas. Quem quer que venhamos a conhecer, será bastante imperfeito: o estranho no trem, a velha conhecida da escola, o novo amigo virtual... Cada um deles com toda certeza virá a nos decepcionar. Os fatos da vida deformaram nossa natureza. Nenhum de nós saiu ileso. Todos fomos (necessariamente) criados de maneira aquém do ideal: brigamos em vez de explicar, implicamos em vez de ensinar, irritamos em vez de analisar nossas preocupações, mentimos e atribuímos culpa onde não existe.*

*As chances de um ser humano perfeito surgir dos perigosos caminhos da vida são nulas. Não precisamos conhecer um estranho muito bem para saber isso a respeito dele. Seu jeito específico de ser irritante não ficará claro de imediato (pode levar até alguns anos), mas a existência dele pode ser presumida em teoria desde o início.*

*Escolher uma pessoa para casar é, portanto, apenas uma questão de decidir que tipo de sofrimento queremos suportar, e não de presumir que encontramos uma maneira de nos esquivar das regras da vida emocional. Por definição, todos acabaremos com aquele manjado personagem de nossos pesadelos, “a pessoa errada”.*

*O que, no entanto, não precisa ser nenhuma catástrofe. O pessimismo romântico esclarecido apenas parte do princípio de que nenhuma pessoa pode ser tudo para a outra. Devemos procurar formas de nos adaptar da maneira mais suave e amigável possível às canhestras realidades da vida ao lado de outra criatura. O máximo que se pode conseguir é um casamento “satisfatório”.*

*Para nos compenetrarmos dessa realidade, pode ser de grande ajuda ter alguns amantes antes de sossegar, não para ter a chance de encontrar “a pessoa certa”, mas para desfrutar de amplas oportunidades de descobrir por experiência própria, em muitos contextos diferentes, que essa pessoa “certa” não existe; e que todo mundo, na verdade, é meio errado quando examinado bem de perto.*

Rabih sente-se pronto para o casamento porque perdeu as esperanças de ser realmente entendido.

*O amor começa com a experiência de ser entendido de maneiras incomuns e que representem um apoio muito forte. A outra pessoa percebe nossas partes solitárias; não precisamos explicar por que achamos tanta graça em determinada piada; detestamos as mesmas pessoas; ambos queremos experimentar aquela fantasia sexual bem específica.*

*Só que não pode continuar. Quando deparamos com os limites razoáveis da capacidade de compreensão do ser amado, não devemos acusá-lo de abandono. Ele não era tragicamente incapaz. Não tinha como compreender cem por cento quem éramos — e o mesmo de nossa parte. O que é normal. Ninguém entende direito ninguém, nem é totalmente capaz de empatia.*

Rabih sente-se pronto para o casamento porque se dá conta de que é louco.

*É muito contraintuitivo de nossa parte nos considerarmos loucos. Parecemos tão normais e quase sempre tão bons — a nós mesmos. Todos os outros é que estão fora do compasso... E, no entanto, a maturidade começa com a capacidade de perceber e, em bom tempo e sem defesas, reconhecer nossa própria loucura. Se não ficamos a todo momento constrangidos com quem somos, é porque a jornada de autoconhecimento ainda não começou.*

Rabih está pronto para o casamento porque entendeu que não é Kirsten que é difícil.

*Eles parecem “difíceis”, é claro, na jaula do casamento, quando perdem a paciência com coisas tão insignificantes: logística, parentes, turnos de limpeza, festas, supermercado... No entanto, não é culpa da outra pessoa, e sim do que tentamos fazer com elas. É a instituição do casamento que é sobretudo impossível, e não os indivíduos envolvidos.*

Rabih está pronto para o casamento porque está preparado para amar, mais do que ser amado.

*Falamos do “amor” como se fosse algo único e diferenciado, mas ele abrange dois modos muito diferentes: ser amado e amar. Deveríamos casar quando estivéssemos prontos para praticar este último e estivéssemos conscientizados de nossa fixação nada natural — e perigosa — no primeiro.*

*Começamos sabendo apenas sobre “ser amado”, e que vem a parecer — de forma equivocada — a norma. Para a criança, é como se o pai ou a mãe sempre estivesse espontaneamente ao alcance dela para confortar, orientar, entreter, alimentar e resolver tudo, ao mesmo tempo mantendo-se quase sempre carinhoso e alegre.*

*Levamos essa ideia de amor conosco para a idade adulta. Crescidos, desejamos recriar a sensação de ser cuidado e mimado. Num recanto secreto de nossa mente, imaginamos o ser amado como alguém capaz de prever nossas necessidades, ler nosso coração, agir com abnegação e tornar tudo melhor. Parece “romântico”, mas é uma receita certa de desastre.*

Rabih está pronto para o casamento porque sabe que o sexo sempre conviverá de maneira desconfortável com o amor.

*Na visão romântica, espera-se que amor e sexo estejam alinhados. Estamos de fato prontos para o casamento quando tivermos forças para aceitar uma vida de frustração.*

*Devemos reconhecer que o adultério não pode ser uma resposta viável, pois ninguém pode ser vítima dele sem deixar de se sentir magoado. Uma única aventura sem o menor significado costuma mesmo acabar com tudo. As vítimas do adultério não têm como saber o que de fato podia estar se passando na mente do parceiro durante a “traição”, quando se deitaram enroscadas com um estranho por algumas horas. Podemos ouvir sua defesa quanto quisermos, mas lá no fundo do coração teremos certeza de uma coisa: estavam decididos a nos humilhar, e já havia evaporado até a última gota de amor por nós, além da condição de ser humano digno de confiança. Insistir em qualquer outra conclusão seria remar contra a maré.*

Ele está pronto para o casamento porque (nos melhores dias) gosta de ser ensinado e ensina com calma.

*Estamos prontos para o casamento quando aceitamos que, em algumas áreas importantes, nosso parceiro será mais sábio, mais razoável e mais maduro do que nós. Devemos desejar aprender com ele. Devemos suportar que isto ou aquilo nos seja lembrado. E em outros momentos, estar dispostos a moldar nosso comportamento nos melhores pedagogos e dar sugestões sem gritar nem esperar que o outro apenas saiba. Só se já fôssemos perfeitos, a ideia da educação recíproca poderia ser descartada como algo desprovido de amor.*

Rabih e Kirsten estão prontos para se casar porque sabem, lá no fundo, que não são compatíveis.

*A visão romântica do casamento enfatiza a importância de encontrar a pessoa “certa”, o que em geral significa alguém sintonizado com nossos interesses e valores. Todavia, não existe uma pessoa assim a longo prazo. Somos por demais variados e peculiares. Não pode haver uma convergência duradoura. O parceiro realmente mais adequado não é aquele que por um milagre compartilha o mesmo gosto, mas o que é capaz de negociar diferenças de gosto com inteligência e elegância. Em vez de alguma ideia fantástica de complementaridade perfeita, o verdadeiro indicador da pessoa “certa” é a capacidade de tolerar a dessemelhança. A compatibilidade é uma conquista do amor; não pode ser sua pré-condição.*

Rabih está pronto para o casamento porque está farto da maioria das histórias de amor e porque as versões do amor apresentadas em filmes e romances quase nunca combinam com o que ele sabe por experiência própria.

*Pelos padrões da maior parte das histórias de amor, nossos relacionamentos reais são quase todos problemáticos e insatisfatórios. Não surpreende, assim, que a separação e o divórcio tantas vezes pareçam inevitáveis. Porém, devemos tomar o cuidado de não julgar nossos relacionamentos pelas expectativas que nos foram impostas por um veículo estético que costuma estar equivocado. A culpa é da arte, e não da vida. Em vez de nos separar, talvez precisemos contar a nós mesmos histórias mais precisas — histórias não tão voltadas para o início, que não nos prometam compreensão total, que se empenhem em tornar aceitáveis nossos problemas e nos indiquem uma direção melancólica, mas esperançosa, pelos cursos do amor.*

## O futuro

É aniversário de Kirsten, e Rabih providenciou uma noite em um hotel absurdamente luxuoso e caro nas Highlands. Eles deixam as crianças com uma prima dela em Fort William e pegam o carro para o castelo do século XIX. A promessa é de muralhas, cinco estrelas, serviço de quarto, salão de sinuca, piscina, restaurante francês e um fantasma.

As crianças deixaram a insatisfação delas bem clara. Esther acusou o pai de acabar com o aniversário da mãe.

— Tenho certeza de que vocês vão morrer de tédio e que mamãe vai sentir a nossa falta. Acho que vocês não deviam ficar longe tanto tempo.

— (Eles vão voltar a se ver na tarde seguinte.)

William garante à irmã que os pais sempre podem ver televisão e quem sabe encontrar uma sala de jogos com computador.

O quarto fica numa torre no alto da construção. Há uma grande banheira no centro, e as janelas dão para uma série de picos dominados pelo Ben Nevis, ainda coberto por uma leve camada de neve no topo em junho.

Depois que o jovem encarregado do hotel entrega as bagagens e vai embora, eles se sentem sem jeito na presença um do outro. Já faz anos, muitos anos, desde que estiveram sozinhos num hotel pela última vez, sem filhos nem nada específico a fazer nas vinte e quatro horas seguintes.

Parece que estão tendo um caso, de tanto que se comportam diferente nesse cenário. Estimulados pela solenidade e a tranquilidade do amplo quarto de pé-direito alto, eles se mostram mais formais e respeitosos. Kirsten pergunta a Rabih com inusitada solicitude o que ele gostaria de pedir do menu de chá ao serviço de quarto — e ele prepara um banho para ela.

*O segredo talvez não seja começar uma vida nova, mas aprender a reavaliar a antiga com olhos menos cansados e habituados.*

Ele deita na cama e a observa mergulhada na banheira: com os cabelos presos, ela lê uma revista. Ele se arrepende e se sente culpado pelos

problemas que geraram um para o outro. Dá uma olhada nos panfletos que pegou no balcão da recepção. Oferecem caça em setembro e possibilidades de pesca de salmão em fevereiro. Ao terminar, ela levanta da banheira com os braços cruzados sobre os seios. Ele fica sensibilizado e um pouco excitado com o recato.

Eles descem para jantar. O restaurante está iluminado com velas, e tem cadeiras de espaldar alto e galhadas nas paredes. O garçom apresenta os seis pratos do cardápio de um jeito muito afetado que, para sua surpresa, os dois apreciam. Já estão bastante escolados no desleixo da domesticidade, a esta altura, para não resistir à chance de desfrutar de um pouco de hospitalidade um tanto encenada.

Eles começam falando das crianças, dos amigos e do trabalho, e então, depois do terceiro prato — carne de cervo num leite de musse de aipo —, avançam para território menos conhecido, conversando sobre o desejo reprimido dela de voltar a tocar um instrumento e os planos dele de levá-la a Beirute. Kirsten até começa, finalmente, a falar do pai. Explica que sempre que vai a um lugar desconhecido fica se perguntando se ele não poderia estar morando por perto. Quer tentar entrar em contato com ele. Lágrimas contidas brilham em seus olhos, e ela diz que está cansada de ficar com raiva dele. Talvez tivesse feito o mesmo que o pai na situação em que se encontrava. Ou quase. Gostaria que ele conhecesse os netos e (acrescenta com um sorriso) seu terrível e estranho marido do Oriente Médio.

Rabih pediu um vinho francês bem caro, quase o preço da própria hospedagem, e que já começou a fazer efeito. Ele quer pedir outra garrafa, e que se dane o preço. Percebe o papel psicológico e moral do vinho, sua capacidade de abrir canais de sentimento e comunicação que, de outra forma, permaneceriam fechados — não apenas uma maneira rudimentar de escapar das dificuldades, mas de dar acesso a emoções às quais a vida cotidiana injustamente não abre espaço. Ficar bem bêbado não parecia tão importante havia muito tempo.

Ele se dá conta de que ainda há muita coisa que não sabe a respeito da mulher. Kirsten lhe parece quase uma estranha. Imagina que é o seu primeiro encontro e que ela topou vir trepar com ele num castelo escocês. Deixou em casa os filhos e o terrível marido. Está bolinando ele por baixo da mesa, fitando-o com seus olhos inteligentes e céticos, e derramando um pouco de vinho na toalha de mesa.

Ele se sente muito grato aos garçons com seus uniformes negros, ao carneiro de criação local que foi abatido por eles, ao *fondant* de chocolate de três camadas, aos *petits fours* e ao chá de camomila por conspirarem para criar um ambiente que ressalta o fundamental mistério e o encanto de sua mulher.

Ela não gosta muito de receber elogios, claro, mas a essa altura Rabih já está ciente, entende onde tudo isso se originou, a independência e a reticência que o incomodavam no passado, mas não incomodarão tanto no futuro, e, de qualquer modo, vai em frente e diz que ela está linda, que seus olhos são muito inteligentes, que se orgulha dela e sente muito por tudo. E em vez de rechaçar suas palavras com um de seus habituais comentários impassíveis, ela sorri — um sorriso amplo, caloroso e tranquilo —, diz obrigada, aperta a mão dele e pode até estar começando a acumular de novo um pouco de lágrimas no exato momento em que o garçom se aproxima e pergunta se a senhora precisa de mais alguma coisa. Ela responde, engolindo um pouco as palavras:

— Só um pouquinho mais de gentileza. — E se recompõe.

O vinho também subiu à sua cabeça, enchendo-a de coragem; coragem suficiente para ser fraca. Parece que lá dentro alguma terrível transgressão está ocorrendo. Ela já está farta de resistir a ele, quer se entregar de novo, como fazia outrora. Sabe perfeitamente que vai sobreviver ao que quer que aconteça. Há muito deixou de ser uma menina. É uma mulher que enterrou a própria mãe no solo pegajoso do cemitério de Tomnahurich e trouxe dois filhos ao mundo. Gerou um menino e, portanto, sabe como são os homens antes de terem condições de causar danos às mulheres. Sabe que a ferocidade masculina quase sempre é só medo. De sua nova posição de força, sente-se generosa e indulgente com a perniciosa fraqueza deles.

— Me desculpe por nem sempre ter sido a pessoa que queria que eu fosse, Sr. Sfouf.

Ele acaricia seu braço desnudo e responde:

— Mas você tem sido muito mais do que isso.

Eles sentem uma vertiginosa lealdade ao que construíram juntos: o casamento briguento, mal-humorado, cheio de riso, tolo e lindo, que tanto amam por ser tão nítida e dolorosamente seu e só seu. Orgulham-se de ter chegado tão longe, de ter perseverado, tentando sempre entender as loucuras um do outro, assinando um acordo de paz após o outro. Poderia haver tantos motivos para não estarem mais juntos. O rompimento teria sido a decisão natural, quase inevitável. A continuidade é a conquista estranha e exótica — e eles têm um sentimento de lealdade ao seu amor batalhado e cicatrizado.

Na cama, de volta ao quarto, ele acaricia as marcas que os filhos deixaram na barriga dela, o jeito como a rasgaram, marcaram e exauriram com seu inocente egoísmo primal. Ela nota uma nova e ondulante suavidade nele. Está chovendo muito; o vento sopra nas muralhas. Ao terminarem, abraçam-se junto à janela e bebem uma garrafa de água mineral local à luz de um lampião do pátio abaixo.



O hotel ganhou para eles uma importância metafísica. Os efeitos não vão ficar limitados a esse ambiente exótico; eles levarão as lições de valorização e reconciliação aos cômodos mais frios e simples da vida cotidiana.

Na tarde seguinte, a prima de Kirsten devolve as crianças. Esther e William correm para abraçar os pais na sala de bilhar junto à recepção. Esther traz Dobbie nos braços. Os pais estão com dor de cabeça, como se acabassem de descer de um voo muito longo.

As crianças se queixam muito de terem sido abandonadas como órfãos e forçadas a dormir num quarto que cheirava a cachorro. Exigem explícita confirmação de que esse tipo de viagem não voltará a acontecer nunca mais.

E então, como planejado, os quatro vão dar uma caminhada. Seguem por algum tempo um rio e sobem a colina de Ben Nevis. Passada meia hora, saem do bosque e diante deles se descortina uma paisagem que se estende por quilômetros ao sol de verão. Lá embaixo, veem ovelhas e construções de fazendas que mais parecem brinquedos.

Eles montam acampamento numa área de arbustos. Esther tira as botas e corre ao longo de um riacho. Em poucos anos será uma mulher, e toda a história vai recommençar. William segue um caminho de formigas até o formigueiro. É o dia mais quente do ano até agora. Rabih deita-se na terra, braços e pernas estendidos, e segue o percurso de uma inofensiva nuvenzinha pelo céu azul.

Querendo capturar o momento, Rabih os chama para uma foto, aciona a câmera apoiada numa pedra e corre para aparecer também. Ele sabe que a felicidade perfeita só chega em unidades minúsculas, por acréscimo, talvez não mais que cinco minutos de cada vez. É o que temos que segurar com as mãos e tratar com carinho.

Lutas e conflitos logo voltarão a surgir: uma das crianças ficará infeliz, Kirsten fará um comentário irritado sobre algo descuidado que ele fez, ele vai se lembrar dos desafios que enfrenta no trabalho, vai se sentir amedrontado, entediado, chateado e cansado.

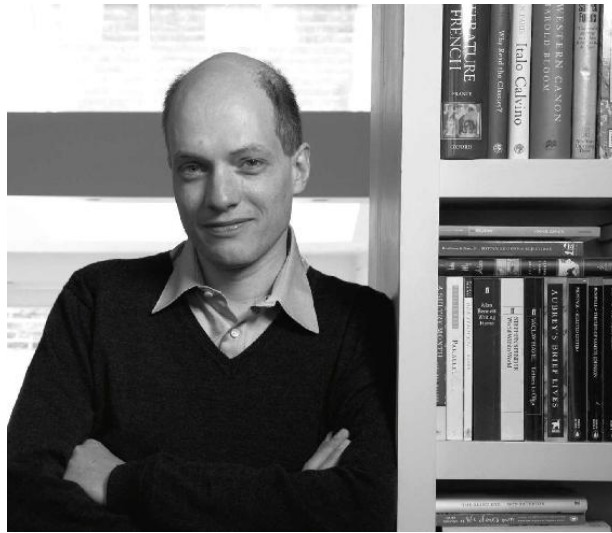
Ninguém pode prever o destino final dessa foto, Rabih sabe: como será interpretada no futuro, o que o observador poderá procurar em seus olhos. Será a última foto de todos eles juntos, tirada horas antes do acidente na volta para casa, ou um mês antes de ele descobrir o caso de Kirsten e ela sair de casa, ou no ano anterior ao início dos sintomas de Esther? Ou será que ficará esquecida durante décadas dentro de uma moldura empoeirada numa prateleira da sala de estar, à espera de ser casualmente apanhada por William quando ele voltar para casa para apresentar a noiva aos pais?

A consciência da incerteza faz com que Rabih queira agarrar-se com mais fervor à luz. Mesmo que só por um momento, tudo faz sentido. Ele sabe como amar Kirsten, como ter confiança suficiente em si mesmo,

como sentir compaixão pelos filhos e ser paciente com eles. No entanto, tudo isso é desesperadoramente frágil. Ele sabe muito bem que não tem o direito de se considerar um homem feliz; é apenas um ser humano comum passando por uma pequena fase de satisfação.

Pouquíssimas coisas podem acabar sendo perfeitas; agora ele sabe disso. Tem noção da coragem necessária para viver até mesmo uma vida bem medíocre como a sua. Manter tudo isso funcionando, assegurar a continuidade de sua condição de indivíduo quase são, sua capacidade de sustentar financeiramente a família, a sobrevivência de seu casamento e o desenvolvimento dos filhos — esses projetos não oferecem menos oportunidades de heroísmo do que um conto épico. É improvável que ele seja convocado para servir à nação ou combater um inimigo, mas, ainda assim, é necessário coragem, dentro dos seus domínios limitados. Coragem de não se deixar abater pela ansiedade, de não magoar os outros por frustração, de não ficar furioso demais com o mundo pelas feridas que nos inflige de maneira imprudente, de não enlouquecer por completo e dar um jeito de perseverar de um modo mais ou menos adequado em meio às dificuldades da vida de casado — é essa a verdadeira coragem; um heroísmo em si mesmo. E por um breve momento nas encostas de uma montanha escocesa ao sol de um fim de tarde de verão — e também de vez em quando a partir daquele momento —, Rabih Khan sente que, com Kirsten ao seu lado, pode ser forte o suficiente para qualquer coisa que a vida exija dele.

## *Sobre o autor*



© Charlotte de Botton

Alain de Botton nasceu em Zurique, na Suíça, em 1969, e desde os oito anos vive com a família na Inglaterra. Estudou na tradicional Universidade de Cambridge. Seus livros de ensaio sobre temas ligados à filosofia da vida cotidiana tornaram-se best-sellers em mais de trinta países. Alguns foram transformados em documentários para a televisão britânica. Seus escritos desenvolvem ideias originais apoiadas, de forma inusitada, na obra de grandes pensadores, seguindo uma tradição iniciada por Sêneca e Montaigne. É autor de *Como Proust pode mudar sua vida*, *A arte de viajar*, *Religião para ateus*, *Arte como terapia* e *Notícias: manual do usuário*, publicados pela Intrínseca.

*Conheça outros títulos do autor*



*Religião para ateus*



*Como Proust pode mudar sua vida*

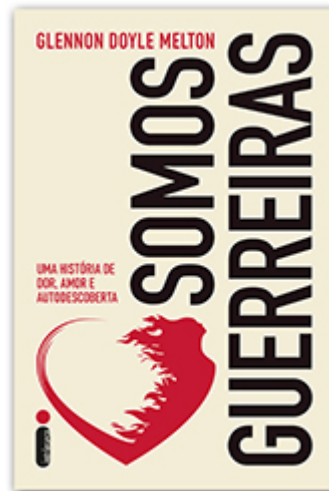


*Alain de Botton  
A arte de viajar*



*Alain de Botton  
Notícias — Manual do usuário*

*Leia também*



*Somos guerreiras*  
Glennon Doyle Melton



*Destinos e fúrias*  
Lauren Groff